

Pedro Tierra



Poemas do Povo da Noite

5ª Edição
REVISADA



FUNDAÇÃO
Perseu Abramo
Partido dos Trabalhadores

PUBLISHER
BRASIL

Das mãos e do coração de um sobrevivente

Essa quinta edição brasileira dos Poemas do Povo da Noite, de Pedro Tierra exige um registro – algo como um alerta – distinto daquele assinado pelo então presidente da Fundação Perseu Abramo (FPA), Nilmário Miranda para a edição anterior, no marco dos 30 anos da Lei de Anistia.

Nesse país que nos condena a andar em círculos, essa edição vem à luz, no meio da tormenta que sacode o Brasil com a ruptura da Constituição de 88 e a deposição da presidenta eleita por uma conspiração da plutocracia derrotada em quatro eleições sucessivas, para deter a mais significativa experiência de redução das desigualdades na nossa História. O país assiste assombrado à ressurreição dos fantasmas do arbítrio e da tirania que julgávamos definitivamente sepultados. O livro cumpre, assim, sua vocação mais profunda expressa na epígrafe de Babeuf: “Há os que vivem lamentando a opressão, eu morrerei denunciando-a”.

Os poemas que o compõem foram escritos em centros de detenção e tortura (DOI-Codi, Dops, Quartéis) e nos presídios que receberam prisioneiros políticos (Tiradentes, Hipódromo, Carandiru, Barro Branco) durante os anos mais sombrios da Ditadura Militar, entre 1972 e 1977. Saíram clandestinamente das prisões para escapar da censura e chegaram aos movimentos de solidariedade europeus e latino-americanos, que contribuíam para denunciar a barbárie que o regime impusera ao país. Foram lidos e recitados em pequenas reuniões, em sindicatos, comunidades, movimentos em defesa da Anistia e pela reconstrução da democracia onde se teciam os cordões da rede de resistência popular que minava as bases de sustentação do regime.

Nos anos em que foram escritos esses poemas não se passava uma semana sem que nos chegassem notícias de assassinatos, após torturas brutais, de militantes da resistência. Muitos deles estão indicados na dedicatória dos poemas como um registro para que o leitor não se dê o direito ao esquecimento. E para que o país não se dê o direito ao esquecimento e, diante do avanço dos fantasmas daquele passado de terror, de tortura e de morte, cometa os mesmos erros, os mesmos enganos. E a poesia possa, como naqueles anos, inspirar a luta das gerações condenadas à liberdade. A poesia, todos sabemos, nunca foi um instrumento muito apreciado para derrubar governos. Mas não há tirania que não a tema.

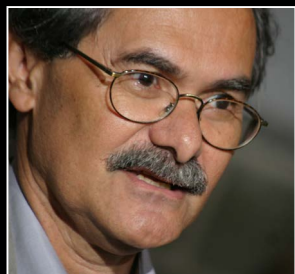
Pedro Tierra (Hamilton Pereira da Silva), filho de Sabino Pereira da Silva e Ana Costa Pereira. Retirantes piauienses que escaparam da seca e da cerca, nos anos 1930. Casado pela segunda vez. Nasceu em seis ou 26 de julho de 1948, há controvérsias, em Porto Nacional. O umbigo foi enterrado no oitão da casa. Sobre isso não há controvérsias. O que faz dele um homem votado à terra. Tem o 2o grau completo, não frequentou a Universidade porque a polícia chegou antes do vestibular. Viveu em seminários católicos e prisões. Nos seminários católicos quando não tinha o uso da razão. Nas prisões, quando adquiriu-o... lutou contra a ditadura numa organização proscrita, a Ação Libertadora Nacional (ALN). Cumpriu cinco anos de cárcere, de 1972 a 1977. Libertado vivo, aos 28 anos contribuiu para fundar sindicatos de trabalhadores rurais país afora.

Atuou durante alguns anos no Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e na Comissão Pastoral da Terra (CPT), organismos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), ao lado de D. Tomás Balduino. Em 1983 tornou-se o primeiro secretário geral da CUT no Estado de Goiás, onde vivia. Colaborou, desde os primeiros, passos com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). É militante do PT desde sua fundação.

Em 1996 compôs a primeira Diretoria da Fundação Perseu Abramo. Em 1997 foi convidado pelo então governador do Distrito Federal, eleito pelo PT, para dirigir a Secretaria de Cultura. Foi coordenador de Cultura na campanha de Lula à Presidência da República, em 2002.

Em abril de 2003 assumiu a presidência da Fundação Perseu Abramo (FPA). Em junho de 2007 aceitou o convite para compor a equipe do Ministério do Meio Ambiente (MMA). Nesse período, como Secretário de Articulação Institucional do MMA, coordenou a III Conferência Nacional do Meio Ambiente. Em seguida foi convidado para a Assessoria Especial da Agência Nacional de Águas (ANA). De 2011 a 2014 reassumiu a Secretaria de Cultura do Distrito Federal, durante a gestão do Partido dos Trabalhadores (PT). De 2015 a 2018 foi Secretário da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa do DF.

Poeta. Firma seus poemas como Pedro Tierra, desde o primeiro livro. Títulos publicados: Poemas do Povo da Noite (Menção Honrosa da Casa das Américas), Havana, Cuba 1978), Água de Rebelião, Missa da Terra sem males (em parceria com Pedro Casaldáliga e Martin Coplas), Missa dos Quilombos (em parceria com Pedro Casaldáliga e Milton Nascimento), Inventar o Fogo, Passarinhar, Dies Irae e O Porto Submerso. Na Alemanha teve publicada a antologia de poemas "Zeit der Widrigkeiten", Edition Diá, 1990, reeditada por Geração Editorial e lançada em 2014, na Feira de Frankfurt que homenageou o Brasil. Em 2016 ao lado de



oito companheiros, ex-prisioneiros políticos, publicou "A Repressão Militar-Policial no Brasil (olívrio chamado João)" pela Expressão Popular. Em 2020 publicou "Pesadelo: narrativas dos anos de chumbo", pela Fundação Perseu Abramo em coedição com a Autonomia Literária. Suas obras estão traduzidas para o italiano, o espanhol, francês, inglês e alemão. Durante oito anos foi presidente do Conselho Curador da Fundação Perseu Abramo.

Poemas do Povo da Noite

Pedro Tierra

**Edição para não esquecer
45 anos da 1ª edição brasileira**

*45 anos * 1979/2024*

ANISTIA

Fundação Perseu Abramo

**5ª edição revisada
São Paulo, 2024**

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Instituída pelo Diretório Nacional do
Partido dos Trabalhadores em maio de 1996.

DIRETORIA

Presidente: Paulo Okamoto

Vice-presidenta: Vívian Farias

Diretores: Elen Coutinho, Naiara Raiol, Alberto
Cantalice, Artur Henrique, Carlos Henrique Árabe,
Jorge Bittar, Valter Pomar, Virgílio Guimarães

CONSELHO EDITORIAL

Albino Rubim, Alice Ruiz, André Singer, Clarisse
Paradis, Conceição Evaristo, Dainis Karepovs,
Emir Sader, Hamilton Pereira, Laís Abramo, Luiz
Dulci, Macaé Evaristo, Marcio Meira, Maria Rita
Kehl, Marisa Midori, Rita Sipahi, Silvio Almeida,
Tássia Rabelo, Valter Silvério

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO

Coordenação editorial: Rogério Chaves

Assistente editorial: Raquel Costa

Editoração (5ª ed.): Patrícia Jatobá

Tierra, Pedro

T443p

Poemas do povo da noite [livro eletrônico] / Pedro Tierra – 5. ed
São Paulo: Fundação Perseu Abramo; Publisher Brasil, 2024.

246 p.

ISBN ISBN: 978-65-5626-156-0

1. Literatura brasileira - poesia. 2. Ditadura – Brasil. 3. Tortura. 4. Presos políticos I. Título II. Tierra, Pedro III. Silva, Hamilton Pereira da.

Fundação Perseu Abramo

Rua Francisco Cruz, 234 – Vila Mariana

04117-091 – São Paulo – SP

(11) 5571 4299

editora@fpabramo.org.br

www.fpabramo.org.br

Copyright © 2017 Publisher Brasil

Copyright © 2017 Fundação Perseu Abramo

Este livro, excetuando a obra poética do autor, obedece
às regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

EDITORIA PUBLISHER BRASIL

Editor | Renato Rovai

Capa e direção de arte | Carmem Machado

Projeto gráfico | Miguel Ribeiro

Ilustrações da capa e aberturas | Pepe

Agradecimentos

Alexandre Vannuchi Leme da Silva

Athos Pereira

Mila Frati

Sueli Bellato

Flarion Maués

Nilmário Miranda

Juarez Guimarães

Reinaldo Morano

Mané Cirilo

Maurice Politi

Fábio Ortiz

Luiz Eduardo Grenhalgh

Pepe

A memória acesa

A memória se constitui como fato relevante na história e nas culturas dos povos quando convertemos as recordações individuais ou de grupos em ação coletiva. Em Política, portanto. Em ação cultural permanente voltada para tecer em todas as linguagens simbólicas, valores que dialoguem com as gerações presentes e futuras.

Assim se desenha a fisionomia de uma nação. Com objetivos definidos e a construção partilhada de um destino soberano. Fora isso, é condenar-se a repetir a tragédia circular da submissão colonial que nos humilha há cinco séculos.

Os segmentos democráticos desta sociedade tropical, monstruosa, atravessada pela cicatriz aberta da escravidão, não podem renunciar ao seu direito de recuperar a trajetória dos movimentos sociais e populares que resistiram à ditadura de todas as formas e em todas as frentes, até derrotá-la.

Esse é um desafio incontornável para romper o cerco do neofascismo e do neoliberalismo que nos sitiam – um e outro são incompatíveis com a democracia – e dar o passo seguinte para escapar da barbárie.

Esses poemas escritos no cárcere, compõem um mosaico imperfeito. Talvez eles permaneçam, passados tantos anos, como indicadores entre o testemunho das brutalidades cometidas pelo terror de Estado e o permanente impulso de esperança capaz de iluminar a saída do labirinto engendrado pela ditadura militar. Se a poesia comove, modifica, produz ação, transforma.

Pedro Tierra
Agosto de 2024

Sumário

A memória acesa	7
Explicação necessária	13
Prefácio, por Pedro Maria Casaldáliga	25
Le parole sepolte fiorianno, por Ettore Masina	31
Poema-Prólogo	33
Poemas do calabouço	
Sobreviveremos	36
Tecendo o canto.....	37
A palavra sepultada.....	38
Companheira.....	39
Um velho combatente.....	40
Perguntaram-me muitas coisas.....	41
As mãos limpas	42
Domingo	43
A hora dos mortos.....	44
O grito.....	45
O capuz.....	46
As mãos atadas.....	47
Poemas do povo da noite	
Aspiração.....	50
Palavras ao menino vadio (1964).....	51
Peregrino.....	52
Ovelho.....	54
Oficina.....	56
4 de novembro.....	57
Madrugada	58
Ao companheiro libertado.....	59
Ponto de chegada	60
Há um lugar na barricada.....	61

A hora do inimigo

Os materiais	63
O inimigo	64
Refluir	65
Carta aos meus companheiros em greve	66
Com estas mãos.....	67
Estação ferroviária.....	68
Não olhes para trás	69
Marcha noturna.....	70
Poema depois do suplício.....	71
Sem sangue derramado não há libertação.....	72
Canto para as mãos partidas de Victor Jara	74
E me interrogo.....	75

Poemas da companheira

Hoje não estás comigo.....	77
Negavas o pranto.....	79
“Rosa”	80
Campo de flores.....	81
Canto escuro.....	82

Os esperados

I. Abertura 1975.....	84
II. A espera.....	85
III. O destino.....	86
IV. Persiste a sombra.....	87

Pavilhão Cinco

16º dia.....	90
O sangue do rio	91

O livro dos fuzilados

Angel.....	92
Juan.....	94
Luis.....	96
José.....	98
Ramón.....	99

Poemas do “enforcado”

A última noite.....	101
Tomás Carvalhal, 1030.....	102

Retorno ao labirinto

Soterrado.....	105
Açoite.....	107
O ventre.....	110
Corredores.....	112
Não serei a tua paz.....	114
Poema sem medida.....	115

Tempo subterrâneo.....

118

Não chorarei os camaradas mortos.....

143

Mirantes e Calabouços.....

144

Essa água de Pedro, poesia.....

151

Oficinas da morte.....

164

Temponoite.....	165
A razão do poema.....	167
Regresso à terra.....	169
Não negues.....	171
Golpe.....	172
Mãos partidas.....	173
Viola.....	174
Não chores.....	175
Testemunha.....	178
Ressurreição.....	180
O muro.....	182
Canto para renascer.....	183
Marcha.....	186

Pedro Tierra, um poeta engajado	190
A memória do anjo	
I. O anjo do terror.....	194
II. O enforcado.....	197
III. O enterro.....	202
IV. O olvido.....	206
V. O labirinto de Pedra-Canga.....	209
VI. O enterro do vazio.....	212
VII. A pedra da memória.....	215
O poeta Pedro Tierra	219
A atribulada biografia de um livro	225
Bibliografia e Fontes	242

Cláudio Abramo
São Paulo, 1999.

(...) “Muitos anos depois, no Brasil fui uma noite a livraria, em companhia de um casal amigo e lá comprei um livro de um jovem, Piedro Tierra, um livro que me fez as lágrimas brotarem dos olhos, tal a sua força. Ninguém fala desse jovem, em quem se reconhece desde logo o tom de um grande poeta da dor e do sofrimento, que grita contra a tortura que sofreu porque o Brasil me parece um país que cada vez mais dá as costas a si próprio. Gostaria de mostrar versos de Pedro Tierra a Giuseppe Ungaretti, a T. S. Eliot, a Stephen Spender!”

Folha de S. Paulo, 21/03/1981

Explicação necessária

“Compreender não significa negar o ultrajante, subtrair o inaudito do que tem precedentes, ou explicar fenômenos por meio de analogias e generalizações tais que se deixa de sentir o impacto da realidade e o choque experiência. Significa antes examinar e suportar conscientemente o fardo que os acontecimentos colocaram sobre nós – sem negar sua existência nem vergar humildemente ao seu peso, como se tudo o que de fato ocorreu não pudesse ter acontecido de outra forma. Compreender significa, em suma, encarar a realidade, espontânea e atentamente, e resistir a ela – qualquer que seja, venha a ser ou possa ter sido” (Hannah Arendt, in *As Origens do Totalitarismo*).

A democracia brasileira deve a si mesma esse exercício de “compreender” a que se refere Hannah Arendt, como condição para consolidar o país como nação civilizada. E incorporar os anos de treva, com as perseguições, a brutalidade, a delação, o medo, a tortura, os assassinatos, os desaparecimentos, o exílio, o rosário de horrores perpetrados pelo estado ditatorial à exata dimensão histórica que lhe cabe: uma realidade incontestável e irrecusável que deitará sua sombra sobre a face futura do Brasil, até que seja resgatada.

Sobrevivente. Não encontro melhor palavra para definir-me. Trinta anos depois dos fatos registrados pelo espanhol Jorge Semprún, em a “Grande Viagem” onde denuncia a violência, a deportação nos comboios ferroviários da França para a Alemanha e o encarceramento no Campo de Concentração de Buchenwald, escrevi dois poemas. “**Os Esperados**” com a dedicatória: “**Este poema é dedicado a todas as mães, filhas, esposas, órfãos que procuram, sem resposta, a vida ou a morte dos seus**”. E “**Tempo Subterrâneo**” uma percepção precária do que ocorria no Continente, em particular no Brasil e Argentina, num momento em que a noite – velada pela “**Operação Condor**” – descera absoluta, sobre essa atormentada geografia.

Concretamente o impulso para escrevê-los me veio de um diálogo, talvez o mais dramático que já mantivera em minha vida até ali. Meu interlocutor se chamava Mayer Kucinski, pai de Ana Rosa Kucinski, militante da ALN¹, *desaparecida*. A expressão '*diálogo*' é pálida e insuficiente para dar conta daquele contato entre dois desconhecidos.

Era uma tarde de sábado, dia de visita dos familiares aos presos políticos no Presídio Barro Branco, Zona Norte de São Paulo, 1975. Eu nunca vira antes o Sr. Mayer Kucinski. E não imagino quem, entre os quarenta e dois condenados que cumpriam pena ali, o conhecia. Nunca tivera diante de mim, como naquela tarde, o corpo devastado de um ancião sustentado por dois olhos – duas chamas – que eram a encarnação do desespero. Alguma razão, não atino qual, nos levou ao pátio onde nos sentamos.

Ele, num impulso trôpego, angustiado, irreprimível, com um sotaque da Europa do Leste que o deixava ainda mais frágil, como se a entonação da fala imprimissem em cada palavra a irremediável e definitiva condição de estrangeiro, me narrou seus dias e noites de tormento.

O relato torrencial não admitia interrupção. Eu mirava a intensa gesticulação de Mayer Kucinski e via o **Sr. K**, o personagem de Kafka, em busca de respostas a percorrer os labirintos do "**Processo**" de contornos enganosos, sempre indefinidos, sempre remetendo para outra sala, outro espaço, outro desespero, outro desalento, outro infinito périplo...

Mayer Kucinski buscava Ana Rosa, sua filha. Desejava, para seguir vivendo, ver o rosto de Ana Rosa. Varava meus olhos com o cravo dos seus e me pedia, patético – a mim, que àquela altura cumpria já o terceiro ano de prisão – uma palavra, ainda que fosse a notícia de sua morte. Eu não tinha nenhuma palavra para lhe dar.

*"Há uma hora em que todas as bocas se fecham.
Há uma hora em que a memória nega.*

1. ALN - Ação Libertadora Nacional. Organização da resistência armada à ditadura militar vigente de 1964/1985, fundada por Carlos Marighella, Joaquim Câmara Ferreira e outros dirigentes do PCB, expulsos do Partido em 1967. Foi uma das mais ativas organizações da guerrilha urbana até 1973.

*Há uma hora em que a noite desce
como a mordação definitiva.”²*

Aqui, nos trópicos, a tirania produziu tragédias semelhantes às do nazismo e as prolongou para atormentar o sono das gerações seguintes. Lá os principais responsáveis foram para Neuremberg, aqui para a aposentadoria.

Alguns anos e muitas campanhas mais tarde, em que parte significativa da sociedade brasileira se mobilizou numa rede de solidariedade poucas vezes vista, chegou às minhas mãos esse impressionante relato do militante brasileiro, sobrevivente das prisões argentinas, Flávio Koutzii, expressando “o compromisso com a memória, no sentido de preservá-la do esquecimento interessado daqueles que consideram que a conciliação é a única forma da política e que o “revanchismo” é um mal-entendido tático dos mortos, dos torturados, dos presos e dos indignados, dos oprimidos de toda a vida.”³ Li nessas páginas, numa prosa seca, dura, objetiva, aquilo que a poesia apenas intuía naqueles anos, filtrada pela “multidão de sombras”.

Koutzii prossegue, sob a visível influência da reflexão de Hannah Arendt com que abri esta “**Explicação necessária**”: “Tenho consciência dos perigos deste caminho. Um deles é o de ficar ao nível descritivo e não conseguir estabelecer claramente os elementos que explicariam as características estruturais do seu funcionamento. (Ele se refere ao sistema prisional argentino).

E se falo de consciência quero dizer que há escolha. A minha é a de tentar encontrar um espaço que escape à banalização dos testemunhos – triste conseqüência da banalização do mal – evitando, ao mesmo tempo, generalizações e abstrações que distanciem do tema analisado. O universo carcerário é justamente “outro” universo. Fechado sobre si mesmo, com leis próprias. Outro mundo, outra lógica. É o que quero que se conheça e entenda. Não quero horrorizar, mas fazer compreender.”⁴

2. Tierra, Pedro. “Tempo subterrâneo” in *Poemas do Povo da Noite*, Livramento, São Paulo, 1979.

3. Koutzii. *Pedaços de Morte no Coração*, L&PM, Porto Alegre 1984.

4. Koutzii, Flávio op. cit.

O exercício de compreender aqueles anos e uma transição que já se arrasta por décadas, não pode prescindir de relatos como esses *“Pedacos de morte no coração”*. Eles cumprem o que promete o autor no prefácio, vão além do testemunho: incorporam o sobre-humano esforço de discernir as raízes do terror que anoiteceu o continente por quase três gerações.

Esse ofício de sobreviver

“Perdemos a noção do tempo.”

Esse é o primeiro verso dos *“Poemas do Povo da Noite”*. A versão definitiva do poema foi escrita em outubro de 1974, na Penitenciária do Carandiru, quando eu já cumprira o segundo ano de cárcere. Antes fora rabiscada em pedaços de papel de cigarro, em letra miúda, ou memorizada para escapar das revistas constantes nas celas do 10º Batalhão de Caçadores – 10º BC, Goiânia; do Pelotão de Investigações Criminais – PIC, no Setor Militar Urbano, em Brasília; da OBAN/DOI-CODI do II Exército – o endereço da morte –, do DOPS, do Presídio Tiradentes, do Presídio do Hipódromo ou da Casa de Detenção e da Penitenciária do Estado de São Paulo, no complexo Carandiru e, por fim, do Presídio Romão Gomes; em São Paulo. Não exatamente porque os carcereiros dessas instituições cultivassem especial interesse pela poesia...

“Perdemos a noção do tempo.”

O tempo. Cabe uma breve reflexão sobre ele. É possível percebê-lo de várias formas. Quinze anos depois dos acontecimentos que este livro narra, um general confortavelmente instalado em sua poltrona de reformado, diria numa entrevista em que contava reminiscências sobre sua participação em interrogatórios de prisioneiros políticos, durante os anos do regime militar, a seguinte frase: *“O primeiro objetivo do interrogador é fazer com que o interrogado perca a noção do tempo.”* Impressionou-me a coincidência dos termos. Assim começam a

ruir as defesas dos prisioneiros, lembrava, o general. O método consistia, além da brutalidade dos espancamentos, dos choques elétricos, do pau de arara, da cadeira-do-dragão, em oferecer a comida em horários diferentes, sem nunca repetir o mesmo ciclo; despertar altas horas da madrugada quem passara os últimos dias sem saber distinguir o dia da noite, encerrado numa cela sem luz; enfiar a cabeça do preso num capuz para que não fosse capaz de compor uma ideia clara sobre os espaços por onde era conduzido; chamá-lo para o interrogatório e devolvê-lo para a cela sem nenhuma pergunta; destruir metodicamente todas as referências, todos os laços com a realidade que antes o cercava para deixá-lo inteiramente vulnerável. No século XX em que, mais do que em qualquer outra época da história, a ciência foi posta, de forma monstruosa, a serviço da dor e da morte, é necessário registrar que o general tinha razão, e mais, que alcançou, em parte, seu objetivo.

“Il y a cet entassement des corps dans le wagon, cette lancinante douleur dans le genou droit. Les jours, les nuits. Je frais en effort et j’essaye de compter le jours, de compter les nuits. Ça m’aidera peut-être à y voir clair. Quatre jours, cinq nuits. Mais j’ai dû mal compter ou alors Il y a des jours qui sont changer em nuits. J’ai des nuits em trop; des nuits à revendre. Um matin, c’est sûr, c’est un matin que ce voyage commencé. Toute cette journée-là. Une nuit ensuite. Je dresse mon pouce dans la pénombre du wagon. Mon pouce pour cette nuit-là. E puis une autre journée. Nous étions enconre em France et le train a à peine bougé. Nous entendios des voix, parfois, de cheminorts, au-delà du bruit des bottes des sentinelles. Oublie cette journée, ce fut le desesper. Une autre nuit. Je dresse un deuxième doight dans la pénombre. Un troisième jour. Une autre nuit. Trois doigts de ma main gauche. Et ce jour ou nous sommes. Quatre jours, donc, et trois nuits. Nous avançons vers la quatrième nuit, Le cinquième jour. Vers la cinquième nuit, Le sixième jour. Mais c’est nous que avançons? Nous sommes immobiles, entassés les uns sur les outres, c’est la nuit que s’avance, la quatrième nuit vers nous futurs cadavres immobiles.” (Jorge Semprún, Le grand voyage...)⁵

5. Semprún, Jorge. *Le Grand Voyage*, Gallimard, Paris, França, 1972.

“Há um amontoado de corpos no vagão, esta dor lancinante no joelho direito. Os dias e as noites. Faço um esforço e tento contar os dias, contar as noites. Isso talvez me ajudará a ver claro. Quatro dias, cinco noites. Mas talvez eu tenha contado mal ou então há dias que se transformam em noites. Tenho noites a mais, noites a revender. Uma manhã, é seguro, foi numa manhã que esta viagem começou. Toda aquela jornada. Em seguida uma noite. E depois uma outra jornada. Estávamos ainda na França e o trem apenas tinha se mexido. Ouvíamos vozes, às vezes ferroviários além do ruído das botas dos sentinelas. Esqueça esta jornada, isto foi o desespero. Uma outra noite. Levanto um outro dedo na penumbra. Um terceiro dia. Uma outra noite. Três dedos da mão esquerda. É nesse dia que estamos. Quatro dias então e três noites. Avançamos rumo à quarta noite, ao quinto dia. Rumo à quinta noite, ao sexto dia. Mas somos nós que avançamos? Estamos imóveis, amontoados uns sobre os outros, é a noite que avança, a quarta noite rumo a nossos futuros cadáveres imóveis.” (Traduzido por Athos Pereira)

Com esse parágrafo Jorge Semprún abre sua pequena obra-prima de denúncia: “A grande viagem”. Por que essa obsessão em contar os dias e as noites? Por que a desesperada determinação de não deixar escapar o comboio das horas? De alimentar a patética ilusão de sobre ele exercer algum controle? Ainda que a visão antecipe os futuros cadáveres imóveis?

Talvez porque naqueles primeiros dias o prisioneiro percebe o tempo como arrimo, amparo, um muro, enfim, que o protege na batalha em que é lançado nu diante do desconhecido. Cada instante que passa é um tijolo no abrigo construído para defender o que resta de sua remota humanidade, devorada pela tortura e pelo medo. Contudo, se o tempo é um muro que o protege, também é o lobo que o sitia. Pelas artes do medo, o tempo vaza para dentro – e com ele os olhos do torturador – e morde a medula. O medo desumaniza. Impõe a cegueira do reflexo e do instinto. Cava até chegar aos ossos. Liberta o animal que pulsa sob o verniz da razão. Coragem não é precisamente ausência de medo. É quando a razão ao medo se sobrepõe pela porta do delírio e devolve ao prisioneiro, num lampejo brusco, aquela espe-

rança contra toda esperança: *“o torturador pode me matar, mas não pode me vencer. Porque a minha morte é a minha vitória sobre sua força”*. O tempo então se converte no fio que mede os limites de sua resistência à dor. Os limites da lealdade às suas convicções e aos seus companheiros que, por uma palavra que lhe escape, podem perder a liberdade e, naquelas circunstâncias, frequentemente, a vida.

Durante os anos de clandestinidade a ALN distribuía aos seus militantes uma edição, salvo engano, mimeografada, de todo modo, bastante precária de um livro que líamos da primeira à última frase com um frio na espinha. Um livro aterrorizante: *“A Tortura”*, publicado em novembro de 1957, pelo militante francês Henri Alleg, diretor do *“Alger Republicain”* jornal publicado pelos comunistas, durante a revolução argelina contra o colonialismo francês. Os fascismos todos se parecem. Confesso que não poucas vezes desejei que não se parecessem tanto. Os torturadores de Henri Alleg, oficiais da Legião Estrangeira do Exército Francês, pouco mais de dez anos depois da libertação de Paris, se jactavam: *“ – Você pode olhar-me. Sou o capitão Fau..., o famoso capitão S.S. Já ouviu falar de mim?”* A República francesa não tinha tido tempo para reformular os critérios de formação dos seus oficiais? Ou esta questão sequer havia sido posta depois da vitória da Resistência sobre os nazistas?

O livro de Alleg expõe instrumentos e técnicas fielmente reproduzidas no Brasil dos anos que se seguiram ao Golpe de 1964. A guerra da Argélia era a mais recente experiência de conflito armado. Nem mesmo a derrota do colonialismo francês ali expresso da forma mais brutal – cerca de um milhão de argelinos mortos – por oficiais de extrema-direita evitou que o General Massú se tornasse fonte de inspiração para o aparelho repressivo das Forças Armadas brasileiras, no pós 1964. A própria constituição da Operação Bandeirantes – OBAN, guarda semelhança com a *Organization de l’Armée Secret*, a sinistra OAS, no que se refere às ações que sistematicamente violavam a própria legislação de exceção do regime.

Aos choques elétricos, à cadeira-do-dragão, ao pentotal, às técnicas de afogamento, acrescentou-se aqui um toque tropical, herança do escravismo colonial: o pau de arara, herdeiro dos *cambaus*, utilizado para supliciar

escravos insubmissos. Mas, de lá vieram também os *atirados ao mar*, “os *atropelados*”, “os *que tentaram fugir*”, os “*suicidas*”, “os *desaparecidos*”⁶.

Um dos **Poemas do Povo da Noite** traz um verso: “*O que pode o grito, se não se perpetua?*” Assim, em forma de interrogação. Talvez se possa intuir que esse misterioso poder da poesia, de permanecer, de saltar sobre o acontecimento imediato, resida precisamente no fato de comover. De alcançar regiões do espírito que escapam aos surrados argumentos da razão. Mas, ao mesmo tempo, porque comove, é capaz de nos trazer de volta aos espaços materiais e conflitivos em que as sociedades se debatem e nos quais a razão se exercita para compreender e cobrar.

Os períodos de opressão geram inevitavelmente uma “*literatura de resistência*”. A toda tirania corresponde a vontade insurreta que lhe dará combate. Assim somos nós, os humanos, condenados à liberdade. Num primeiro momento a liberdade é filha da recusa. “*É proibido cantar!*”, advertiam os carcereiros, nos anos de chumbo. Entendíamos, então, que cantar era imprescindível! E cantávamos. Uma cela, primeiro. Aquela que melhor conhecia as canções do Chico, Vandrê, Gil, Caetano, Milton, Luiz Gonzaga, João do Vale, Caimi, as canções republicanas da guerra civil espanhola, dos *partigiani* italianos, as canções de Daniel Viglietti, o uruguaio, a segunda cela, a terceira... mais um pouco e ecoava na sombra dos corredores, entoados por um coral desencontrado, os acordes de *Travessia, Roda Viva, Caminhando...* e, mais raramente, a *Internacional*.

A *literatura de resistência* aos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial nos ofereceu a impressionante **Reportagem ao pé da forca**, do tcheco Julius Fucik. Leitura obrigatória de militantes, nos anos de clandestinidade. Em alguma página ele escreve: “*A cela 267 canta. (...) E assim, cantamos, quando a nostalgia quer nos invadir; cantamos quando o dia é alegre; e com o nosso canto acompanhamos o camarada que parte e que talvez nunca mais voltamos a ver; cantando recebemos as boas notícias da frente oriental; cantamos em busca de consolo e cantamos de alegria, tal como os homens sempre cantaram e continuarão cantando enquanto existirem.*”⁷. A cela 10

6. Alleg, Henri. “A Tortura”, Ed. Expressão Popular, S. Paulo, 2001.

7. *Idem*, obra citada.

- do PIC - cantava, lembro-me. Às vezes solitária... até que o silêncio devorava o fio de voz que escapava de minha garganta, como a escuridão e os passos do carcereiro devoram a luz que vem do fundo do corredor. E, por instantes, se converte numa parede física, numa lápide sobre a intangível possibilidade do canto. Até que, da escuridão e do silêncio, na esteira dos passos que se afastam, emerge teimosamente aquela, como a corda de um violino enlouquecido para tocar os ouvidos que vigiam dentro das celas e nos aquecer o coração.

“O que pode o grito se não se perpetua?” Volto ao livro de Fucik: *“E aquele homem com farda da polícia tcheca que me trouxe papel e lápis e que neste momento vigia o corredor para que eu não seja surpreendido por nenhum indesejável? E aquele outro que no fim das contas foi o impulsionador destes escritos e que, ocultando-os cuidadosamente, os leva para fora, para que surjam à luz do dia no momento oportuno? Arriscam a cabeça por este pedaço de papel. Arriscam-na para estabelecerem uma ponte entre o hoje encadeado e o amanhã livre.”*⁸. Talvez aqui se encontre a resposta ao verso: *“O que pode o grito se não se perpetua?”* Encontramos uma forma de perpetuar o grito do poeta, pelo gesto multiplicado de tantos que acolheram a palavra e a converteram no trabalho de milhares de mãos. Aquelas mãos insubmissas que teceram na sombra, anos a fio, a luz imperceptível da madrugada que acendemos, sem desenho prévio, nos olhos de nossa gente...

A frágil madrugada pariu a manhã. Vacilante, contraditória, irrecusável, como tudo que nasce. Que renasce... Traz consigo o destino da semente. Força os tristes da terra. E lança para os altos um fiapo verde de vida. Vencemos a condenação do medo e da morte. Atormentados pela possessão monstruosa que exerce a dor sobre a memória. Desfigurado o rosto, pelo combate e pela determinação de não sucumbir. Não somos espectros assombrados expulsos do tempo que nos coube viver. Somos homens, mulheres e sonhos que nos reconstruímos durante a tempestade. Por isso nos tornamos esse espinho cravado na consciência do país. Incômoda presença. *“Punhal aceso na memória”*.

8. *Idem*, obra citada.

*“A tortura é um crime hediondo, não é ato político nem contingência histórica e afeta toda a humanidade, na medida em que a condição humana é violentada na pessoa submetida a esse crime. Quando alguém é torturado, somos todos atingidos duplamente: em nossa humanidade e em nossa cidadania. A prática da tortura é inaceitável e seus executores deverão ser punidos a qualquer tempo”.*⁹

A lúcida reflexão de Marco Antônio Barbosa converge com aquele exercício de *compreender* a que se refere Hannah Arendt, nas linhas da epígrafe desta **Explicação Necessária**. Exercício indispensável para que possamos encarar como uma nação madura as áreas de sombra no rosto que moldamos naquelas duas décadas. Não seria compreensível, nem tolerável, que a reconstrução democrática alemã no pós-guerra convivesse com o silêncio sobre Martin Boormann, Mengelle, Klaus (Altman) Barbie, Rudolf Hess, Eichmann... Não será compreendida, nem tolerada pelas gerações que se seguirão que a democracia brasileira no século XXI não leve a julgamento os responsáveis pela tortura, os assassinatos, os desaparecimentos de opositores políticos do regime que anoiteceu o país de 1964 a 1985.

Essas foram, em parte, as circunstâncias em que foram escritos e remetidos para fora das prisões e para fora do país, os poemas reunidos neste livro. Durante cinco anos de pena eles iludiram a censura e cegaram os olhos dos carcereiros. Pelas mãos e pelo desassombro de pessoas – Luiz Eduardo Greenhalgh, Cida Horta, Pe. Renzo Rossi, Maria Nilde Mascelani, Pedro Casaldáliga, Madre Cristina Sodré Dória, Tomás Balduino, Fábio Ortiz, Fernando Moraes, tantos... – que perceberam na poesia aquela sutil e misteriosa habilidade para resistir à brutalidade dos tiranos. E acender, ainda que tênue, um lume de esperança no coração dos que lutam. Talvez elas, as circunstâncias, de algum modo, contribuam para que o leitor compreenda os tempos subterrâneos que os versos denunciam. E, com Bertolt Brecht, esta geração possa pedir **“Aos que vão nascer”**:

9. Marco Antônio Rodrigues Barbosa, “Lei da Anistia: instalada a controvérsia”, in Teoria e Debate 79, pág. 36, novembro/dezembro, 2008.

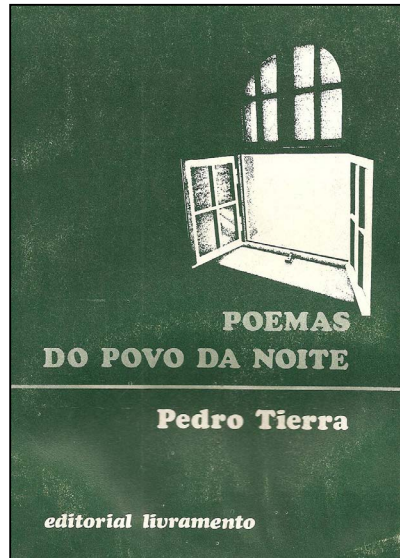
*(...)“Vós que vireis na crista da onda
em que nos afundamos,
pensem
quando falarem de nossas fraquezas
também nos tempos de treva
que haveis escapado.
Andávamos então, trocando de países como de sandálias
envolvidos em lutas de classes, desesperados
quando havia só injustiça e nenhuma revolta.*

*Entretanto, sabemos:
também o ódio à baixaza deforma as feições.
Também a ira pela injustiça torna rouca a voz.
Ah, e nós
que queríamos preparar o chão para o amor,
não pudemos, nós mesmos, ser amigos .*

*Mas, vós, quando chegar o tempo
do homem ser parceiro do homem
pensai em nós com simpatia.”*

Os poemas aqui reunidos foram escritos durante os cinco anos de prisão – de 1972 a 1977 – e publicados em volumes separados: Poemas do Povo da Noite, (Ed. Livramento, S. Paulo, 1979), Água de Rebelião (Ed. Vozes, Petrópolis, 1983). A exceção é o poema “A Memória do Anjo”, incluído em razão da temática que aborda, *Dies Irae*. (Ed. Do Autor, Goiânia, 1999). O poema “Marcha”, escrito em 1979, foi lido nos atos públicos e manifestações culturais durante a campanha pela Anistia.

Pedro Tierra
Brasília, 30 anos depois.



Abril de 1979

Poemas do Povo da Noite

1ª Edição brasileira

Editorial Livramento

São Paulo.

Capa

Mané Cirilo

Aberturas (ilustrações)

Pepe

“Ninguém pode ler estas páginas
como quem desfolha mais um poema”

Pedro Maria Casaldáliga

Prefácio

Para início de conversa, ou de interpelação, é preciso dizer que este é um livro de palavras verdadeiras: esta poesia é vida; a vida destes poemas, a vida deste poeta descrevendo versos no porão do dia é agonia ou luta culminante, luminoso desafio à morte.

Será que alguém já publicou, nestes dez últimos anos de poesia e de noite, no Brasil, um livro de poemas mais verdadeiros, versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o povo?

Sem hermetismos, sem outros ismos frivolamente literários. “Quando eu disser: pedra, não entenda pão”. Este poeta conseguiu o “poema transparente” que procurava.

Sem humanismos emprestados, humano apenas este livro, direto e total, como o coração ainda a caminho: dia e noite, vida e morte, luta, esperança, povo. A própria ideologia tornando-se nua humanidade.

Os companheiros, as companheiras, têm todos os humanos gestos da ternura e da dor, sempre, da esperança. “Nas tardes de chuva, os cabelos sobre os ombros”, (...) “a porta rangendo como se reclamasse mais carinho” e os sapatos na sala sem “o jeito sossegado de quem retorna”.

O medo, a angústia, o sofrimento das distâncias ou das torturas falam, nestes versos, com a

1976

Pedro Maria Casaldáliga,
Bispo de S. Félix
do Araguaia - MT

dramaticidade neurológica de “O Capuz”, para citar um exemplo.

Sem superfluidade está a palavra escrita, porque a vida se fez previamente opção de pobreza. No verso e na vida do poeta “há apenas o necessário: a rede, o sal, o amor ao povo”. E quantas vezes, menos do necessário. É um “tempo subterrâneo”, é um tempo sem noção, uma “noite parada”.

Entretanto, a espera e a esperança – a Esperança grande como o futuro do Povo, como a História humana – percorrem o livro todo como um pertinaz sangue vivo.

O poeta sabe, pela própria experiência esticada até o umbral da morte – nunca tão etimologicamente verdadeiro o umbral –, que “a criatura humana resiste”. Para ele – e tem o direito de afirmar o que suporta – “não importa se a colheita da luz tarda”. Ele crê que “a mão ferida semeia a surda semente da liberdade”. E vê os comboios “envoltos na bruma” martelando “na direção da aurora”.

“Sobreviveremos”, grita. Com a experiência de um sobrevivente. Com todos os rostos nunca vistos e todavia amados. Porque a vitória da noite “não foi completa” e “ficou-nos a certeza, de resto, inestinguível na manhã proibida”: na impossível manhã, irmão-poeta, poeta-profeta.

Poesia dura, duro “material de resistência e de luta, nunca, entretanto, perdeu a ternura esta poesia simplesmente humana. Nunca este poeta – forjador do Dia – malhou “na bigorna sem ter-

nura". Como no seu olhar e em sua mão, detrás das grades e dos guardas da Sombra, o poeta tem nesta sua palavra escrita o gesto primogênito de uma criança ou de um lavrador. Quem falou com ele, o amou logo como amigo. Terá que amá-lo, quem o ler.

Na superada dicotomia dos manuais de Poética, estes poemas seriam mais épicos do que líricos. Evidentemente não são narcisistas. São mais um conto de um povo do que um idílio de um homem sob a lua, frente a uma rosa, perto de uma mulher.

O povo é o protagonista cantor deste livro, "o Povo da noite", o Povo do novo Dia, o povo todo deste País, todo o Povo de nossa América, o Povo do Mundo.

Este livro é mais um "canto geral" da América, contra o "hoje mau", para o "futuro nosso".

Um homem comprometido com o Povo até à tortura, até à morte sempre iminente, não podia cantar de outra maneira. Por isso são verdadeiros estes versos, e comprometidos, e comprometedores.

Este livro se lê e se passa como um telegrama de urgência, como um grito de guerra. Ou então se queima, covardemente, às escondidas. O fogo do suplício queimou muitas vezes a carne do seu cantor.

Ninguém pode ler estas páginas como quem desfolha mais um poema, habitualmente flor. Este não é um livro de flores habituais.

"Aqui um ato de amor é sempre um desafio".

Uma palavra de liberdade é sempre um desafio. Um gesto de comunhão. Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio...

Ninguém de nós pode se permitir o luxo sádico de deixar o poeta se interrogando em vão, ao final de seu Poema. Respondamos-lhe, com gestos vivos, que seu “material” é legítimo. A estas alturas na noite do país e da América, todos nós devemos estar suficientemente alfabetizados pelo silêncio dos mortos, pelas estrelas da esperança, para podermos ler e assimilar este livro, elementar como a vida.

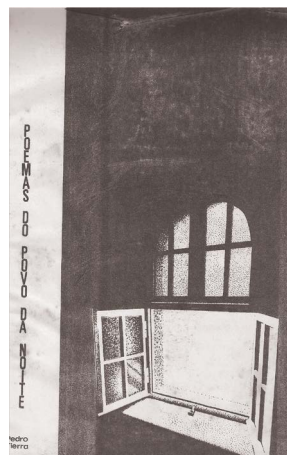
“Recusemos a paz” quando esta for apenas sentar-se “à mesa da escravidão”. Do contrário, um dia, naquele Dia, seríamos acusados de ter “marcadas com o sangue dos inocentes” as mãos que exibimos “limpas”, cuidadosamente “polidas”.

Não somos todos nós, se ainda somos humanos, o “Povo da noite”, “seres sem defesa”, com todos os sem defesa? Não somos “cada um só e todos”? Todos “ferreiros” desta “oficina” onde se forja a impropriedade Manhã?

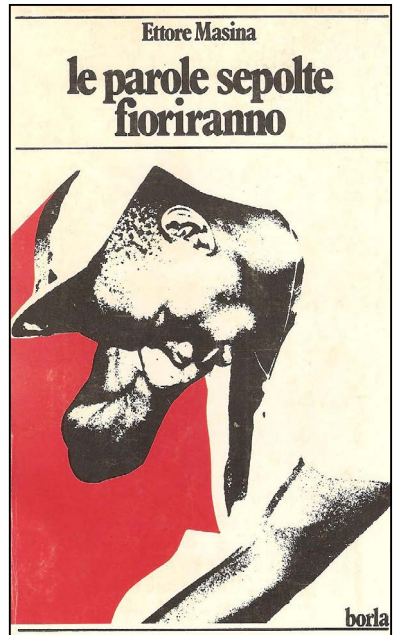
Poeta, amigo, irmão, enquanto acompanhamos, com outras feridas, com passos teimosamente cansados, o teu canto subterrâneo, refinamos contigo a grande Esperança. E anunciamos também, entre os “tombados” que tu cantas, entre os anônimos tombados de todo o Povo da noite, a presença, talvez anônima, sempre fecunda, do glorioso Tombado...

Um dia, irmão, apagaremos, contigo, dos teus poemas a dolorosa palavra das armas, a desuma-

na palavra do medo, a palavra do silêncio imposto, inóspito como um exílio. Quando o Povo da noite for o Povo do Dia, quando o Dia aberto for comum Pátria de todos os homens irmãos.



O poeta ainda estava na prisão, quando os amigos lançaram uma edição mimeografada dos **Poemas do Povo da Noite**



Roma, 1978

Le parole sepolte fioriranno
Ettore Masina, Edizioni Borla (Org.)

Le parole sepolte fiorianno

O volume é dividido em quatro sessões. O título da primeira “Dos subterrâneos da história” repete o do livro de Carlos Alberto Libânio Christo (Frei Betto), seguramente um dos mais altos momentos da Resistência latino-americana. As poesias que integram esta sessão filtraram as paredes de alguma prisão: algumas clandestinamente, outras de modo perfeitamente legal: entre as muitas fragilidades humanas dos opressores há também a não compreensão da força revolucionária da poesia.

A maioria destes versos foi escrita por um jovem prisioneiro condenado a uma longa pena. Seu pseudônimo é Pedro Tierra. Está atualmente em uma grande prisão onde todos os prisioneiros conformam um grupo vasto e muito solidário. Este é também um dos motivos pelos quais sua criatividade não foi freada pela detenção. Ao contrário, parece até ter se ampliado. “De fato diz estes poemas são um pouco de todos nós”. Sua vocação poética parece-me segura. Enquanto escrevia essa introdução, recebi um grupo de suas tão belas e numerosas poesias que espero poder publicá-las em um volume bilíngue. Sinto-me como em dívida com ele seja porque como diz o velho ditado tradutor-traidor, seja porque compreendo com que sentimentos ele receberá o presente livro no qual suas composi-

Roma, 1978

Ettore Masina

Fragmento da Introdução da Antologia de Textos da Resistência Brasileira organizada por Ettore Masina, com Prefácio de Lelio Basso, Ed Borla, Roma, 1977.

Tradução

Mila Frati

ções são publicadas apenas em italiano (não nos surpreende saber que editoras brasileiras foram contatadas por amigos comuns, mas nenhuma teve a coragem de publicá-las).

Creio que as poesias de Pedro Tierra falam por si mesmas. Gostaria de ressaltar, porém, o quão profundamente se assemelham à mensagem das Resistências europeias ao nazifascismo, ainda que Pedro provavelmente não conheça muitos desses documentos. Por exemplo, sua poesia “C’ è um posto sulla barricata”, uma mensagem aos poetas, pareceu-me maravilhosamente visceral como a última carta escrita por Giaime Pintor no inverno de 1943, enquanto partia para a missão na qual encontraria a morte: *“Músicos e escritores temos que renunciar aos nossos privilégios para contribuir com a libertação de todos. Contrariamente ao que afirma uma célebre frase, as revoluções acontecem quando são preparadas por poetas e pintores, contanto que os poetas e os pintores saibam em que lado devem estar.”* Já “Oficina”, prolongamento da célebre frase de Che Guevara (‘é preciso endurecer sem perder a ternura jamais’), é a superação, no presente, creio, do que escrevia Bertolt Brecht, em plena tempestade nazista, no seu famoso “Aos que vão nascer”.

Poema-Prólogo

Fui assassinado.
Morri cem vezes
e cem vezes renasci
sob os golpes do açoite.

Meus olhos em sangue
testemunharam
a dança dos algozes
em torno do meu cadáver.

Tornei-me a mineral
memória da dor.
Para sobreviver,
recolhi das chagas do corpo
a lua vermelha de minha crença,
no meu sangue amanhecendo.

Em cinco séculos
reconstruí minha esperança.
A faca do verso feriu-me a boca
e com ela entreguei-me à tarefa de renascer.

Fui poeta
do povo da noite
como um grito de metal fundido.

Fui poeta
como uma arma
para sobreviver
e sobrevivi.

Companheira,
se alguém perguntar por mim:
sou o poeta que busca

converter a noite em semente,
o poeta que se alimenta
do teu amor de vigília
e silêncio
e bebeu no próprio sangue
o ódio aos opressores.

Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”,
dos “enforcados” e “atropelados”,
dos que “tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.

Sou o poeta
dos torturados,
dos “desaparecidos”,
dos atirados ao mar,
sou os olhos atentos
sobre o crime.

Companheira,
virão perguntar por mim.
Recorda o primeiro poema
que lhe deixei entre os dedos
e diz a eles
como que acende fogueiras
num país ainda em sombras:
meu ofício sobre a terra
É ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos assassinos.

Porque a noite não anoitece sozinha.
Há mãos armadas de açoite
retalhando em pedaços
o fogo do sol
e o corpo dos lutadores.

Poemas do Calabouço

“Há os que vivem
lamentando a
opressão, eu morrerei
denunciando-a”.

Babeuf



SOBREVIVEREMOS

Perdemos a noção do tempo.
A luz nos vem da última lâmpada,
coada pela multidão de sombras.
A própria voz dos companheiros tarda,

como se viesse de muito longe,
como se a sombra lhe roubasse o corte.
Nessa noite parada sobrevivemos.
Ficou-nos a palavra, embora reprimida.

Mas o murmúrio denuncia que a vitória
não foi completa. Dobra o silêncio
e envia o abraço de alguém
cujo rosto nunca vimos e, todavia, amamos.

Nessa noite parada sobrevivemos.
Sobrevivemos.
Ficou-nos a crença, de resto, inestinguível,
na manhã proibida.

(1974)

TECENDO O CANTO

“...Hemos sembrado la
tierra con muertos que
sin duda florecerán...”

Alberto Szpunberg

Recolho no ar teu verso claro
à maneira dos cantadores
do meu país.

Hoje, silenciosa, a terra trabalha
seus mortos como quem nutre
sementes de luz.

Possa algum perseguido,
encerrado nos calabouços
da América

alcançar meu verso humilde
e comporemos o vasto coro
dos oprimidos.

Não importa que hoje nos tremam os lábios
e a voz caminhe incerta
pela garganta,

se amanhã o canto
romperá na boca
de milhões.

Recolho entre as mãos teu verso
como o fuzil do companheiro
tombado.

Não importa que o corpo
de cada morto plantado
tarde a florescer.

(23/24 de outubro de 1974)

A PALAVRA SEPULTADA

Hoje eu queria dizer-lhes muitas coisas,
de resto, ninguém mais poderia ouvir-me.
Seu coração receba o vento da minha dor.
A porta do calabouço cerrou os dentes
sobre meus ossos.
A morte visita minha boca
num murmúrio sepultado e inútil.
Sinto enorme o peso das palavras.

É quando a mudez se tornou vício.
É quando o muro não cercou o corpo apenas
e há coisas necessitando explodir.
É quando a palavra dita não vem do cerne
e se perde na cinza.

Eu queria dizer-lhes muitas coisas.
Não há como fazê-lo.
Na cela ao lado, um companheiro morto.
Algo a dizer sobre isso?
O que pode o grito se não se perpetua?
As palavras estão gastas, mortas por dentro.
Meu corpo será meu grito,
embora hoje permaneça mudo
e sem esperança de compor um canto urgente.

Hoje eu queria dizer-lhes muitas coisas...

(1973/1975)

COMPANHEIRA

Senti teus olhos na sombra
como diamantes mudos,
teus olhos aprisionados
como passarinhos.

Guardei no peito teus olhos
de madrugada rebelde,
rompendo a noite
dos corredores.

Tomei na sombra tuas mãos feridas
como terra semeada
e aprendi o ódio dos escravos
no instante que precede a revolta.

(1974)

UM VELHO COMBATENTE

A luta lhe ensinou o andar agreste,
a conversa curta, ao jeito dos peregrinos.
A vida lhe deu o olhar atento,
o gesto pronto, à maneira dos fugitivos.

O rosto assume um feitiço de pedra
nos dias de tortura.
Ganha um estranho brilho quando retorna.
Nenhum carrasco lhe conheceu a entoação do
grito.

Hoje, curamos-lhe as feridas.
Guarda no corpo antigas cicatrizes.
A planta dos pés lembra mais
um campo arado há muito tempo...

Esse homem não se rendeu.
Manteve, mesmo depois da morte,
aquele brilho impreciso
que antecede a manhã.

Ao “vovô” Paulo
de Tarso Celestino,
assassinado em julho de
1971, no Rio.

(1974)

PERGUNTARAM-ME MUITAS COISAS

Perguntaram-me muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

Porque é inútil repetir
ao assassinato de meu irmão
as cores da manhã
reconstruída sobre sua morte.

Eu lhes narrei apenas, nos intervalos da dor,
as promessas de incêndio,
o povo na casa dos opressores,
o muro dos justicados.

Perguntaram-me ainda muitas coisas
mas eu estive calado, porque
é inútil falar aos inimigos
quando os inimigos são fortes.

(1974)

AS MÃOS LIMPAS

Sobre a mesa as mãos de um homem:
brancas, limpas, tranqüilas.
Mãos de um habitante das cidades.
Por si mesmas não dizem nada.

Acariciam os cabelos do filho,
o rosto da mulher, compram os jornais,
dirigem o automóvel,
estarão suadas ao meio-dia.
Esses, afinal, são gestos universais.

Contudo, neste fim de tarde, eu as vejo
exaustas, vazias, manchadas de sangue.
O corpo de Alexandre repousa sem algemas,
(é pouco mais que um adolescente)
Da boca obstinada não fugiu palavra
e, na morte, seu rosto resplandece.

Daquelas mãos não se dirá:
“Estão marcadas com o sangue dos inocentes”.
Ei-las: lavadas, neutras, polidas cuidadosamente,
prontas a repetir os gestos universais.
Acariciar os cabelos do filho,
o rosto da mulher,

passar pela cidade, insuspeitadas.
Ir ao cinema. Levar o cigarro à boca.
Confundir-se entre as mãos comuns
dos homens comuns, dessa cidade comum.

Ao **companheiro**
Alexandre Vannucchi
Leme, assassinado
em 17 de março de
1973.

(1973)

DOMINGO

Um dia silencioso.
Um desses dias frios,
de mortal tristeza,
o gesto de ódio fechado nos armários.

Um dia sem tortura normal
dos dias comuns.
No ar apenas a tensão palpável
dos seres sem defesa.

Um dia rigorosamente inútil.
Mas vem agora essa cantiga.
Uma vozinha miúda,
vinda não sei de onde,

e é como se todos a esperássemos.
Sabe tornar maior ainda o silêncio:
aqui um ato de amor
é sempre um desafio.

Como reconforta ouvir a voz
dessa menina sem nome.
Saber que resiste o brilho de seus olhos
iluminando a noite,

enquanto outras estrelas se reúnem
buscando nova luz.
Saber que a criatura humana resiste.
Saber que vencemos a última batalha.

(1974)

A HORA DOS MORTOS

Esse homem está morto.
Morto há muitos anos.
Em sua boca a palavra
se desfaz em cinza
como o vento do deserto.

Ele próprio se deu conta
dessa morte. E se alegra.
No exercício da dor não
se permitem emoções inúteis.
(Raros tiveram tempo de chegar a tanto.)

Adivinho na boca dos oprimidos,
algumas perguntas:
“Onde a mãe de tais filhos?
Onde estávamos que não
percebemos a chegada dos mortos?
Que não nos rebelamos
contra o governo dos mortos?”

Talvez a noite excessiva.
O ruído das fábricas talvez
não lhes tenha permitido ouvir.
Era noite avançada
e muitos permaneceram adormecidos...

Deixo na parede da cela esses versos.
Não se dissolvam, palavras ditas ao muro.
Os olhos de algum perseguido os guardem
e eu volte a encontrá-los um dia,
na boca do meu povo.

(1974)

O GRITO

Olho meus companheiros. Estão calados.
Os nervos tensos como cordas.
O grito lá fora estala no peito
feito metal rompido.

Conhecemos de cor este caminho.
Contudo, a cada grito esperamos
que seja o último.
Mas ele se repete e se prolonga
num fio de voz agudo
como um punhal.
Ele se dissolve num soluço
como o fugitivo na sombra do muro.

E recomeça.
Desperta cicatrizes extintas,
sopra nelas centelhas de novas dores.
Olho meus companheiros. Estão calados.

Mas ninguém se rendeu ao sono.
Todos sabem (e isso nos deixa vivos):
a noite que abriga os carrascos,
abriga também os rebelados.

Em algum lugar, não sei onde,
numa casa de subúrbios,
no porão de alguma fábrica
se traçam planos de revolta.

(1974)

O CAPUZ

Cá está o capuz sobre a grade.
Traz consigo uma segura
promessa de dor. Na boca
do sentinela um meio riso.

Cá está uma parcela da noite
cobrindo meu rosto.
A mão de meu inimigo
determina o caminho.

Pelos corredores aprendi
o jeito inseguro dos cegos.
As mãos tateando a parede.
Sob os pés a escada imprevista,

o degrau a mais, a queda,
o riso dos soldados,
o gesto perdido buscando
uma porta que não houve.

O passar dos dias
e as cicatrizes no corpo
ensinaram-me esse caminho.
Nos dedos guardei as arestas,

o ferro das portas,
o fio dos dínamos.
No dorso a marca
desses dias de sombra.

O capuz repete a dor
no corpo de cada combatente,
uma dor mercenária
recrutada a serviço da noite.

(1974)

AS MÃOS ATADAS

Na hora do grito
é difícil perceber algo
no rosto dos perseguidos.

Alguns ganham a cor dos homens aflitos,
outros, um cansaço de mil anos, ou ainda,
a maneira triste dos homens capazes de morte.

Taciturnos depois da noite de suplício.
Era voz de mulher
mas nenhum de nós lhe viu o rosto.

Não é preciso dizer nada
e guardo meus pensamentos:
(contra os golpes do carrasco

restou apenas
a força de minha crença.
Essa foi a minha arma,

esta terá sido a sua.
Será a do último
torturado desta guerra.)

.....

Se algum dia tiveres
de enfrentar essa batalha
não contes com a morte rápida.

Não te espantes de estar vivo
depois do primeiro dia.
Foi apenas o primeiro dia.

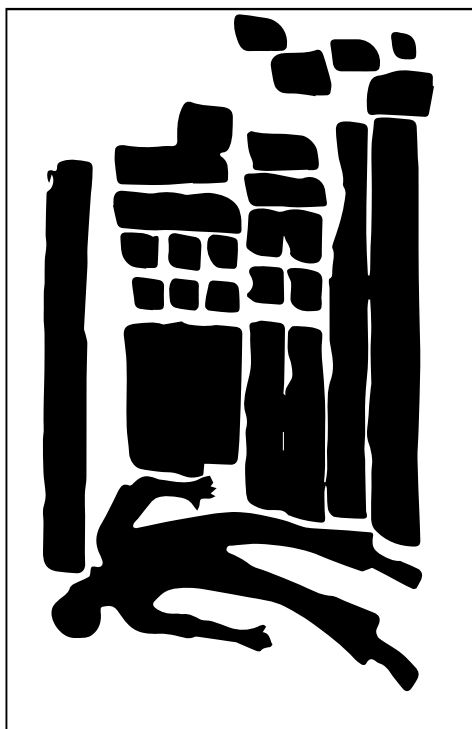
Sobretudo não contes
com o gesto humano,
nas mãos de teu carrasco.

Não procures aqui
um gesto que se perdeu
na rua dos oprimidos.

Entre as mãos caladas do torneiro
regressando ao subúrbio,
talvez encontres um gesto humano.

(1974)

Poemas do povo da noite



ASPIRAÇÃO

Hoje eu quero
um poema transparente,
semelhante à lágrima
que iludiu meus olhos desatentos.

Um poema capaz de coragem,
desses que podem ser ouvidos
na chuva, na greve, ao fim
da batalha perdida.

Um poema capaz de resistir
como granito ao vento,
como o homem que resiste
se o aço lhe alcança o ombro.

Um poema capaz de liberdade.
Capaz de falar nesta hora noturna
quando todos dormem, e o silêncio oficial
amordaçou as cantigas do meu povo.

(1973)

PALAVRAS AO MENINO VADIO
(1964)

O sol morreu. O vento
deixou pedaços de aurora
ardendo pelo caminho.

Cabelos no rosto molhados,
uma criança soluça
prostrada num chão de silêncio,

flores, sem brisa, vergadas,
enfeitam a morte da luz,
as sementes da alvorada

vagueiam noturnas
e noturnamente marchamos,
pela sombra condenados,

guardando nas mãos feridas
a vontade nova do fogo,
o cristal perseguido da aurora.

(1972)

PEREGRINO

Deixar durante a noite a porta aberta,
sem medo de perder os bens,
sem medo de perder-se...

O irmão que era pobre
e perdeu a casa no incêndio,
possa entrar de mansinho
e dormir sobre seu teto,
sem a humilhação de pedir.

E se vá pela manhã, dentro da névoa,
assim como veio, solitário e livre,
sem explicações penosas.

E vocês não mais se encontrem,
e, encontrando, não se reconheçam
nem se sintam atados um ao outro,
além desse laço imperceptível
que une dois homens perseguidos.
Ele reconheça, não por palavras suas,
mas pela boca dos pobres
que a vontade de justiça prossegue...

O frio da noite, contudo,
não o alcance no deserto
e ele encontre entre o povo
o hábito de abrigar os fugitivos.

À luz da candeia
receba em silêncio
notícias da luta:

homens fatigados
se batem na planície.
Homens endurecidos
resistem na planície.

E se vá pela manhã, dentro da névoa
a retomar o caminho interrompido.
Nos ombros, escassa bagagem de peregrinos:
a rede grossa, de algodão, puída,
o rifle curto, herança de revoltas.

(1972)

O VELHO

Contemplei aquela cinza
batida de vento,
que restara do massacre,

e, naquele momento,
fui apenas barro,
sem esperança de luz.

E ele veio, talvez
da própria cinza,
do fim da minha tristeza,

ele veio sem pressa,
veio antigo,
como vento.

Descansou no meu ombro
a mão pesada.
Não disse palavra,

mas trouxe nos olhos
um amor enérgico,
duro amor de homens livres.

Amor que aprendeu a
ser inteiro, contido,
como um punhal.

Busquei guardar
no peito
a força desse cristal,

Ao **comandante Toledo**,
assassinado a 23 de
outubro de 1970.

a fonte desse amor que fere,
exige vontade,
transforma.

Retomamos na tarde
a memória dos mortos,
sem tristeza.

Retomamos na tarde
a estrada do povo,
sem trânsito.

A nos unir agora
o gesto do fogo
e o hábito de resistir.

(1973)

OFICINA

Há nesta cidade uma oficina.
Há nesta noite uma oficina.
Os ferreiros são apenas sombras,
na hora tardia dos encontros.

Reter a palavra quando o gesto é possível.
Descer a rua como a bruma sobre o mar.
O vigia não percebe mais que o vento,
um sereno mais intenso.

Há neste país uma oficina.
Há uma oficina na América.
Percebemos daqui o martelar das ordens:
recortar no aço o rosto dos ferreiros,

a mão taciturna dos ferreiros.
Trabalhar no ferro a vontade
dos escolhidos, a alma retificada
na dor, a crença que resistiu purificada.

Há na madrugada uma oficina.
Há no sangue do povo uma oficina
de reservas infinitas,
que se reconstrói a cada minuto.

Você, companheiro, encontre os homens
que labutam na forja
e diz a eles por mim:
não malhem na bigorna sem ternura.

Ao **companheiro**
Luiz José da Cunha,
assassinado em julho de
1973.

“Hay que endurecerse,
pero sin perder la ternura
jamás”.

Che.

(1973)

4 DE NOVEMBRO

Ao **comandante Carlos
Marighella**, assassinado
a 4 de novembro de 1969.

Teu nome nos olhos famintos dos filhos
do povo.

Teu nome como a bandeira ferida
dos saqueados.

Teu nome murmurado à mesa
dos oprimidos.

Teu nome exilado dos dicionários
da sombra.

Teu nome sangrando a neutra superfície
do muro.

Teu nome gravado na mão esquerda
de teus filhos.

Teu nome recomposto no fogo martelado
dos fuzis.

(1974)

MADRUGADA

Chega com a manhã, o rumor
de multidões atarefadas,
são os filhos do povo a martelar
o ferro livre das armas!

Aos que continuam na
luta.

(1973)

AO COMPANHEIRO LIBERTADO

É hora de pôr-se a caminho.
As palavras são poucas,
não devem derramar-se.

Retorne ao povo
o filho que dele saiu
e reponha em movimento
as oficinas da manhã.

A noite se fez densa.
A guerra se fez dura.
Há mortos insepultos.

Não esperes, portanto,
mais que o silêncio,
ou palavras de ferro
proferidas num tom seco,
à maneira desse tempo.

Um abraço, companheiro,
retorne ao povo
o filho que dele saiu
e reponha em movimento
as oficinas da manhã.

(1972)

PONTO DE CHEGADA

Aqui deixareis tudo: as dúvidas,
o hábito ao conforto, a palavra fácil.
Ao lado da trempe repousa
vossa bagagem de certezas.

Tomai-a em silêncio:
os olhos da noite estão atentos.
Há apenas o necessário:
a rede, o sal, o amor ao povo.

Sob o paiol de arroz
encontrareis as armas.
Essa vereda serve
a quem busca a planície.

Na margem do rio,
alguém vos espera
antes do amanhecer.
A guerrilha tomou o rumo do norte.

(1974)

HÁ UM LUGAR NA BARRICADA

Quando o povo bater à porta,
não te encontre com as mãos
vazias.

Confere as coisas embaladas: não
se permitem dúvidas nas bagagens
de guerra.

Se entre os companheiros ainda
há quem pergunte a razão
dos poetas,

encontra, primeiro, teu lugar na
barricada, depois, entre os combatentes,
aponta

o rosto enérgico de tua poesia.

(1974)

A hora do inimigo

*“É preciso armar de aço os
versos do nosso tempo.”*

Ho Chi Minh



OS MATERIAIS

Eu quis a palavra reta
feito faca.

Eu fiz do verso o corte branco
do metal.

O lento sal dos anos
não lhe roube o fio.

O inimigo não possa
empunhá-lo durante a luta.

Se o carrasco, algum dia,
levar aos lábios meu poema,

o vidro claro do verso
lhe corte a boca.

E a palavra não se renda
à tortura.

E quando eu disser: pedra,
não se entenda pão.

Quando eu disser: noite,
se encontre nela todo poder de treva.

Quando eu disser: eis o inimigo,
mate-o antes do amanhecer.

(1974)

O INIMIGO

Ao **menino José Milton**,
nascido na prisão

O inimigo é a noite.
O aço da algema
a morder o pulso.

O inimigo é o muro.
A arma atenta
sobre a cabeça.

O inimigo é a sombra.
É, entre você e o povo,
a ponte destruída.

O inimigo é o sangue.
O medo ao vento novo
cerrando a porta.

O inimigo é a morte.
O surdo açoite
a retalhar o corpo.

Dorme, pequeno,
esta foi a cantiga
que o tempo nos ensinou.

(1974)

REFLUIR...

A essa hora restam poucos amigos.
A casa está em cinzas, os irmãos mortos,
o inimigo armado na esquina.

Um grito agora se perderia na poeira,
no sono da rua desabitada.
Guarda-o, pois, até a madrugada,

reúne tuas forças em silêncio,
engraxa, cuidadoso, tuas armas,
confere a munição contada e espera...

Vigia na sombra o vulto do inimigo,
mas, sobretudo, ouve o despertar do povo,
percebe nos dedos a bruma a desatar

promessas de rebeldia.
Eis aí a tua hora:
levanta barricadas
e entrega ao povo os fuzis
dos camaradas mortos!

Ao **companheiro**
Yuri Xavier Pereira,
assassinado em junho de
1972 em São Paulo.

(1974)

CARTA AOS MEUS COMPANHEIROS EM GREVE

Iniciamos a marcha com as mãos vazias.
Partem sem armas, dirão.
A escuridão e a distância
não os terá permitido
perceber a reserva de força
no peito de cada um.
Hoje contamos apenas com dois olhos
para estabelecer o caminho.
E nos bastam.
Se o inimigo arrancar o direito,
o esquerdo se transformará em estrela.
E se vier a morte, será bem-vinda:
a morte traz, hoje, um gosto de vitória.
Há os retardatários, eu sei.
A própria noite os dissolverá.
Na última volta do caminho
havia um desvio à direita de quem marcha...

(25/26 de outubro de 1974)

COM ESTAS MÃOS

Cultivarei o chão da manhã.
Com estas mãos
ainda algemadas.
Não importa o sangue,
se ele brota dos meus dedos
ou da terra ferida.
Não importa se a colheita de luz tarda,
ou se os depósitos da noite permanecem
intactos.
Não importa que a passagem do inimigo
só tenha deixado destroços.
Cultivarei o chão da manhã,
embora, hoje, eu deva recompor
o corpo de meu irmão feito em pedaços.
Não importa se tarda a colheita da luz.

Ao **companheiro Jonas**,
torturado até á morte em 29
de setembro de 1969.

(1974)

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

Eis o teu caminho.
Preciso: talhado em madeira
e ferro.
Não importa que a sombra negue
Um horizonte que adivinhas...

Eis o teu caminho.
Árduo: grava no peito
a mão que plantou o dormente,
a mão que martelou os trilhos.

Recebeste do povo
a estrada que palmilhas.
Uma estrada conduz a muitos lugares.
Não marques no teu roteiro
a direção da noite.

Sobretudo, o caminho de tua
liberdade
não passe pela escravidão
de teus filhos.

Eis a tua estrada
de esperança: envoltos na bruma
os comboios martelam
na direção da aurora!

(1974)

NÃO OLHES PARA TRÁS...

Não te aflija a provisória solidão da rua.
Não perguntes por que permanece batida
a porta dos humildes.
Atrás de cada janela vigia uma luz.

A lama do caminho te mercou os pés,
mas não teve teus passos.
Não olhes para trás buscando agora
um vulto que a escuridão te negaria.

Pisa com força o chão da noite.
Deixa na travessia
estrelas armadas marcando a rota.
Não tarda a hora:

afeita a dura jornada,
a multidão se erguerá inumerável.

Ao “**Bruno**”, assassinado
em novembro de 1973
na **OBAN** em São Paulo.

(1974)

MARCHA NOTURNA

Ao **companheiro**
Antonio Carlos
Nogueira Cabral,
assassinado em abril de
1972 no Rio

“A Revolução, sabes,
é difícil.”
Fidel

Na marcha noturna
difícil é distinguir a cor dos olhos,
a forma do rosto de teus irmãos.

Alguma coisa, talvez a própria noite,
desenha-lhes o jeito igual
dos pássaros migradores.

Alguns carregam tochas,
as mãos negras de pó,
marcando a direção tomada.

Não há sinais de fadiga,
embora pese a ausência
dos mortos.

A treva não dissolverá
o vulto dos túmulos deixados
antes das montanhas.

O tempo exige olhos afeitos à escuridão
e sapatos habituados à marcha.
Não marca este caminho a hora da chegada.

(1974)

POEMA DEPOIS DO SUPLÍCIO

Hoje, o movimento
se faz imperceptível.
os filhos estão mortos.
O povo, adormecido.

Não vem da rua aos teus ouvidos
nenhuma canção de ninar.
Dir-se-iam depostas todas as armas,
o gesto de fogo enfim dobrado,

Entre os combatentes
há quem já não reconheça o caminho.
Há quem interrogue, com tristeza,
a praça vazia.

Se nesta hora o inimigo te procura,
recusa o jantar que te oferece.
Recusa a paz,
a vida que te oferece.

O jantar te daria um assento à mesa da noite.
Esta paz é a tua escravidão.
E se agora o inimigo te propõe a vida,
é chegada a hora de tua morte.

Ao **companheiro Mário Alves**, torturado até a morte em 16 de janeiro de 1971, que nos ensinou esta verdade.

(1974)

SEM SANGUE DERRAMADO NÃO HÁ LIBERTAÇÃO

Este poema é dedicado ao
**Pe. João Bosco Penido
Burnier**, assassinado pela
Polícia Militar de Mato
Grosso em outubro de
1976.

Há sol e medo em Ribeirão Bonito.
Há um grito de mulheres em Ribeirão Bonito.
Há um caminho traçado no couro escuro
do medo.

Não sei de onde vens, irmão
– apesar do sol, a noite é densa –
mas, palmilhaste todos os caminhos
do meu povo.

Há dez anos, teu irmão Camilo.
Camilo na vida,
na morte
irmão de todos nós.

Na vida, na morte
Camilo se planta
– semente de fogo –
na carne dos homens.

Sob o sol dessa noite
há doze anos teu caminho se traça.

Há um pranto de mulheres torturadas
a queimar o cerne de tua alma
e na poeira os sapatos se orientam
como se eles próprios, surrados,
colhessem o grão amargo do pranto.

A casa dos suplícios.
A porta do medo: cerrada.
Tuas mãos nasceram livres
e as mãos humanas abrem todos as portas.

O ar se fez barro
e se armou de silêncio
até o estampido.

Viste a morte
e a morte era apenas
um homem sem sonhos.

De tua última vereda
ficou a camisa ensangüentada
- sol nascendo sobre teu corpo -
e uma antiga lição de oprimidos:
"Sem sangue derramado não há libertação".

(Outubro de 1976)

CANTO PARA AS MÃOS PARTIDAS DE VICTOR JARA

Quisera chorar teus dedos dilacerados:
raízes do meu canto subterrâneo.

Quisera chamar-te “hermano”
como a infância dos rios
lava o rosto da terra,

mas minha boca sangrava
um silêncio de canções amordaçadas.

De tuas mãos se dirá um dia:
geravam pássaros de sangue
como as primaveras da lua.

Tuas mãos,
tristes descendentes das canções araucanas.
Tuas mãos mortas,
casa de canções decepidadas,

tuas mãos rotas,
últimas filhas do vento,

guitarras enterradas sem canto
sementes de fuzis,
seara de sangue.

Quisera entregar
minhas mãos inúteis
ao cepo de teus carrascos.

(2 de maio de 1976)

E ME INTERROGO...

Chego ao final do poema
e me pergunto:
estará aí o material proposto?

Reconheço, o suor do corpo
talvez tenha roído
o fio do material.

Terei garantido o corte do verso?
Ou se perdeu a palavra
numa rede de lamentos?

Teus versos têm a mesma roupagem,
dirão. Certamente, responderei,
como os soldados em marcha.

Possa meu poema acender em cada um
alguma coisa além das fogueiras
que iluminam a frente de batalha...

(1974)

Poemas da compañeira

“...y morir, como nuestro
adios, cuando la lucha lo
reclame siempre algún día, es
evidentemente lo más justo y al
mismo tiempo lo más fácil, pero
ahora estamos lejos y aun te amo
y es outra cosa.”

A. Szpunberg



HOJE NÃO ESTAS COMIGO

Hoje não estás comigo
e, entretanto, vives.

Rememoro.
Meus dedos, como antes,
escondidos nos teus cabelos.
Agradecido
o lábio leve pousado
sobre a pele,
e a palavra em bruma
dissolvida
era sobretudo uma forma
de silêncio.

Hoje não estás comigo
e, entretanto, vives.

Rejeito a solidão dos inconsolados.
Guardo teu nome nas paredes da cela.
Nas cartas escritas.
Num poema pleno de promessas.
No teu e no meu próprio sangue
a envolver o asfalto nas cores da manhã
que foi negada.
E então somos um só
e a solidão é impossível.

Hoje não estás comigo
e, entretanto, vives.

Em mim. Na boca de meus irmãos.
No povo regressando à praça.
No gesto dos que prosseguem...
Sobretudo vives na manhã de teus olhos
que a morte não apagará.

Hoje não estás comigo
e, entretanto, vives.

Recolho teu gesto interrompido
(e queima no peito uma saudade definitiva)
para recompô-lo durante
a jornada.

(1974)

NEGAVAS O PRANTO

Naqueles dias cada abraço
era o derradeiro.
A mão da morte atenta.
A noite emboscada nos caminhos obrigatórios.

Negavas o pranto aos olhos.
E era justo subordinar o pranto
a um tempo mais livre.
As manhãs se sucediam
como escravos em marcha.

Contudo, resistias.
Nas tardes de chuva,
os cabelos sobre os ombros,
o casaco xadrez e triste,
os sapatos palmilhando
uma rua vigiada, colhias
as pobres rações de esperança
na cinza daqueles dias.

Guardavas o diário dos mortos
como eu guardo, depois de tanto,
a pressão de teus dedos,
teus olhos em véspera de lágrima...
a surda esperança
num tempo sem cadeias.

À **companheira Aurora
Maria do Nascimento**,
assassinada em 10 de
novembro de 1972.

(1975)

“ROSA”

Andaremos sem roteiros
uma cidade armada.
Se as mãos se tocarem
não fujas, enlaçados

não guardem teus dedos,
ao fim da tarde,
apenas o frio
ferro das granadas.

Se vier o cansaço,
não resistas, repousa
no meu ombro
a cabeça fatigada.

e o gesto de carinho
banhe teus olhos
na fugitiva luz
de meteoros no mar.

Mas se a fadiga trazer
consigo alguma dúvida,
abre teus olhos infinitos
e repara em volta

a cidade ferida.
Ouve na sombra
o surdo labor da semente
largada no chão da rua.

Chega na boca do povo
um silêncio de planta
absorta, a desatar sua flor
enfim liberta...

(1974)

CAMPO DE FLORES

Prossigo,
ainda que a presença do inimigo
a vigiar meus sapatos molhados,
na rua sem trânsito, me devolva
a impressão de ter regressado
aos primeiros dias de treva.

Prossigo,
apesar do pranto.
Apesar do medo e da sombra do inimigo
na soleira da porta.

Prossigo,
ainda que o rosto da menina morta
tinja de sangue o branco da camisa
e me falte amor na caminhada.

Prossigo,
embora hoje eu não encontre
um campo de flores
onde repousar o corpo de minha amada.

Prossigo,
apesar do ódio, da lama,
embora a presença do inimigo
me devolva
a impressão de ter regressado
aos primeiros dias de treva.

À **companheira Ana
Maria Nacionovic**,
assassinada em junho de
1972.

(1974)

CANTO ESCURO

À **companheira Gastone
Beltrão**, assassinada em
21 de janeiro de 1972.

Não perdi teus olhos
como julgava...
Teu rosto de menina
que fugiu do arco-íris.

Não perdi a força de tuas mãos
elaborando manhãs.
A arma na gaveta
permanece muda,

esperando outras mãos
brotarem de tua ausência.
Este é um tempo sem flores.
E o canto, escuro, fere a boca.

Mas entre os filhos do povo,
alguém tece um canto humilde
e recolhe flores inéditas
para deixar sobre o teu túmulo,
que, por ora, ignoramos.

(1975)

Os esperados

Este poema é dedicado a **todos os pais, todas as mães, filhas, esposas, órfãos** que procuram, sem resposta, a vida ou a morte dos seus



I – ABERTURA 1975

A porta dos palácios não se fechou.
Há pranto no país?
Mobilizai reservas de silêncio!
Da praça onde o último canto,
o último pranto resistem,
não fuja nada
além do gesto emudecido.
É imprescindível
manter o canto sitiado.
O eco do pranto não roube
o sabor do banquete.
O sangue dos rebelados não tinja
o verde-ouro das divisas,
e haja sombra suficiente
a envolver os alicerces do “milagre”...
Não chegue o ofício da morte
além do rigoroso limite da noite.
Não permita, contudo, à mão ferida
semear a surda semente de liberdade.

(Janeiro/Fevereiro de 1975)

II - A ESPERA

A noite rouba o contorno das coisas.
Um silêncio povoado de perguntas
habita a casa e teus olhos, mãe.
As crianças adormeceram sem resposta.
Plantada no peito
uma secreta semente de inquietude.
Acidente? Os hospitais não responderam.
A noite abriga muitos perigos.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país...

.....

Um rumor de passos na escada.
A angústia desfeita, uma vontade
de rir dos vãos temores,
das horas perdidas de sono.
Mas a porta range
como se reclamasse mais carinho
e os sapatos na sala não trazem
o jeito sossegado de quem retorna.
Têm, antes, um pisar sombrio
que marca o chão e teus olhos, mãe.
Vieram calados
como um vento de desesperança.
A chuva insiste em dissolver
os passos esquecidos no jardim.
Resta agora um silêncio maltrapilho
como o instante que precede o pranto.

I – O DESTINO

Batidas as portas.
Perdidas as chaves da sombra.
Esta é uma terra de crime.
Marco na parede o nome dos mortos
e morro no corpo de cada um
e revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um...
Lavo as feridas do tempo.
Recolho entre os dedos
a chuva, e com ela componho
um acalanto humilde
ao sono dos torturados.
E cada um é um só e todos,
é meu pai, meu irmão,
a noiva perdida, é meu próprio corpo
marcado de suplício.
E cada um é força. Semente.
E não há noite, por mais treva,
capaz de ceifar as flores,
sentinelas dos túmulos
provisoriamente ignorados...

IV - PERSISTE A SOMBRA

Atrás das portas abertas
a pedra dos muros vigia,
a sombra dos mortos persiste,
o grito dos vivos corrói
as paredes da noite.
Os poderosos do dia se calam.
Há, contudo, muitos crimes no país..
Marco nas paredes da cela
o nome dos esperados
e espero no corpo de cada um.
Revivo, cinza recomposta,
nos sonhos de cada um.

(Janeiro/Fevereiro de 1975)

Pavilhão cinco



16º DIA

Retorno da terra.
Raiz libertada pelo vento,
alimentarei a boca dos famintos.

Raiz amarga, torno-me palavra.
Hoje a palavra busca um tom de ferro
e endurece a carne dos homens.

Palavra leve, faço-me pássaro.
E meu canto é mais
o duro mastigar de cadeias na sombra.

Pássaro acorrentado, torno-me combatente.
Combatente, não assistirei mudo
à morte de meus irmãos.
Recolho a palavra, o canto, o ferro
e gravo nos ombros do vento
meu grito.

O vento sul visitará
o muro das enxovias.
Na noite do décimo sexto dia
o vento e o mar recomporão
meu canto, sobre o travesseiro
de meus irmãos semimortos.

O vento, o mar, a chuva,
o sal de constelações incendiadas,
o fogo de uma liberdade menina
descerão sobre os olhos febris dos condenados.

(acabo de receber pelo rádio a notícia do fim
da greve de fome. A vitória. Não haveria melhor
verso para encerrar um poema aberto pela vida.)

Dedicado aos
**companheiros em greve
de fome na Ilha Grande,**
no Rio, em maio de 1975.

(Maio de 1975)

O SANGUE DO RIO

Vesti a água de escura de meu povo.
Comi a lama negra dos esgotos.
Fui leito de suicidas
e assassinados.
Fui Rio da Guarda: cemitério de mendigos.

Recebi no corpo o vômito das indústrias,
os andrajos da vida,
bagaço de esperanças acorrentadas
as ritmo seco das máquinas.

Tornado lama, abri meu caminho
nos olhos de uma cidade amarga.
Transitei pelo avesso dos jardins,
o avesso da paisagem publicada.

Leito de assassinados,
levo meus passos agora
ao dia de me encontrar,
como o rio que conduz
muitos outros no seu corpo
pra hora certa com o mar...

(1975)

Livro dos fuzilados

Aos companheiros
Ángel Otaegui,
José Humberto Baena Alonso,
José Luis Sanches Bravo,
Juan Paredes Manot,
Ramon Garcia Sanz,
assassinados na Espanha



ÁNGEL

Hoje eu não poderia dormir
sem falar contigo.
Aqui também a noite,
nos nega estrelas a dez anos.
Nasci numa aldeia do norte,
onde as crianças conversam
pelas estrelas com os ausentes.

As estrelas vermelhas que conhecemos
estão mudas.
Possivelmente ardem
nos olhos de uma criança faminta
nas ruas de Madri, desertas.

Falarei ao vento.
Se minha voz não chegar a tempo
– os ventos andam acorrentados em minha pátria –
chegará minha lágrima tardia
como a chuva sobre os penhascos da Espanha.

O que terá sentido tua mãe?
Tua mãe me amamentou com o leite
resgatado da guerra.
Tua mãe é a mãe de meus companheiros:
“Madre Revolución”, cantará a língua poderosa
de teu povo.
Voltarás ao ventre da terra-mãe.
Sagrado, teu corpo reúne na obscura manhã
de vinte e sete de setembro, o sangue de todos os
mártires.

Aqui, também a primavera está de luto.
Talvez a derradeira chuva
martele no telhado
um canto agudo.

São lágrimas dos meninos do mundo
que te choram e herdarão teu nome e tua bandeira.

Trago um cheiro de mar para os teus muros.
O sal de meu corpo se fundirá
com o suor, a crença,
a carne de todas as esperanças.
Perdoa, se trago palavras apenas.
A palavra é meu ofício,
E o exerço contra as paredes do cárcere.
Hoje eu não poderia dormir
sem falar contigo.
Amanhã estarei com a alma amputada.
Não te prometo que verei, por ti, a manhã absoluta.
Também aqui se morre, nas ruas
e nas prisões.
Mas terá nascido hoje,
do ventre amado da terra,
um menino cigano
de olhos claros que fitará
a Espanha libertada
com a força de mil constelações
submersas em 40 anos de tirania.

(26 de setembro de 1975)

JUAN

Os carrascos estão mudos, Juan.
Há o medo, o medo estampado,
gravado, esculpido no rosto
eternamente com teu sangue, Juan.
Eles não compreendem teu canto,
teu punho erguido diante do muro.
Não sabem que nada podem contra ti.
Por isso não compreendem
como, uma dia depois da morte,
estás nas barricadas de Paris,
tua mão distribui sementes de fogo
pelas embaixadas da morte.
Teu canto se multiplica na boca
das cidades rebeladas.
O mesmo canto que, ontem, parecia solitário,
irremediavelmente condenado
a morrer na morte de teu corpo.

Não podem compreender
que teu agasalho tecido
de amor, silêncio, lágrimas
e na profunda lã de Biscaia,
pelas mãos torturadas de tuas companheiras,
te faz invulnerável.

Retiraste deles o poder de matar,
seu eterno ofício.
Já não podem esconder as mãos ensangüentadas.
Há o medo, o medo gravado, estampado,
esculpido nas mãos trêmulas.
Hoje, Juan, quando estiveres comandando
uma barricada ou uma greve,
lembra-te de meu povo martirizado,
eu juro que ele não se rendeu!

Meu verso sobreviverá
porque falou de tua grandeza!
Porque Juan Paredes Manot
não morrerá nunca!

(Setembro de 1975)

LUIS

Talvez haja silêncio em Carabanchel
enquanto escreves.
Talvez as gotas de chuva derramadas
sobre tua vigília devolvam os olhos tristes
de Sílvia, roubados pelos chacais.

As mãos pequeninas de tua mulher
amparam o ventre cálido,
agitado, fecundo
como a doce terra de Espanha.
Agasalham em silêncio tua semente,
a profunda promessa de teus olhos,
os minúsculos pés que marcharão
sobre o caminho interrompido.

Hoje, o ventre sagrado de tua companheira
é o próprio ventre da pátria espanhola
gerando as sementes de uma primavera
incendiada.

Vai em paz, companheiro,
tua mãe será consolada
pela canção dos povos.

Teu amor sobreviverá, Luis.
Gravado com teu sangue
no muro dos fuzilados,
teu amor venceu a morte.

Antes de dizer adeus,
tenho as mãos algemadas, irmão,
lembra-te
também aqui se morre nas prisões,
mas, sobretudo, quero que saibas,
nascem crianças nos calabouços
como promessas de um tempo de fogo!

(Outubro de 1975)

OSÉ

Perguntas por meu povo.
Direi apenas que não dorme.

Aqui a morte arranca
a palavra aos poetas,

só lhes resta a boca
ferida pelas botas,

só lhes resta o verso armado.
Não me calei,

meu verso é minha arma,
carregada de ternura.

Meu povo não se calou,
o grito dos filhos mortos

corta a carne do silêncio
e rompe a mordada.

Talvez não tenha ouvido
o canto acorrentado,

a garganta exausta
já não vence o muro,

não vence o peito,
mas o canto arde no sangue

buscando a forma breve,
o estampido,

a rosa breve desenhada
em teu corpo eterno,

nos muros eternos
da Espanha rebelada.

(Outubro de 1975)

RAMÓN

Tenho a boca cheia de flores improferíveis.
Vivo num país de silêncio e gritos.
Nasceram meninos sem canto.
A palavra fugiu da boca do povo
ou foi lavrada com sangue
no rosto dos fuzilados.
Os ventos, castigados, já não levam
o gemido dos vivos,
a canção das meninas mortas,
o grito dos sepultados pela hora.

Vivo uma hora de silêncio e gritos...
Recuso a parede imposta
e quero gravar com unhas e sangue
um canto de pedra que permaneça.

A pedra dos muros sobreviverá
à hora do massacre,
aos carrascos de Trelew, Tutóia,
à força da morte.

Meu canto corta a sua mudez
na cinza do muro e fere
o nome de Ramón Garcia Sanz,
na pedra, no peito, na boca
de todos os silêncios.

Os inimigos falam de tua solidão,
da derradeira noite de chuva,
como se em tuas veias
não rompesse o sangue dos incêndios,
o canto dos meninos armados,
a fúria de teu povo alimentada
em séculos de revolta!

(Outubro de 1975)

Poemas do “enforcado”

À Vladimir Herzog,
torturado até à morte



A ÚLTIMA NOITE

Sexta-feira. Noite.
Noite mais longa
que os sete anos de André.
os nove anos de Ivo,
noite mais longa
que a angústia de Clarice.

Na carne da sombra
outras sombras se desenhavam
buscando formas humanas
(é necessário um disfarce mínimo)
contra o claro corte da luz.

Ninguém viu como chegaram.
Em torno, a treva abriga
o passo de seus filhos.

As mãos sedentas de gritos,
de prisões, de chagas,
arrastam teu corpo
ao território da treva.

Mas não estás sozinho,
nunca mais estarás sozinho.
Teus irmãos te resgatam
e adiam para amanhã
o riso dos chacais.

De tuas mãos ainda brotará
o último noticiário da noite.
Preso entre os dedos
o endereço da morte.

TOMÁS CARVALHAL - 1030

I

Trabalhaste a palavra
para o mundo de teus filhos.

A terra trabalhará em teu corpo
um sol de manhãs e lágrimas.

Na pedra do túmulo,
gravarei o endereço da morte:

Tomás Carvalho - 1030
esquina com Tutóia.

Sobrevivi. Levarei na pele, na alma
o nome de meus mortos.

II

Não trago palavras,
o impotente sopro dos humanos.

Ergo minhas mãos caladas.
Tomaram a feição dos ferros.

Tenho machados nos pulsos
e o gesto de afago

se fez gesto de morte.
Não há palavra possível

entre o ferro e a carne
das feras. Minha linguagem

é o fogo, a fibra do estanho,
o sangue de metais fundidos

num rio infinito
de ódios acumulados.

Não trago palavras,
a boca está seca,

desaprendeu a forma do canto.
Moí a palavra, a pólvora,

a dor, o sangue dos "suicidas".
Na concha das mãos

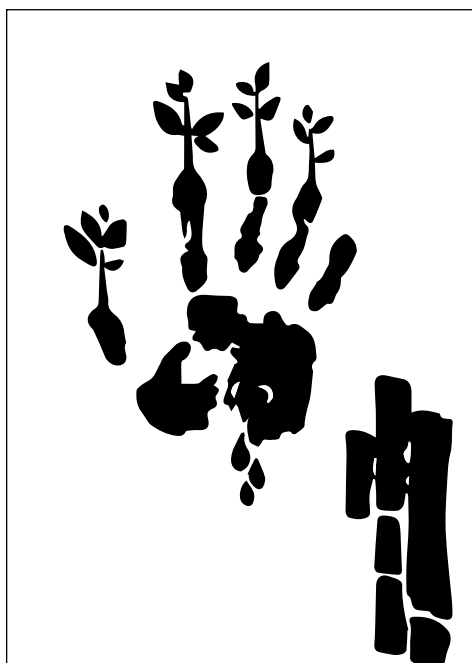
sacio a sede dos órfãos
com este mel de tempestades.

(Outubro de 1975)

Retorno ao labirinto

(Abril de 1977)

Este poema nasceu soterrado.
Nasceu da morte de **Bacuri,**
meu companheiro e meu irmão.
Permaneceu sete anos destilando
sua dor pelos corredores, afiando
os dentes, buscando a força e a
vestimenta do grito. Encontrei-o
cristal e ferro entre as paredes de
meu dia e aqui vos entrego.



SOTERRADO

Soterrado.
Impossível andar,
impossível falar,
fugiu todo o ar
de que te alimentavas outrora.

Aprender a respirar
- ou o barro te ganhará o peito -

a gritar
- ou o silêncio corromperá
o metal do grito -

a andar
- ou teus pés amanhã
serão raízes -

a comer terra,
sobreviver no coração o pântano.

Aprender todas as categorias de treva,
as travas,
os muros,
as cordas
que te retêm sob a montanha,

vigiar o jeito das pedras
- limite de tua pele -
a substância atenta dos inimigos,

perceber a mão
aberta em sol,
em sol e crença

estendida
(aqui não cabe
desespero) e esperar.

Saber que o barro não
permite o gesto rápido,
que a mão demora
e é toda suor e medo,

distender até a última fibra dos ossos,
tocá-la,
fundir-se em luz
e lava
e cataclismo,
saber a exata hora de explodir!

Saber recomeçar.
Saber que o homem
é a história
de sua reconstrução.

Reaprender a respirar,
a gritar,
a andar
ou teus pés amanhã
serão raízes e o corpo
uma árvore de silêncios
e sonhos secos à espera do fogo.

AÇOITE

É pau
é golpe
é corpo
é corda.

O corpo
é arco
é pau
é corda.

O corpo
é grito
é golpe
o corpo
acorda.

Tive mãos:
palmas abertas
de semear.

É pau
é golpe
é corpo
é corda.

Tive pés:
plantas libertas
de caminhar.

O corpo
é arco
é pau
é corda.

Aqui a corda
se quer navalha:
devora o limite do corpo.

O corpo
é grito
é golpe
o corpo
acorda.

As mãos.
os pés,
as amarras,
pendem:
trapos de nuvem ensangüentados.

É fio
é faca
é fogo
é fúria.

O último vôo
desta garganta
- pássaro sem pluma -
rompeu-se contra o muro.

É golpe
o corpo
é grito
é massa
é morte,

lento bagaço de agonia.

A serviço do silêncio,
o ar recusa a voz.

Sobre o grito
se fecha o ar.

O sol brilha
sobre os fugitivos
os acidentados
os suicidas...

O sol, eu sei,
brilha sobre o país
- em paz...

O VENTRE

Sala seca.
As paredes revestidas
pelos opacos módulos
do silêncio:

ventre surdo,
nos seus cavos,
seus vazios,
subjugando a força
do grito.

Densos cavaletes.
O aço do cano,
o aço nos olhos,
os olhos no cano
e o relâmpago.

A força dobra-me a carne
como quem dobra
o corpo dos nascituros.
Aqui, porém,
a dor e o grito
não abrem portas.

Recurvo no ventre
cerrado,
em dor renasço
na recusa.

Cotovelos,
joelhos,
entre um e outro
o súbito relâmpago
me sustém no ar.

Um corisco visível
apenas por dentro
como se no cerne
do corpo se acendesse.

Recurvo no ventre,
em dor renasço
na recusa
de minha morte.

CORREDORES

Escadas,
 escadas,
 escadarias mortas.

Corredores,
 portas,
 corredores.

Escadas descendo,
 descendo,
 descendendo da sombra geral,
 homens descendo aprisionados
 - subterrâneo território de ferros.

Aqui não há paredes.
As claras paredes de tua infância.
Aqui a bruta muralha.
Sem cor. Sem esperança.
Espesso barro de trevas.

Corredores,
 portas,
 corredores.

Na margem da consciência
uma dor golpeia aguda
e me sinto como um menino
recomeçando a marcha de seus mortos.

Escadas,
 escadas,
 escadarias mortas.

Sob as escadarias
há portas.

Portas breves como olhos vazados,
buracos vazios na cara do muro.

Portas retendo a matéria da escuridão
como a alma dos cegos.

Corredores,
 portas,
 corredores.
Sobre meus olhos, minha pele,
se tece esta muralha de silêncios.
Sei que se faz hoje mais espessa:
há uma nome a mais
gravado em sua noite.

Há nomes que não cicatrizam,
sangram de sua sombra
lentas gotas de manhã.

Escadas,
 escadas,
 escadarias mortas.
A carne do muro
 sepulta os ossos de rebeliões
 destroçadas.
Nos olhos reponho
 o infinito recomeço do fogo
 e por ele, infinitamente, renasço.

NÃO SEREI A TUA PAZ

Não serei a tua paz,
antes o sobressalto,
a imprevista solidão.

Não serei teu riso
- clara morada
de meninos -,

antes este silêncio
de agulhas
sangrando o peito.

Hoje, serei apenas ausência,
tuas mãos vazias,
tua espera.

Não serei tua liberdade, companheira,
exilada para além dos muros
do horizonte,

serei, antes, o filho da terra
e do tempo: esta obstinada
vontade de resistir.

POEMA SEM MEDIDA

“**Eduardo Leite (Bacurí)** – a quem este poema é dedicado – foi preso no dia 21.08.70, no Rio de Janeiro, pela equipe do **delegado Sergio Paranhos Fleury**, e pelo CENIMAR. Foi torturado tanto no Rio como em São Paulo, para onde o trouxeram por mais de uma vez. Em setembro de 1970 veio definitivamente para São Paulo, onde recebeu carta de sua esposa, Denise Crispim e um sapatinho de sua filha, nascida após sua prisão (e que ele morreria sem conhecer). Já no DEOPS seus torturadores planejam matá-lo. Com esse fim forjam a notícia distribuída aos jornais, afirmando ter Eduardo fugido quando da prisão de Joaquim Câmara Ferreira, a 23.10.70. No dia 25.10.70 a notícia foi publicada (e o tenente da PM de São Paulo, **Chiari de Tal**, comandante da tropa de choque do DEOPS, indo até a cela solitária onde se encontrava Eduardo mostrou-lhe o jornal com a notícia). No entanto, quando se divulgava sua “fuga”, Eduardo sequer havia saído de sua cela. Seus torturadores chegaram a engraxar os gonzos das portas enferrujadas das celas para que pudessem retirá-lo em silêncio. Os demais presos políticos que à época se encontravam naquela carceragem ficaram alertas. Quando da retirada de Eduardo Leite, aos 50 minutos do dia 27.10.70, protestaram em altos brados e puderam ver que ele estava bastante machucado, sem poder andar em virtude das torturas sofridas. Era responsável pela carceragem do DEOPS, na ocasião desses acontecimentos, o **delegado Luiz Gonzaga Santos Barbosa**. Eduardo Leite permaneceu nas mãos de seus torturadores até o dia 08.12.70, quando sua morte foi noticiada como ocorrida num tiroteio numa cidade do litoral paulista. Sua esposa viu o corpo antes do enterro e relatou que estava desfigurado pelas torturas, quase irreconhecível. Seu assassinato foi denunciado na 2ª Auditoria da 2ª CJM de São Paulo, mas o **juiz Nelson Machado Guimarães** negou-se a fazer constar dos autos do processo.” **Jornal Opinião**.

Venho da alma da noite.
Sem naufrágios.
Trago no corpo um pesado gosto
de sepulturas.

Roto espelho de torturas,
meu poema nasce
do sombrio itinerário
de meus mortos.

O corpo se nutre dos destroços deste sonho de liberdade que recusou a ferrugem com que a sombra e seus exércitos buscam corroer o minério humano, e, sob todos os dilúvios, sob a grossa umidade da treva, a raiz dos cogumelos, o dente dos carcereiros, sob o pântano das horas dissolvidas na garganta, a saliva corrompida dos carrascos, sob as botas do rei, reacende as fogueiras de sua esperança.

A poesia soterrada
risca no muro
um canto de coragem
e nele se planta
sobre todas as tintas
- ou o sangue
dos sacrificados -
que o recobriram
durante os séculos
de silêncio.

Rompeu entre os dedos a subterrânea flora dos abismos. Trago as mãos enegrecidas pelo vento podre dos porões, o riso das algemas, a fagulha dos dínamos, o açoitado. O musgo lento recobre as unhas, a pele, a alma, tudo que guarde alguma promessa de luz, e os olhos - diamantes perseguidos - se encerram sob a pálpebra verde dos prisioneiros como o sol da laranja dentro de sua armadura de sumos. Dias cegos deslizam pelos trilhos como vagões mortos, vazios de sol.

A poesia soterrada
em água
e
barro
divide a lama
e alivia o lábio

gretado
dos humanos.

A poesia soterrada
em ar
 e
 canto
divide a água
e respira no peito
deserto
dos humanos.

Na alma da noite resiste a música
de violões aprisionados
e a voz humana replanta a palavra
na parede do tempo.

A palavra é proibida, todos sabemos, e as sentinelas do silêncio marcham pelos corredores, convertem em medo o ar que leva o canto, rasgam o corpo das palavras, cegam os olhos das canções, rompem o piso à procura do fogo, rompem a vida que se refaz tateando caminhos emparedados, e retornam em paz para seus muros.

Na alma da noite
a voz humana replanta
uma semente,
um diamante,
uma criança
com enormes olhos
de amanhecer
 e orvalho.

(Abril de 1977)

Tempo subterrâneo

Este trabalho pertence a
Alexandre Vannucchi Leme,
meu irmão que a morte proibiu.



1.

América,
de tuas veias abertas
arrancarei meu ritmo:
grito de meninos traídos,
pássaros,
 vulcões,
 desertos,
ruas de medo,
 povos saqueados!

2.

Na pele, a parede guarda
histórias inúteis,
massacres sem testemunhas.

A parede cerca
de silêncio
a dor do povo.

Espelho opaco de tormentos,
os muros gritam na rua
o risco parado de seus enigmas.

A cara dos anúncios nega
a chaga aberta
na memória dos muros.

GOLPEIO A MEMÓRIA DA TERRA.
RECOLHO O SANGUE DOS ESQUECIDOS.
COM CRAVOS ESCUROS MARTELO
A MARGEM DA LEMBRANÇA
NOS OLHOS VAZADOS DE AMÉRICA.

3.

Homens de lama verde,
densa lama de mortos
em formação cerrada
pelas ruas de márço.

A lama não distingue,
antes, dilui,
 dissolve seus cristais,
cega o fio da faca,
 o fio dos olhos
 o fio da vida,
amolece,
 silencia,
 sufoca o vértice dos homens.

A lama escorre,
lento dorso de serpente,
arrolamento de mortos
devolvidos ao sol.

A lama aboliu o rosto,
 os espelhos:
tudo que possa ferir.
A lama garantiu
o passo dos coturnos
no palácio dos espelhos abolidos.

Soube-se dos pátios de horrores,
do corpo decepado:
 governante.

Em tudo o medo:
 na palavra,
 no silêncio,
 no golpe,

na fuga,
na palidez do rosto, o medo,
a lama,
o medo,
o veneno dos dias
paralisando sonhos.

Contudo, ninguém governa sem rosto.

“Procurem no beco,
 nos cemitérios,
no cepo dos açougues,
dêem-me uma cara
com pele,
 dentes,
 barba!”

Uma cara como o terno que veste o morto
e lhe devolve o ar de quem dorme.

.....

Cerzido no corpo morto
um rosto qualquer,
um riso qualquer,
como qualquer ausência.

Mas a morte rói
a cara do morto:
lavoura sem plantio.
Só colheita.

A soda do sangue
devora os dentes,
a língua,
 a luz dos olhos,
 os ossos limpos da cara.

A morte cobra sua safra:
gota a gota
 o corpo devora o rosto,
cerzido.

Justaposto.

A lama e seus vermes,
a lama e sua boca roída
repõe seu canto uniforme:
“Procurem um rosto!
No beco,
 nos cemitérios,
 no cepo dos açougues,
dêem-me uma cara
com pele,
 dentes,
 barba!”

A lama repõe seu canto cavo
nos ouvidos do povo.

4.

Passo marcado: açoite.
Vento e açoite.
Pranto. Vento exilado.
 Morte.

Pranto.
 Passo.
 Vento.

Para onde?

Para onde, América,
filha de reis submetidos?
Açoite. Vento e açoite.

Para onde, América,
teus rios escravizados?

Teus filhos escravizados?

Eu quero a sombra dos mortos.
Eu quero da noite surda,
o destino dos devorados.

Passo marcado: açoite.
Desço a garganta da memória,
vento e açoite.

5.

Prisão Militar de Rawson. 18h40. vestindo uniformes militares, um grupo de guerrilheiros, armado de fuzis, metralhadoras e pistolas entrou no presídio, num caminhão do exército. Inicia-se uma rebelião dos 860 detentos. Tiroteio: morte de um guarda. 25 guerrilheiros escapam. **(Veja, 23.08.1972).**

“Sob verdadeira chuva de balas, 25 presos fogem em direção a Trelew. Alguns se desviam do caminho previamente traçado. Dirigem-se a outros pontos: Esquel, a oeste, Telsen, a noroeste e Paso de Arroyo Verde.” **(O Estado de S. Paulo, 17.08.1972).**

Nem todos chegaram a tempo no Aeroporto de Trelew, um dos grupos é cercado pela polícia nas proximidades de Dolavon: 55 km de Rawson. Dez guerrilheiros ocupam o Aeroporto de Trelew. Seqüestram um avião. Dirigem-se a Puerto Montt e depois a Santiago.

Minutos depois os demais grupos, retidos em Dalavon, chegam a Trelew. Ocupam o aeroporto. Todos os aviões são desviados da rota. Cerco. Três horas depois rendem-se ao **juiz Alejandro Godoy**. Depõem as armas. Em ônibus militares são conduzidos para a base **Almirante Zar**. **(O Estado de S. Paulo, 17.08.1972).**

Muralhas de Rawson,
que ossos cercam
a carne de teus escravos?

Pedra surda de Rawson,

onde calas o sonho
de teus escravos?

Barro amargo de Rawson,
alimenta a hora
de rebelião.

Caminhos perdidos de Trelew,
por que nos golpeia os olhos,
a faca dos ventos de Telsen?

Caminhos perdidos de Trelew,
por que o fogo à espreita
nas ravinas de Dolavon?

Caminhos cegos,
por que a noite desfibra
o preciso tempo de fuga?

Caminhos desesperados,
onde a rota
dos encontros?

Sobre as mãos erguidas
o riso dos mortos, como o ferro,
se torce em arma.

“Por decisão do comando regional, foram levados para a base de Trelew em lugar de serem reconduzidos a Rawson, onde poderiam ser alvo de represálias dos guardas revoltados com a morte do companheiro no dia da fuga.” (**O Estado de S. Paulo, 23.08.1972**).

Madrugada de terça-feira, 22 de agosto: dezenove guerrilheiros tentam escapar da base naval de Trelew. “Tomaram a metralhadora do comandante da guarda – que à inusitada hora 3h30 fazia uma revista nas celas – e conseguiram outras armas, utilizando-o como refém”. Ao chegarem ao portão de saída, enfrentaram o fogo cruzado de fuzileiros navais entrincheirados em pontos estratégicos. Quinze morreram na hora e um, no dia seguinte. Versão oficial. (**Veja, 30.08.1972**).

Comunicado do Estado Maior: a tentativa de fuga começou às três e trinta da madrugada – o

chefe da guarda fazia uma vistoria nas celas, enquanto os presos permaneciam no corredor. Foi atacado pelas costas por **Mario Pujadas**, que lhe arrebatou a metralhadora das mãos. Utilizando o oficial como escudo, os 19 guerrilheiros conseguiram outras armas, mas ao chegar ao portão de saída enfrentaram o fogo cruzado dos fuzileiros navais: treze guerrilheiros mortos. Seis feridos. Um dos feridos morreu em seguida. **(O Estado de S. Paulo, 23.08.1972)**

O comando de Trelew informou que os prisioneiros, 14 homens e cinco mulheres, tentaram escapar às 3h30 da madrugada, depois de terem chamado o capitão da guarda, sob o pretexto de que um deles estava doente e precisava de cuidados médicos. **(Agência AP).**

“Logo depois do incidente, o **presidente Alejandro Lanusse** convocou uma reunião urgente da Junta dos Comandantes militares para examinar as possíveis repercussões políticas do fato e adotar as medidas para prevenir represálias das organizações terroristas.” **(O Estado de S. Paulo, 26.08.1972)**

Mar subterrâneo de fúria,
Trelew,

que chagas trançaram
a corda de teus dias?

Que venenos povoaram
a boca de teus ventos?

Que dedos cumpriram
tua lavoura de sangue?

Dos muros brotaram mãos:
campina de ódios.

Onde a raiz destas mãos
assim autônomas?

Dos corredores quietos
brotaram mãos:
chagas convocadas,
estrelas de sangue e aço
na pele do silêncio.

Onde o corpo destas mãos

mobilizadas?

Dedos retorcidos sobre o ferro:
martelos de morte.

Onde o limite da
fúria?

Nos corredores quietos,
tempo de colheita:

sobre o sangue-sombra,
ossos de sonhos,
ossos dos séculos,
ossos sem memória...

Palavra, apruma em navalha teu fio.
Desfibra o vômito dos diários,
devolve em tuas mãos, ao sol,
o sangue destas muralhas!

A revista “**Primeira Plana**”, confiscada pelo governo militar, denuncia: quando os médicos abriram o ataúde de **Maria Angelica Sabelle**, um dos 16 prisioneiros que morreram no incidente de Trelew, “observou-se que ela tinha a base do crânio esfacelada a golpes”. (**Jornal da Tarde, 01.09.1972**)

Convocados, os herdeiros da lama afluem,
o pulso aberto como o curso dos rios.

O mosaico dos corredores aceita o sangue,
a lama, não sei, um mel pesado de mortos.

No coração do palácio, a mesa:
polido marfim de ossos.
Em volta da mesa, os inventores da morte.

A noite de Trelew se faz navalha.

de silêncio
a dor do povo.

6.

AMÉRICA!

Arranca da fibra do tempo
um dia de sangues enterrados!

Mário Pujadas
Humberto Suarez

Palavra, reduz a fibra
até o seco estampido: estanho.

Suzana Lasgart
Emílio Mario Delfino

Palavra: pão em silêncio sobre a
mesa.

Espiga,
safra saqueada.

José Ricardo Mena
Jorge Alejandro Ulla

Palavra, não te permitas suores,
gordura indolente, pântano,
antes, abrupta tessitura: pedra.

Carlos Alberto Del Rey
Adrian Humberto Toschi

Palavra, não te faças cristal.
Sino.
Claro timbre de manhãs:

não inventes o som sem gesto.

Miguel Ángel Ponti
Adolfo Eduardo Capello

Palavra, veste a roupa do tempo.
Veste a rota camisa do grito.
Tece a dura carne do verso.

Carlos Alberto Astudillo
Maria Angélica Sabelle

Palavra, não te percas em verso inútil,
fere no ar um vôo mais seco:
palavra-de-ordem.

Clarisa Rosa Leaplace
Ana Maria Villareal de Santucho

Palavra, tenho as mãos devoradas.
A brasa do verso não retroceda,
e, faca de fogo, lavra na pele
do muro o nome dos mártires.

Passo marcado: morte.
Desço a garganta de Trelew.
Vento e açoite.

7.

Doze anos.
Gota a gota.
Interminável,
a lama não distingue,

antes, dilui,

No dia 10 de novembro, as autoridades policiais do Rio comunicavam que, ao ser levada para o “aparelho” de seu companheiro, no Méier, **Aurora Maria do Nascimento Furtado** “saiu correndo e gritando em direção a um Volks estacionado nas proximidades, havendo em seguida intenso tiroteio entre os agentes e os ocupantes do carro, depois do qual Aurora agonizava na rua.” (Opinião, 08/15.01.73)

Em nota distribuída dia 05/01/73, os órgãos de segurança informavam ainda a morte no dia 20/12/72 de **Lincoln Cordeiro Oest** e **Luís Guilhardini** que haviam sido presos no Rio a 20 de novembro. A morte de mais estes dois é descrita como tendo se dado em circunstâncias semelhantes às três outras citadas anteriormente”. (Opinião, 08/15.01.73)

A lama tomou a rua
como se, abertas as veias
da treva, vazasse
um sangue de medo.

A lama cercou cidades,
construiu pontes,
impôs silêncio, milagres...
a lama cobriu papéis,
subiu escadas,
penetrou gabinetes,
penetrou a carne da vida
com o sangue de pedreiros mutilados.

A lama impôs governo.
A lama mordeu-me a alma.

Eu quis apenas ver o rosto de Ana Rosa.

Horas,
dias,
anos enterrados,
mastiguei o gosto da ausência.
Eu quis a marca no muro,
um sinal.
Bati todas as portas.
Portas de silêncio,

surdas portas
sem rosto.

Gritei por uma palavra qualquer.

Portas sem gesto,
sem palavra,
sem resposta.

Eu pedi a resposta mais amarga.

Portas como a pedra
do túmulo jamais
encontrado:

eu pedi a morte de Ana Rosa.

Mas,
Há uma hora em que todas as bocas se fecham.
Há uma hora em que a memória nega.
Há uma hora em que a noite desce
como a mordança definitiva.

E recomeço como o sol
a eterna tarefa
de encontrar a noite.
E repiso a marca
dos meus passos
no rosto da lama.

Dei minha cabeça ao coração da terra,
à maneira das crianças perdidas:
como a Gestapo, devolvessem o corpo.
Negaram-me a vida.
Negaram-me a morte.
Negaram-me a derradeira forma de esperança.

“Em um comunicado divulgado no último sábado, dia 31 de março, à tarde, o Secretário de Segurança de São Paulo, **general Sérvulo Mota Lima**, deu a versão oficial dos fatos

que culminaram com a morte de **Alexandre Vannucchi Leme** (...). De acordo com a nota oficial, Alexandre foi preso no dia 16 de março “por pertencer a uma organização subversiva autodenominada **Ação Libertadora Nacional**. No dia 17, diz a nota, Alexandre foi levado para o cruzamento das ruas Bresser com Celso Garcia, no Brás, “onde teria um encontro com um companheiro”, às 11 horas. Os agentes de segurança ficaram à distância enquanto “Alexandre dirigiu-se a um bar onde pediu uma cerveja.” “Repentinamente – diz a nota – saiu em desabalada carreira, aproveitando-se de que o semáforo, recém-aberto, ainda permitia uma passagem arriscada e impossibilitaria uma perseguição face ao volume de tráfego: a tentativa não foi coroada de êxito para Alexandre, pois quando ultrapassou a primeira fila de veículos foi atingido pelo caminhão Mercedes-Benz, placa NT 1903, dirigido por **João Cascov**”. (Opinião, 2/9.04.1973)

Visitei os sobreviventes.
Tinham as mãos atadas,
a boca cheia de promessas,
onde o rosto de Ana Rosa?,
Nada.

Há uma hora em que todas as bocas se fecham.
Há uma hora em que a memória nega.
Há uma hora em que a noite desce
como a mordação definitiva.
E recomeço como o sol
a eterna tarefa
de encontrar a noite...

GOLPEIO A MEMÓRIA DA TERRA.
RECOLHO O SANGUE DOS ESQUECIDOS.
COM CRAVOS ESCUROS MARTELO
A MARGEM DA LEMBRANÇA
NOS OLHOS VAZADOS DE AMÉRICA.

26 de outubro de 1975

“O Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo divulgou nota oficial comunicando a prisão do jornalista **Vladimir Herzog**, do departamento de Jornalismo da TV-Cultura, ocorrida ontem. Vladimir encontra-se no Departamento de Operações Internas do II Exército, onde se apresentou ontem pela manhã para prestar depoimento...” **(O Estado de S. Paulo)**

27 de outubro de 1975

“O Comando do II Exército lamenta informar o seguinte: (...) Cerca das 16h00, ao ser procurado na sala onde fora deixado, desacompanhado, foi encontrado morto, enforcado, tendo para tanto utilizado uma tira de pano. (...)”

8) As atitudes do Sr. Vladimir Herzog, desde a sua chegada ao órgão do II Exército, não faziam supor o gesto extremo por ele tomado.” **(O Estado de S. Paulo)**

Ninguém está salvo
Ruiu a hora dos inocentes.
Todos trazem nos lábios
alguma sombra de culpa.

Foi proibido o sonho,
o canto,
a palavra.
O sangue das palavras
limpa com seu fogo
a cor da mordaca.

Ninguém está a salvo.

Na esquina do teu sono
o silêncio espreita,
a sombra na rua
espreita,
a hora da morte
espreita,

nas mãos do tempo,

uma tira de pano
espreita.

“O corpo de Vladimir chegou ao velório do Hospital Albert Einstein as 16h30 de ontem. **Sua mulher, Clarice** mostrava-se controlada, mas só ficou assim por pouco tempo. A sua primeira crise de nervos aconteceu quando soube que o hospital não permitiria que se fizesse um segundo exame do corpo, como ela pretendia. Clarice chegou a pensar em levar o corpo para sua casa, para possibilitar o exame, mas isso acabou não se concretizando; dizia-se que um médico tinha concordado em fazer a autópsia, mas já havia a oficial, que acabou sendo considerada definitiva”. (**O Estado de S. Paulo, 27.10.1975**)

Não estás aqui,
mas tua ausência se arma
de farpas e enigmas.

Desenhado na boca
o grito represado:
cal contra a parede escura
do silêncio.

Teu silêncio abriga
a marcha dos tormentos,
as feras,
os fios,
o fogo,
Teu silêncio abriga
o grito de tantos...
como os vulcões guardam
as chagas da terra.

“1º – Examinamos com o devido cuidado o presente inquérito e chegamos à conclusão de que a morte do cidadão Vladimir Herzog, submetido a investigações por crime contra a Segurança Nacional, se deu, segundo a prova recolhida, por sua livre e espontânea vontade, sem auxílio, instigação ou induzimento de quem quer que seja (ver art. 207 do Código Penal Militar), razão pela qual requeremos o arquivamento dos presentes autos, por inexistência de crime a punir.” (**Parecer do Procurador da Justiça Militar, O Estado de S. Paulo, 10.03.76**)

A faca do meu uso
não saberá o gosto
de minha carne.

Não há presos.
Não há mortos.
Não há crimes.
Apenas lamentos.

Palavras de lama
no muro da memória.

“A viúva do jornalista Vladimir Herzog e seus filhos entraram com ação na Justiça, com a intenção de obter a declaração de responsabilidade da União por sua prisão e morte nas dependências do DOI-CODI, em outubro do ano passado. (...)”

A petição enfatiza a perplexidade causada pela notícia de que Herzog teria se suicidado, pois a própria nota do II Exército afirma que suas atitudes “não faziam supor o gesto extremo por ele tomado”. Ressalta ainda que ele se servira do cinto do macacão que usava, quando outro jornalista, **Rodolfo Konder**, em depoimento juntado à petição, esclarece que “o macacão que lhe deram para vestir nas dependências do DOI, a exemplo de todos os outros, não tinha cinto”. (**O Estado de S. Paulo, 21.04.1976**)

Não me habituei ao silêncio.
Com algumas palavras
organizo meu lamento:

Nome:

Vladimir: igual uma chicotada no rosto.

Profissão:

não importa.

Conta apenas a parcela de sonho extinta.

Inútil fechar os olhos,
há um espinho cravado
na consciência da tarde.

“O Comando do II Exército lamenta informar que foi encontrado morto, às 13 horas do dia 17 do corrente, sábado, em um dos xadrezes do DOI-CODI/II Exército, o **Sr. Manoel Fiel Filho**. Para apurar o ocorrido, mandou instaurar Inquérito Policial Militar.” (**O Estado de S. Paulo, 20.01.76**)

Ninguém está a salvo.

Os documentos do bolso
não te limpam
aos olhos da lama.

A fábrica,
a máquina moendo a vida,
a vida moendo a vida
não afirmam nada,
a ferramenta nas mãos,
turvas como o ferro que malhas,
não te justifica.

Ninguém está a salvo.
Todos são culpados
até que a lama os lave

com seu visco.

“No dia seguinte, sábado, um táxi parou em frente à casa 155 da rua **Coronel Rodrigues**. Um homem desceu, jogou no quintal um saco de lixo e um envelope, e berrou:

– “**seu**” **Manoel** tentou o suicídio.

Terezinha ainda tentou perguntar alguma coisa, mas rapidamente o homem entrou no carro e desapareceu. Terezinha só teve tempo de gritar:

– Eu sabia que vocês iam matar ele, eu sabia que vocês iam matar ele.

No saco azul de 20 litros com o emblema da “Lixeira ideal” estavam a calça e a camisa de brim, o cinto e um par de sapatos. No envelope, com o timbre do IIº Exército, os documentos de Manoel.

Eram seis e meia da tarde (...). (**O Estado de S. Paulo, 21.01.76**)

No saco azul,
devolvidos teus vazios:

a calça rota,
a camisa de brim
sem amparo de teus ombros,

o cinto,
um par de sapatos
vazio de roteiros.

No saco azul,
teu lixo,
teu bagaço,
a casca sem a lenha
de teu cerne sem
memória.

Eram seis e meia da tarde...

“O Oficial de serviço, Tamota Nakal, foi procurado pelo carcereiro Alfredo Umeda, dizendo este que Manoel Fiel Filho não tinha respondido a seu chamado quando foi levar-lhe o almoço, permanecendo inerte com algo enrolado no pescoço. Umeda foi à cela e chamou socorros médicos, comparecendo o enfermeiro Moacir Piffen, que constatou que Manoel Fiel Filho estava morto e seu corpo ainda quente. Ele tinha utilizado as meias de nylon de seu uso para suicidar-se.” (...) “Conclui o relatório que emerge a hipótese de suicídio, não havendo crime capitulado no Código Penal Militar ou no Código Penal Civil, nem transgressão prevista nos regulamentos militares.” **(O Estado de S. Paulo, 05.05.76)**

Põe de lado
a camisa
a calça,
a esperança de retorno.

Nome: Manoel.

Põe de lado
o lenço,

a fúria,
o fardo de ódios.

Profissão: metalúrgico.

Põe de lado
o dia perdido,
a mulher,
a mágoa.

Guarda as meias
como agasalho.

Despe a crença,
o sonho,
o sal de tua humanidade.

Despe tudo
até que só reste
a carcaça devorada
de tua paz.

Inútil fechar os olhos,
há um espinho cravado
na consciência da tarde.

8.

Doze anos
A morte roeu
a cara do morto:
três lavouras colhidas.
Cezido no corpo morto
um rosto qualquer,
um riso qualquer,
de poderosas mãos.

Em tudo o medo:
na palavra,
no silêncio,
no golpe,
na fuga
na palidez do rosto, o medo:
a lama,
o medo,

o veneno dos dias
paralisando sonhos.

“Com um atraso de quase uma hora, o trem UP 209 da Rede Ferroviária Federal saiu da Estação Engenheiro Goulart em direção à Estação Roosevelt, parada final. Vinha de Calmon Viana, de onde saíra às 5h30 da manhã, transportava em seis pequenos e inseguros vagões quase três mil pessoas. Às 7h15, entrou na curva saliente, a uns quinhentos metros da Estação Goulart. Exatamente aí o sistema elétrico do trem acusou defeito e o maquinista foi obrigado a parar. Meia hora depois, um forte aparato policial estava no local, agindo contra dezenas de manifestantes, operários descontentes que haviam apedrejado o trem, depois de invadir a cabine do maquinista e o dominarem. Resultado: dois vagões ficaram completamente danificados (mais tarde foram removidos para o pátio da Estação Roosevelt, para serem submetidos a exames periciais, com vidros quebrados e a lataria amassada.)”. **(O Estado de S. Paulo, 20.05.76)**

Recuei recuando
afiando as facas
do desespero:

tive a terra,
não tenho,

tive a casa,
não tenho,

tive uma pátria,
venderam,

tive filhos,

estão mortos
ou dispersos,

tive caminhos,
foram fechados,

tive mãos:
deceparam.

Dos pulsos abertos
liberto
a vingança encarcerada
no ventre dos vulcões.

Faço do meu sangue
a lava que escorre
e queima
e plantas chagas
na face do tempo até fazê-lo

pedra
e pó
e cinza
e silêncio.

9.

(junho/1976)

“Buenos Aires – Fechamento de todos os sindicatos, instituição da pena de morte, suspensão das atividades de todos os partidos, rigorosa censura à imprensa, fechamento do Congresso Nacional, das Assembléias provinciais, destituição dos governadores e vice-governadores das províncias, destituição dos Juízes da Suprema Corte de Justiça. Estas foram as primeiras providências adotadas pela Junta Militar que assumiu o poder na Argentina, depois de derrubar a **presidente Maria Estela Martinez de Perón**, na madrugada de ontem”. (**O Estado de S. Paulo, 25.03.76**)

Palácio de pedra e ossos.
Palácio de pedra e agonia.
Convocados, os herdeiros da lama
afluem:
em volta da mesa,
um congresso de braços decepados.

Para onde, América,
teus rios escravizados,
teus filhos escravizados?

“Três policiais, um capitão de Marinha e um executivo da Chrysler morreram ontem numa ofensiva dos Montoneros que começou na noite de terça-feira com uma série de explosões em instalações militares.”. (**O Estado de S. Paulo**, 15.04.76)

Recuei recuando,
afiando as facas
do desespero.
Esgotou-se o leite da renúncia.
Como quem retrocedeu
à primitiva fúria,
amarro em meus braços
a tensa musculatura
dos fuzis:

MINHA RESPOSTA É O FOGO!

Não chorarei os camaradas mortos

Não chorarei os camaradas mortos.

④

Vem com a marcha
o riso no rosto dos Algozes.
vem com a marcha
a música dos camaradas mortos.

Vem com a marcha
o golpe truco, o sangue.
vem com a marcha
a força de não chorar.

Eles não querem láfia:
gesto de menino na Escócia,
Espanto de quem não viu
o golpe desfechado.

Eles não querem láfia.
querem, pontas, dentes cerrados
o aço frio nos olhos de quem viu
o rosto da morte fechando.

Eles não querem láfia,
corpo rejeitado em gesto de prece.
soluço de quem não sente a
a hora de rebelião.

Eles não querem láfia.
querem, dentes, pontas fechadas.
Bulho de fogo no corpo da morte.
Força no braço dos leguminosos.

Vem com a marcha
o riso no rosto dos Algozes.
vem com a marcha
a força de Resistir.

po Bruno, companheiro.

1973

Poema inédito, cedido
pelo companheiro Polity.

Mirantes e calabouços

Há quem afirme não haver poesia. Só poetas. Como não há moléstias, só doentes. Não há crimes, só criminosos. Tradução corrente da velha disputa filosófica entre realistas e nominalistas, que poderia, quem sabe, ser resolvida por uma transposição dialética entre as duas posições extremas, em que ambas, sem se contradizerem, poderiam completar-se. A passagem da potência ao ato, em linguagem filosófica, corresponderia também à passagem do realismo ao nominalismo e do geral ao particular em linguagem poética. Mas voltemos aos poetas. Virtualmente todos somos poetas, como tudo é poesia em potência. Mas, como realmente nem tudo é poesia e nem todos somos poetas, o que faz a poesia e o poeta é a passagem dessa possibilidade à efetividade. A diferença entre o leitor e o autor. Entre o crítico e o criador. E até, mais prosaicamente, entre o comensal e o cozinheiro. O poeta é aquele que sabe despertar a poesia latente no âmago de tudo e transformá-la em uma realidade nova. Aquilo que faz concorrência ao “estado civil”, na frase de Balzac, em relação aos personagens dos romancistas. Como o escultor é o que elimina o supérfluo do bloco de granito ou do mármore (do ‘matériau’, como dizem os franceses) para fazer surgir a estátua latente que

1979

Artigo publicado no Jornal do Brasil e no Jornal Folha de S.Paulo, em 29/11/1979.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima)

é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração: foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filosofia e autor de vasta obra.

preexiste na matéria-prima à espera do trabalho criador do artista.

Há, por isso mesmo, uma infinidade de temperamentos e estilos poéticos individuais, como os temas capazes de se transformar em poesia. Há, por exemplo, os poetas solidários e os poetas solitários. Aqueles que participam dos homens e das coisas. Solidarizam-se com eles e com elas. Saem de si. Vão ao espírito do mundo. Estes, pelo contrário, trazem o mundo a si, o espetáculo ao espectador. Daí a distinção clássica de poesia e poetas de tipo épico e de tipo lírico. Os acontecimentos sociais afetam diretamente os poetas solidários. Ao passo que os solitários só indiretamente são por eles afetados. Ou mesmo fazem praça de passar ao largo. É sabido, por exemplo, que Theophile de Gauthier, ao publicar “Emaux et cammés”, que foram por muito tempo o modelo de poesia parnasiana impassível, exclamava acintosamente: “lessez passer l’ouragan”, aludindo à revolução que varria a Europa, de lado a lado e anunciava o fim de uma civilização, com um século de antecedência. Para ele, os poetas deviam lavar as mãos em face dos acontecimentos, como Pilatos...

Entre a numerosa safra poética moderna, em nosso meio provocada, em grande parte, pelo tumulto revolucionário, tanto do século como dos nossos três lustros de regime ditatorial e que marcou o sentido planetário da nossa mais moderna poesia – escolho dois extremos dos polos poéticos, o participante e o imparticipante.

O primeiro é a coletânea de “Poemas do Povo da Noite” de Pedro Tierra (Ed. Livramento, S. Paulo 1979). Assim como Garcia Lorca ficou gravado na história literária de Espanha, como o poeta da resistência espanhola ao terrorismo franquista, esse jovem brasileiro de nome espanhol ficará provavelmente como a maior expressão poética da resistência ao terror ditatorial dos nossos últimos quinze anos. Guardadas as devidas proporções, será uma espécie de Castro Alves anti-romântico. Sua poesia será castroalvina pela sua inspiração social e revolucionária. Mas é radicalmente anti-romântica pelo seu realismo patético de quem sofreu, na própria carne, tudo aquilo que canta nos seus versos, numa linguagem intencionalmente desprovida de toda loquacidade empolada ou de todo fácil sentimentalismo. Pode-se mesmo dizer que pertence à linhagem de um Murilo Mendes ou de um João Cabral de Melo Neto. O autor foi companheiro de cárcere político de frei Beto. Mas enquanto as “Cartas da Prisão”, deste último, não só refletiam o drama do encarceramento, mas se expandiam filosófica e religiosamente numa visão integral da vida, os poemas de Pedro Tierra ficam voluntariamente segregados entre os muros da prisão e aqueles muros, ainda mais fechados, de uma filosofia de vida, exclusivamente dedicada à luta política partidária da mais radical revolução social. Essa visão político-partidária, entretanto, é de tipo profundamente humano e personalista. Seus poemas são

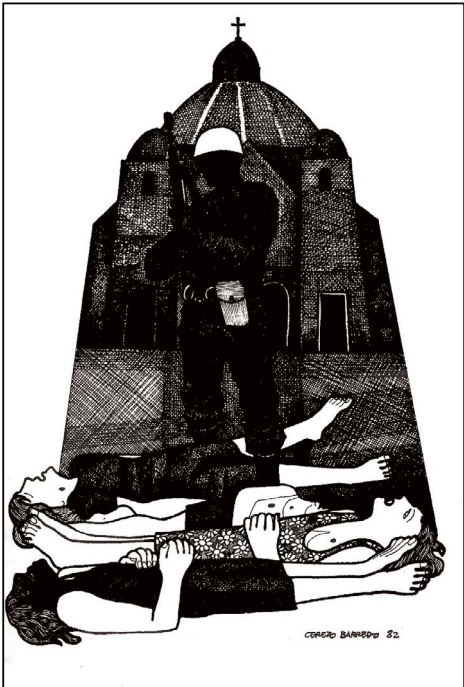
fotografias patéticas de companheiros e situações do sofrimento humano vivido e convivido no horror das celas confinantes e das torturas sofridas e compartilhadas. Como Soljhenitsin o faz das celas do Gulag staliniano, pois o sofrimento humano está acima dos partidos e das ideologias. Em um dos seus poemas mais patéticos em sua sublime simplicidade, há um dístico que tudo diz: “Meu verso é minha arma carregada de ternura.” O “milk of human kindness” shakespeariano circula nesses poemas de carnes dilaceradas e sangue derramado por um ideal de amor e de liberdade, fraternalmente convivido e compartilhado.

O sofrimento contínuo que emana de cada página desse canto do povo da noite torna sua leitura quase intolerável, pois a verdade é mais corrosiva do que todas as suas representações estéticas. E nessa poesia, despojada totalmente de retórica e de ornatos, é a verdade dos torturados, dos assassinados, dos dilacerados pelas separações compulsórias, que reponha desse “navio negreiro” em terra, de negros, mulatos e brancos, de uma juventude generosa que ofereceu e continua a oferecer seu conforto e sua vida por um ideal de holocausto por uma causa social, como os cristãos dos circos romanos e os missionários de todos os tempos, por uma causa sobrenatural. Penso que em todo esse livro de poemas há apenas um canto de amor, aliás dilacerante, enquanto a ternura e a compaixão transbordam de cada poema, quase todos dedi-

cados ao rebanho de anônimos que iam ficando para trás. Diz o canto de amor: “Hoje não estás comigo/ e, entretanto, vives/ mas rejeito a solidão dos inconsolados/ Guardo teu nome nas paredes da cela... E então somo um só/ e a solidão é impossível.” Esses cantos de fúria, de protesto, e ternura fazem desse pequeno livro, uma flor de sangue que faltava à vala comum de tantos anônimos que ficaram à beira dos caminhos, enquanto perdurar, entre os homens uma falsa filosofia do ódio e da vingança. Como escreve Dom Pedro Casaldáliga em seu prefácio: “Será que alguém já publicou, nesses dez últimos anos de poesia e de noite no Brasil, um livro de versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o Povo?” Certamente não, respondo eu.

Mas como a poesia é eterna em todos os seus quadrantes, não posso passar ao largo de um poeta, ao menos, de tipo lírico, totalmente oposto a essa vertente época. Refiro-me a João Manuel Simões (“Suma poética”, ed. Literotécnica, Curitiba, 1979). O privilégio da beleza e da verdade não pertence apenas aos poetas participantes e solidários. Os impaticipantes e solitários, quando sabem também descobrir e arrancar a poesia latente em todas as coisas e situações, podem fazer da beleza uma alegria para o próprio povo da noite como Pedro Tierra. Ao contrário desse que parece ser um estreante, João Manuel Simões já tem uma obra poética bastante considerável, iniciada em 1959, e uma penetração crítica e poética de uma espiritualidade

que falta aos poemas de Pedro Tierra. Completados, portanto, na sua diametralidade absoluta. Tierra lembra Lorca e Simões lembra Fernando Pessoa, em sua multiplicidade psicológica e em sua requintada agudeza de expressão. Enquanto os acontecimentos levaram Tierra ao âmago do sofrimento do povo brasileiro, Simões nos leva a horizontes de espiritualidade e de universalidade, com que esses acontecimentos também têm fecundado a criatividade desse típico filho dessa Atenas do Sul que é Curitiba. Como gostaria de igualmente me referir à surpresa estética que me causou um desconhecido poeta porto-alegrense, José Eduardo Delagrazia, com seus deliciosos poemas da “Cidade Submersa”, na linha de um Augusto Meyer ou de um Mário Quintana. Todos três nos mostram como a beleza e a inteligência completam a verdade e o sofrimento. Pois a poesia é uma só, mas a verdade dos poetas é infinita. Graças a Deus!



Essa água de Pedro, poesia

*As palavras,
a pedra,
a treva,
formam um corpo
impossível de proferir.*

(1984)

Prefácio do livro
“**Água de Rebelião**”,
Ed. Vozes, Petrópolis, 1984.

1. A palavra nua faz-se poesia

A palavra. Começemos por ela. Pierre Clastres, o antropólogo, fala sobre a palavra. Uma dura lição que o poeta precisa aprender, ou lição que ele sabe e por isso escreve? Antes de mais nada falar é deter o poder de falar. Dito às avessas, para que seja a mesma coisa, o exercício do poder assegura o domínio sobre a palavra. Falam os senhores. Os outros, servos ou emissários, são homens sujeitos ao dever do silêncio ou, pior, ao dever do eco da palavra do poder. Mudos, varrem do horizonte e do caminho senhas e versos e veneram senhores ou deuses. E os temem.

Há uma tal irmandade entre o poder e a palavra que uma realiza o desejo do outro. Tirano ou Estado, quem manda não é só o senhor da palavra; é a própria origem, a fonte da palavra legítima.

Carlos Rodrigues Brandão
Poeta, educador popular
e Professor da Escola
de Antropologia da
UNICAMP.

*E sobreveio um tempo sem entranhas.
Anos de pedra espessa,
dias de muro e medo.*

Vazia de toda a beleza, plena de eficácia, o seu nome é ordem, aquilo que a escrita transforma em lei. Transforma em estatuto e decreto, ao roubar do direito costumeiro da comunidade solidária o poder de falar o código de que vive. Alguns arqueólogos contam que, aqui e ali, o alfabeto foi inventado para que o escriba fizesse a contabilidade da riqueza dos senhores do seu tempo. Para tornar possível um poder que levasse à distância a ordem e trouxesse de lá os sinais de submissão. Muito tempo depois seria escrita a poesia, que por milênios ainda vagou de boca em boca.

Concentrada no poder, cifrada pelo emissário do poder, a palavra legítima profere e não quer ser ouvida nem amada, mas escutada e obedecida. Frágeis quando separados um do outro, palavra e poder não existem em plenitude sem o outro e, se a aliança entre ambos sugere transcender a História, os seus atos conjuntos são o seu movimento. A ordem da escrita traça do homem, e a História acontece quando palavra e poder realizam seu encontro. Tomar o poder é subir à palavra.

Voltar as coloridos e aparentemente inocentes de História Pátria. Ali a fala é dos senhores. Solenes e cheios de datas e nomes, ali os senhores “do Reino” e, depois os “da terra” não só pensam

que fazem sozinhos da História, como dizem ao escriba a maneira como um dia ela deve ser escrita. O conquistador exerce o poder da palavra: dá o nome aos lugares, rebatiza escravos e impõe sobre uma infinidade de línguas de povos conquistados – quantos eram as nações indígenas do Brasil? – uma única língua: a sua. Os outros se servem do silêncio. Ou então pronunciam palavras que ausentes da História, não raro povoam a Cultura dos livros da escola. Subalternos, não são nomes, a não ser quando aliados do senhor: Felipe Camarão, ou quando rebeldes e um dia mortos: Zumbi, Sepé Tiaraju. Por isso são “tipos” e então, sorridentes e criativos, vestem de rendas brancas a miséria e comparecem engomados e pitorescos ao seu lugar nas filas detrás do palco da História: “baianos”, “gaúchos”, “seringueiros” e “indiozinhos de almanaque”. Ao subalterno se ensina a repetir a fala que o poder consagra. Eu nunca me esqueci o começo do prefácio que Jean-Paul Sartre fez para “Os Condenados da Terra”, de Frantz Fanon. Quero escrevê-lo aqui:

“Não faz muito tempo a Terra estava povoada por dois bilhões de habitantes, ou seja, quinhentos milhões de homens e um bilhão e quinhentos milhões de indígenas. Os primeiros dispunham do Verbo, os outros o tomavam emprestado. Entre aqueles e estes, reizinhos vendidos, senhores feudais, uma falsa burguesia forjada de uma só peça, serviam de intermediários. Nas colônias a verdade aparecia nua: nas “metrópoles” preferiam-na vestida; era necessário que os

indígenas a amassem. Como a mães, em certo sentido. A elite européia dedicou-se a fabricar uma elite indígena. Adolescentes foram selecionados, na frente se lhes marcou ferro em brasa os princípios da cultura ocidental; se lhes introduziu pela boca mordidas sonoras, grandes palavras pastosas que aderiam aos dentes depois de uma breve estada na metrópole, faziam-nos regressar ao seu país, falsificados. Essas mentiras vivas já não tinham nada para dizer aos seus irmãos, eram um eco. Desde Paris, Londres, Amsterdã nós lançávamos palavras: “Partenon!”, ‘Fraternidade!’ e em alguma parte, na África, na Ásia outros lábios se abriam ‘...idenon! ‘...idade!’ .Era a Idade do Ouro”.¹

Será este o destino da palavra?

Voltemos a Clastres. Até aqui o vimos falar da sociedade desigual. Sabemos o que é isso; vivemos numa: reino do senhor e do servo, do poder separado da vida social, do produto do trabalho coletivo do homem separado do exercício do trabalho humano. Aqui onde o consenso submete-se ao comando, a palavra que manda não representa a vontade que cumpre. Por isso ela impõe a legitimidade de um poder que torna legítimo, pelo simples fato de que é “o poder”, o ofício de sua própria violência simbólica. Um poder que aspira reduzir ao silêncio absoluto a palavra que não queira resumir-se à obediência. Por isso o poder vigia a palavra. Para que ela não seja nunca profética e, portanto, profanadora da ordem social da

1. Jean-Paul Sartre, Prefácio de **Los Condenados de la Tierra**, livro de **Frantz Fanon** publicado pelo Fundo de Cultura Econômica, do México, em 1972.

palavra associada ao poder. Por isso é fácil ser censor e difícil ser poeta, quando o poema é a palavra armada de profecia. De rebeldia.

*E os coveiros do Continente
Estenderam seu império
de delatores, carrascos,
elegantíssimos assassinos
de farda impecável
e coturnos reluzentes,
até ao porão das fábricas,
à marcha dos retirantes,
aos barracos das favelas,
os bancos das escolas,
os sonhos dos saqueados,
até a última fresta
onde a boca dos humanos
passasse ao humano ouvido
palavras de rebeldia.*

Em muitas sociedades indígenas que antropólogos e poetas gostam de visitar e compreender, o chefe é também o senhor da palavra. Nas sociedades sem Estado, em quase todas as tribos das terras quentes do continente, coragem e liderança em tempos de guerra, generosidade sem limites em tempos de paz e um reconhecido uso competente do poder de falar – falar mais e melhor do que todos os outros – tais são as qualidades de um bom chefe.

E, mais que temido ele será amado. Não porque manda o que faria apenas ser obedecido, mas porque fala e age em nome de um poder de todos que existe através dele. Se nas sociedades divididas a palavra legítima é o direito do poder e a direção do tributo vai da comunidade ao governante – a dívida – nas sociedades indivisas a palavra é o dever do poder e a direção da dívida vai do governante para a comunidade – a dádiva.

“...as sociedades indígenas não reconhecem ao chefe o direito à palavra porque ele é o chefe: elas exigem do homem destinado a ser chefe que ele prove o seu domínio sobre as palavras. Falar é para o chefe uma obrigação imperativa, a tribo quer ouvi-lo: um chefe silencioso não é mais chefe.”²

E, dado que na sociedade indivisa a palavra de ordem é o canto do consenso e realiza o gesto da vontade coletiva, raros ali os profetas e os poetas. Esparramados sem cercas na vida da aldeia, os ofícios solidários do cotidiano são a própria poesia e nas festas de colheita e iniciação as pessoas cantam por milênios os mesmos cantos que a tradição sem a escrita preserva e o ritual sem o poder trans-

2. Pierre Clastres, antropólogo francês morto há alguns anos em um acidente. Estudou grupos Guaranis do Paraguai. Esteve algumas vezes no Brasil. O Dever da Palavra, um dos capítulos do livro: Sociedade Contra o Estado, da Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro. Publicado em 1978.

forma em dança, alegria e oração. O chefe, o homem que fala, é condenado pelo grupo em nome de quem fala a dizer como sua a palavra de todos. Ali onde ela é, repetida, o contrário da violência e a afirmação de ser desnecessário inventar palavras de profecia contra ela. Palavras rebeldes e nuas, como água de poesia.

2. Trazia um vento de Liberdade na boca

*Prometi nunca render-me
ao verso fácil.
À poesia-nuvem,
fluida substância sem contorno.
Não fuja do meu sangue o verso vago,
alheio ao barro amargo do Tempo.*

Onde os homens se dividem a palavra do poder sem o consenso é a que ordena. Diziam os reis: ordenança. A palavra que dita: edital. E a palavra que condena para que a ordem do mundo desigual não se perca e nem seja julgada pelo oprimido: sentença, dizem os emissários da ordem do senhor.

O oposto da poesia não é a prosa, como ensinam no colégio. É a escrita consagrada por meio da qual a opressão fala a sua lei. Contrassenso? O escrito que existe para separar quem fala e quem silencia e instaurar a ordem do reino do silêncio. A poesia é a vocação de não ca-

lar. Acostumado há anos a viver entre falas sem alma – do catecismo ao AI-5 – acabamos acreditando que a alma da fala é a palavra vazia: o dogma, a norma, a lei, o registro, a propaganda. Basta escrevê-la com brasões ao lado, ou distribuí-la com boa técnica em horários nobres de TV, que a todos, com o passar do tempo, dará a impressão desejada de que somos imensos, livres e caminhamos irmanados para o melhor dos mundos. O poder odeia a poesia.

*Entro em meu poema
com as mãos atadas.
Luas acorrentadas
ferem-me o pulso
num riso de ferros
comprometidos.
Não espere um gesto de Liberdade.
Este poema nasceu escravo.
Eu próprio nasci escravo.*

Estes são, leitor, tempos que precisam de testemunhas. Que outros não foram? Se na sociedade primitiva, indivisa, a poesia é a canção da vida coletiva e consagra a tradição daquilo que todos constroem, na sociedade civilizada, dividida, os poderes de proferir a palavra estão igualmente divididos. Atenção: o que o poder consagra para tornar-se eterno, sagrado. Então, entre ordenar e obedecer existe a rebeldia. A

palavra rebelde é a poesia, mesmo quando não poema, nem escrita. Por isso há homens que fizeram versos e nunca foram p(r) o (f) e t a s. E há outros que antes de escrever seus versos já haviam vivido, como luta, o poema.

*Entro em meu poema,
pássaro convocado
pelo sol.
Junto a palavra à pedra
e com elas levanto barricadas.
Liberto a palavra da sombra
e escrevo na pedra
o contorno provisório dos meus sonhos.
A palavra nua faz-se poesia
e me torna mais claro
ao fim do verso.
Do escravo faz-se o resistente.
Aqui entrego minha bandeira.*

3. Da terra brotei há trinta anos

Eis uma poesia duas vezes rebelde. Contra a gramática e contra a política, ela serve ao mesmo tempo à beleza e à justiça e por isso metade escrita no cárcere, fala de pássaros e liberdade. Não fará bem aos que não gostam que a poesia tire a roupa e mostre um corpo cheio cicatrizes. Não fará bem aos que contam a paz e esquecem que no reinado escuro do senhor a paz é uma conquista e o poema, o seu canto.

Frente à norma da palavra de ordem, Água de Rebelião depõe contra o terror que habita a fala do poder. Contra a fala reduzida à regra do discurso que legisla, ela é pura beleza solta, mas é terrível: ao mesmo tempo grito e maravilha. Crônica armada de um tempo em que todos habitamos cárceres, estivéssemos ou não dentro das prisões, essa dura água de pedras de poesia relembra o que não é lícito esquecer. Contra a memória do sistema, este poeta preso, torturado e livre opõe a memória do poema.

*A cada manhã conferíamos um território a menos:
mais escasso o corredor, mais breve o dia,
mais estreito o catre. Tudo se impregnara da substância do muro. Tudo se cerrara. Os sapatos recusando caminhos, a garganta retendo palavras, as portas aos poucos ganhando a feição de paredes, as janelas, sempre fechadas desde que nascera o muro, o tempo as desfigurara em travas de ferro e agonia. Passamos a carregar o muro nos tornozelos, nos pulsos, a sonhar com o muro,*

*a enxergar o muro no rosto das sentinelas,
nos olhos de nossos filhos...*

Que lugar as antologias escolares e as antologias de que nutrem as arcádias darão a estes poemas de rebeldia? Provavelmente nenhum. Porque, para que haja “paz” é preciso que depois de gritados eles sejam esquecidos. Autor de outro livro notável Poemas do Povo da Noite, antes de ver publicada essa Água de Rebelião, Pedro Tierra escreveu com um outro Pedro, poeta, de quem tampouco se agradam escritores de ofício e gabinete, dois escritos para canto e rito de oprimidos: a Missa da Terra-sem-Males e a Missa dos Quilombos, que Milton Nascimento musicou.

Mas de tudo o que escreveu, essa Água de Rebelião é a fala mais solta. Entre os últimos poemas da prisão e os primeiros da liberdade, aqui estão a memória e a esperança de um militante que aprendeu a ser poeta para não esquecer de ser rebelde e testemunha. Aqui estão nomes: primeiro o de anônimos oprimidos e torturados. Depois, os de desaparecidos e mortos cuja lembrança fere como um sinal aceso: Santucho, Antônio Benetazzo, Guevara, Marighella, Mário Alves, Lamarca, Aurora Maria do Nascimento e Oscar Arnulfo Romero. A si mesmo o poeta diz:

*É certo também que morri um pouco,
porque sigo vivendo*

*e a morte pesa demasiado
a quem fica.*

E a todos nós, lembra:

*Não te justifiques.
A simples leitura do jornal
fez de ti guardião
de um campo de prisioneiros.*

Nada há aqui que seja só o culto da vontade de escrever a poesia. Os três momentos do livro: Oficinas da Morte (os poemas do prisioneiro), Missa, Morte e Ressurreição de Oscar Arnulfo Romero, e Água de Rebelião (os poemas do reencontro com a liberdade), são um mesmo exercício de retornar o poema à fala do compromisso. É muito difícil ficar indiferente ao livro. Aqueles a quem fere a lembrança de que o caminho da liberdade é a luta, em terras onde o arbítrio submete a paz à opressão, é melhor não ler. Não será fácil esquecê-lo se não for possível segui-lo.

*Ensinava aos outros
caminhos de amanhecer.
Caminhos e caminhar.*

1983

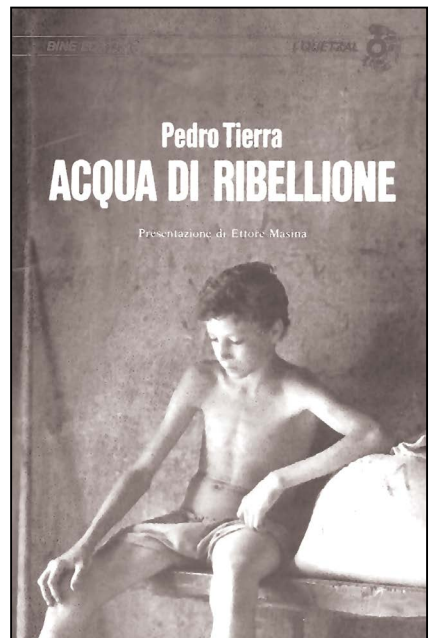
Água de Rebelião
Editora Vozes

Desenhos
Cerezo Barredo Dial



1985

Acqua di Ribellione
Bine Editore



Oficinas da morte



Ilustração de **Cerezo Barredo**
que abre **Oficinas da Morte** do
livro **Água de Rebelião**.

DEDICATÓRIA

Estes poemas
permanecerão ardendo
para guardar a memória
de Maria Augusta Thomaz
e Márcio Beck Machado
assassinados pelos carrascos
da ditadura enquanto dormiam.

EXPLICAÇÃO

Estes poemas tratam de
homens reais, de torturas
reais, de assassinatos
reais ainda impunes.

TEMPO NOITE

E sobreveio um Tempo sem entranhas.
Anos de pedra espessa,
dias de muro e medo:

a morte invadiu
com seus exércitos
o espaço aberto das ruas

e o silêncio das armas
sepultou com seus ferros
e o manto verde-oliva
os ossos dos meninos trucidados.

E os coveiros do Continente
estenderam seu império
de delatores,

carrascos,

elegantes assassinos
de farda impecável
e coturnos reluzentes,

até o porão das fábricas,
a marcha dos retirantes,
os barracos das favelas,
os bancos das escolas,
os sonhos dos saqueados,

até a última fresta
onde a boca dos humanos
passasse ao humano ouvido
palavras de rebeldia.

E a Noite pensou de si mesma

que era um Tempo sem prazo,
sem passado, sem futuro,
um Tempo que se bastava,
da própria dor se nutria.

Os olhos da Noite cega
não viram fagulhas saltando
na alma das oficinas,
não viram tochas ardendo
na marcha dos retirantes,

não viram os favelados
recriando o fogo vivo
nas estações depredadas,

e os olhos dos estudantes
clareando de esperança
as ruas submetidas.

Os olhos da Note cega,
não viram o sonho do Povo
reacendendo fogueiras
no ventre da escuridão
enquanto busca romper
as turvas cadeias do sol

e AMANHECER!

(Presídio Político de São Paulo, maio de 1975)

A RAZÃO DO POEMA

Prometi nunca render-me
ao verso fácil.
À poesia-nuvem,
fluida substância sem contorno.
Não fuja do meu sangue o verso vago,
alheio ao barro amargo do Tempo.

Eu quis gume,
a aresta,
o friso.

Recusei o lírio
das feiras semanais de flores mortas.
Eu quero um poema-dor,
arrancado aos pedaços
da carne da vida.
Aqui está ele
sangrando meus dedos
no cimento da cela.

A poesia não marca hora.
Hoje, como há trinta anos,
está nos jornais.
Foi pisada,
cuspida,
torturada:

contra todas as formas de morte
floresce.

Eu a encontrei num dia de chuva,
durante o combate.
Trazia um vento de Liberdade na boca
e a metralhadora nas mãos.

Ensinou-me o fogo
e a palavra.
Lavrou-me nos pés o roteiro
dos caminhos que percorrerei:

nenhuma dor visite a casa de meu irmão
sem se fazer lágrima nos meus olhos.
Nenhuma investida dos cavaleiros da morte
será silenciada.
E se vier a tortura, ou a morte,
a marcha para o sol reunirá
os pedaços dispersos do meu corpo...
E o canto do Povo sobre a cidade aberta
não me surpreenderá adormecido.

(Presídio Político de São Paulo, maio de 1975)

REGRESSO À TERRA

Entro em meu poema
com as mãos atadas.
Luas acorrentadas
ferem-me o pulso
num riso de ferros
comprometidos.

Não espere um gesto de Liberdade.
Este poema nasceu escravo.
Eu próprio nasci escravo.
Entro em meu poema,
amordaçado.
Em minha boca
palavras cegas
buscam o som de cinzas,
adormecidas.

As palavras,
a pedra,
a treva

formam um corpo
impossível de proferir.
Este poema não é murmúrio,
é vidro quebrado na garganta,
grito mastigado
na hora do suplício.

Entro em meu poema,
pássaro convocado
pelo sol.
Junto a palavra à pedra
e com elas levanto barricadas.
Liberto a palavra da sombra
e escrevo na pedra

o contorno provisório dos meus sonhos.
A palavra nua faz-se poesia
e me torna mais claro
ao fim do verso.

Do escravo faz-se o resistente.
Aqui entrego minha bandeira.
Regresso à terra.
Serei o barro de um país em luta.
Raiz de troncos calcinados,
alimentarei a hora dos incêndios.

(Presídio Político de São Paulo, maio de 1975)

NÃO NEGUES

Não negues teu ombro
ao pé de uma criança
que sobre ele alcançará
seu tempo de justiça.

Não negues teu ombro
ao pé de uma criança
mesmo que ele se torne pesado
e te lacere a carne.

Preocupa-te com a cura
de tuas feridas,
não lamentes.
Só teu sangue redimirá,
lavando teu corpo
os assassinatos cometidos
ou silenciados.

Não te justifiques.
A simples leitura do jornal
fez de ti guardião
de um campo de prisioneiros.

Não lamentes, pois, tua dor.
Ela é uma só.
E há outras a lamentar,
mais importantes,
mais gerais.

Não negues teu ombro
quando chegar tua hora
de dor...

(São Paulo, 1969)

GOLPE

Hoje sou um a menos.
Tenho o braço amputado,
naveguei a lama
de uma noite faminta,
noite de vermes armados.
Naveguei, menino
de olhos vazados
pela brasa de ferros
enfurecidos.

Vivo o chão dos mortos.
Uma terra onde se costura
a boca dos homens.

Naveguei uma noite de feras.
Minha alma morreu um pouco
esta manhã.

Sangra no telhado
a lágrima recusada
por meus olhos,
meu ódio,
minha dor.

Foge esta lágrima de fogo
queimando a lenha do meu peito,
devastado por um vento de girassóis.

Companheiro,
guarda nos ouvidos
nossa canção de coragem,
aprisionada como tuas mãos
nesta manhã de silêncio
e cinzas...

(Presídio Político de São Paulo, 13 de novembro de 1975)

MÃOS PARTIDAS

Pulso rompido,
veias abertas:
a sombra em corte
se faz.

Gesto parado.
Silêncio.
Poderosa semente
fluindo.
Silêncio nascido
de um silêncio maior:
força desatada em sol.

Semente. Sal.
Território de sonhos:
estrela enterrada.

Dedos dispersos:
negro campo
de sombra.

Dedos partidos:
gesto de lua
recomposto.

Gesto de luta
recomposto.

(Presídio Político de São Paulo, dezembro de 1975)

VIOLA

Viola de todo silêncio,
que canto aprisionas
nas cordas do mastro?

Que mares libertas?
Que sal de cantigas
semeias, subterrânea?

Corda de viola:
canto possível,
silenciado.

Vela veleiro, viola,
mastro, velame,
braço aberto

em metal vermelho,
intenso metal
desesperado.

Viola-veleiro,
nave noturna,
ave sem verso,

o vento de mãos humanas
arranque das cordas
um canto de facas feridas.

(Presídio Político de São Paulo, dezembro de 1975)

NÃO CHORES

Descansa teu rosto
entre minhas mãos
e bebe este sal.

Eu, que amei tanto o silêncio
e ainda o quer tanto

vou derramar o fogo da palavra
como quem distribui estrelas
sob a porta.

Mataram Santucho.

É certo.

A foto está nos jornais.

É certo também que morri um pouco,
porque sigo vivendo
e a morte pesa demasiado
a quem fica.

Mataram Santucho.
Cumriu-se a profecia dos “oráculos”?

Recorda Moncada.
Lá também havia “oráculos”.

Sentenciaram:

“Mortos
e aprisionados.

Moncada resultou apenas uma pedra
na vidraça da Noite recomposta”.

E se recolheram
à sua sabedoria

e esperaram
amadurecer um fruto de sangue
que foi cultivado enquanto dormiam.

Despertou-os o canto
de adolescentes armados
a dizer-lhes:

“já não sois necessários...”

Mataram Santucho.
Muitos morreram.
Muitos morrerão.
Não chores.

Deixa-me repousar
a cabeça no teu colo,
ouvir o trêmulo silêncio
dos teus seios,

deixa-me recobrar por um alento
a infância devastada,
a pureza,
a paz,
antiga como antigas manhãs,

deixa que teus olhos
carregados de infância
mirem por meus olhos
a cidade dos meninos livres.

Mataram Santucho.
Renascera.
Renascera em sol
e bandeiras.

Descansa teu rosto
entre minhas mãos
infinitamente

e deixa que meus dedos percorram
o território mais fundo
de tua alma

e recolham uma flor
de lágrima
e vento
e fogo
e Esperança.

(Presídio Político de São Paulo, 30 de julho de 1976)

TESTEMUNHA

- 17:00 horas Meus olhos não anoitecem e sei:
 não era esse o corpo que usavas
 para caminhar entre os homens.
 Tua carne é apenas tua dor.
- 19:30 horas Com os dedos da memória
 vigio:
 a cabeça cortada em pedaços
 de negro e relâmpago
 pelas agulhas dos dínamos.
 Os dentes cariados do algoz
 trituram o grito dos teus ossos.
- 23:00 horas Durante séculos enterrados
 meus olhos não se fecharam.
 Um gosto de vidros estilhaçados
 risca a garganta e a alma.
 Sinto, na sombra o brilho dos punhais
 a percorrer o corpo,
 devastado território
 de madeiras em fúria.
- 03:00 horas Como um cego de olhos eternos,
 a quem as facas do Tempo
 arrancaram o véu das pálpebras
 vigio:
 pasto de tempestades,
 tua carne extingue
 a brasa dos cigarros
 num lago de sangue
 e cinzas...
- 05:45 horas A garganta dos corredores
 devora tua vida:
 fardo de sobressaltos.

Meu peito não se cerrou.
Sobrevivente,
aqui te recebo:
bagaço devolvido
pelas oficinas da morte.

Sinto crescer o coração no peito,
fogueira ardendo em madeira antiga,
poema indeciso a desatar-se
da alma inconsútil do teu silêncio.

(OBAN, 1973)

RESSURREIÇÃO

Você veio, deitou raízes, fugiu.
Raízes fundas num peito votado
ao silêncio ressentido das pedras.

Redescobri em teu corpo minhas mãos
que nestes anos só souberam de algemas.
Há quanto tempo estas mãos perderam
o gesto de carinho,
o jeito de tomar teu rosto,
mergulhar os dedos nos teus cabelos...

Há quanto tempo o gosto de sal,
o grito atravessado na garganta,
a palavra seca feito punhal
ferindo o lábio...

Você veio como quem chega
da última invenção do mar.
Lavrou meu peito
com o sangue dos vulcões,
tocou-me o rosto
como os dedos do orvalho
banham o penhasco dos caminhos.

Você veio da pátria do silêncio
como o último pássaro
emudecido pelo espanto.

Você me olhou, mulher...
como se morasse dentro de mim
e soubesse todas as respostas.
(E foi como se um vento torturado
Até a solidão ou a loucura
me devolvesse a alma da tempestade!)

Você sabia de mim mil anos antes
e trazia no corpo a semente
de novas bandeiras.

(Presídio Político de São Paulo, 1976)

O MURO

...E quando a terra que nutria o sonho e o cristal, exausta se entregou às fogueiras do sol e do deserto, e os movimentos da vida escassearam, e a sombra dos homens, porque já então éramos apenas sombras, foi buscando esse tom cinza que trazemos agora, cresceu o Muro. Não em altura, que já então era alto o suficiente para tocar o telhado sujo da noite e roubar-nos completamente o horizonte, mas em volume, em espessura, sufocando com sua pedra e sua cinza o espaço cobrado pelo corpo. O muro abandonou seus alicerces. Dotou-se de raízes como cercas-vivas. Não para fixar-se à terra, mas para sugar dela a força que nos mantinha pulsando. Não para elaborar flores, como a árvore sem saber as elabora, mas para alimentar sua armadura de pedras e tristezas. Avançou sobre nós compacto e turvo. Devorou o corpo dos anciãos, dissolveu com seu fogo o ar que respirávamos.

A cada manhã conferíamos um território a menos: mais escasso o corredor, mais breve o dia, mais estreito o catre. Tudo se impregnara da substância do muro. Tudo se cerrara. Os sapatos recusando caminhos, a garganta retendo palavras, as portas, aos poucos, ganhando a feição de paredes, as janelas, sempre fechadas, desde que nascera o muro, o tempo as desfigurara em travas de ferro e agonia. Passamos a carregar o muro nos tornozelos, nos pulsos, a sonhar com o muro, a enxergar o muro no rosto das sentinelas, nos olhos de nossos filhos...

(Presídio Político de São Paulo, 1976)

CANTO PARA RENASCER

Dá-me tuas mãos de ausência,
irmão,
desde a profunda escuridão
de tua dor, sepultada
por séculos de mentira.

Pela palavra
- verso vazado,
espada de sol
e centelha -,
te resgatarei
do chão dos mortos.

Em minha boca
de clamores e silêncios
retomas nesta hora tardia
do tempo que te sucede,
a lenta substância dos rios.

Por teus próprios passos
retornas das cinzas
que a morte te impôs.
Rebelado e incorpóreo
visitas os depósitos murados
pelas baionetas do Tempo.

Sob os olhos engatilhados
dos fuzis,
recolhes entre os destroços
do sonho de Liberdade
que perseguias,
retalhos de esperança,
antigos relâmpagos
sem luz e sem urgência,
os sapatos desatados

Para **Antônio Benetazzo**,
assassinado.

“Sube a nacer conmigo,
hermano.”

Neruda

de teus irmãos
de marcha e de massacre,
a dor,
o canto devorado
pelo silêncio dos quartéis,
essa intensa matéria-prima
de mel e fulgor
que nutre a vida humana
e a humana resistência.

E adivinho, com as pupilas gastas
pela voracidade dos refletores,
teu coração recobrando a surda força
dos vulcões e o sangue
- lava submetida -
voltando a fluir entre os ossos.

Do fundo deste rio
de palavra e agonia
que desatei,
vislumbro tuas mãos
- pássaros renascidos -
a recortar o espaço
em madeira e memória,
a convocar sobre a tela
do tempo que testemunhas,
a multidão inumerável
de violetas, gerânios,
rosas, ibiscos, jasmims,
o sangue breve dos cravos,
a cor profunda do barro
que a mão humana plantou,
a funda espera do Povo,
a marcha do Homem Novo
que o Homem Novo sonhou.

E martelo
um canto de força
que sobe do fundo,

da raiz dos homens,
um canto na praça
traçado na marcha
do Povo sem nome:
um canto para renascer.

Recolho teus passos.
As marcas deixadas,
no muro e no peito,
os dedos feridos,
as mãos, por fim,
recompostas
e te entrego ao Povo
com um verso de aço
e pungência:
Antônio Benetazzo,
o que amava a pintura
e foi assassinado,
o acendedor de meteoros,
contra a noite,
contra a morte
está entre nós e permanecerá!

MARCHA

Campanha pela Anistia

Venho da pátria dos tormentos.
Venho de um tempo de crimes.
Venho das chagas que a Noite
lavrou na carne dos homens.

Não pedirei perdão
à corte dos meus carrascos
pelo grito de rebeldia
arrancado do meu sangue,
pelo sonho,
 pelas armas,
pela marcha do meu Povo
contra os muros!

Como se desata o cereal da terra,
levanto meu corpo de trigo
do corpo estendido de Orocílio Martins
- sementeira de fúrias e esperanças -,
sangrando nas ruas rebeladas de Minas.

Liberto meu canto de pássaro
da voz impossível dos mortos:
luz acesa no porão da treva,
memória enterrada do Povo.

E canto pela boca destroçada
do Comandante Carlos Marighella
dez séculos depois do silêncio,

pela garganta emudecida
de Mário Alves,
grito eterno que anda,

pelos olhos vazados
de Bacuri,

estrelas sangrando na memória,

pelas cabeças cortadas
no vale do Araguaia,
terra de rebelião,

pelo peito metralhado
do capitão Carlos Lamarca,
granito de sonho enterrado
entre as pedras do sertão,

pelo corpo mutilado
de Manoel Raimundo Soares,
nas águas do Rio Guaíba,
sangue dos ventos do Sul;

pelas mãos atadas de Alexandre,
arados de terra livre,

pelo sangue derramado
de Aurora Maria do Nascimento
promessa de amanhecer.

E me faço boca
de todas as bocas
assassinadas,
canto de todos os cantos
aprimados,
sonho de todos os sonhos
submergidos
pela mão armada
dos carrascos de meu Povo.

Hoje o Poder se absolve dos seus crimes.
Mantém à sombra dos seus muros
os açoites e as vergastas.
Recolhe sob a manga verde-oliva
as mãos ensanguentadas dos verdugos
e espera...

E as mães aflitas do Povo
tecem nos cegos teares da dor
um espesso tecido de agulhas infinitas:

quem responderá pela morte
de meus filhos?
Quem responderá pelos torturados
até à loucura?

Quem assassinou a esperança
de Frei Tito?

Quem prestará contas ao meu coração
pelo destino dos devorados?
Pelas vidas, pelos sonhos
que a Noite transformou em cruzes?

Hoje, o Poder se absolve dos seus crimes.
Recolhe sob a manga verde-oliva
as mãos ensanguentadas dos verdugos
e espera...

Do ventre fecundo
das filhas do Povo,
das cinzas dos ranchos,
da terra queimada,
das marchas, das greves,
das ruas feridas
nascerão seus julgadores!

pedro tierra

DIES IRAE

grido e resurrezione



2014

prefazione di pedro casaldàliga

IL SEGNÒ DEI
GABRIELI EDITORI

Pedro Tierra, um poeta engajado....

É preciso vir à América Latina para encontrar poetas que sentem concernidos por outra coisa além de seu próprio umbigo?...Será que a injustiça social, os abusos de poder dos Estados e o excesso de poder do dinheiro são males aos quais escapam alegremente os povos dos países ricos?... Não ocorreria que os países ricos dominam melhor a técnica pudicamente qualificada de “Comunicação” que, 24 horas por dia, se ocupa de esvaziar os cérebros de toda revolta?...

E esta técnica é tão bem sucedida que, como nos criatórios em série, se alimentar e cacarejar parece que se transformou na principal atividade dos intelectuais. Em Paris, por exemplo, não é aquilo que eles publicam que conta, mas o nível do renome midiático daqueles com quem convivem que os classificam socialmente.

Esta decadência da vida intelectual, sabiamente mantida por uma casta corrompida de funcionários da “cultura”, toca mesmo os mais inocentes: os poetas. Porque alguns poetas persistem em seu apoliticismo, no seu não-engajamento, na ideia de “pureza”, sem querer se transformam em cúmplices de assassinos de poetas.

Mas então porque na França e em outros países ricos, a poesia que ninguém compra, que ninguém lê, poderia incomodar o poder estabelecido? Porque a poesia é, no entanto, a expressão da sensibilidade, da beleza, do amor que há dentro de cada um de nós e estes sentimentos bem orientados podem facilmente se transformar em exigência.

Por que, por exemplo, daríamos mais peso à palavra do tecnocrata que à palavra do artista? Por que vivemos em horríveis cidades barulhentas, violentas e fedidas quando poderíamos, com os imensos meios de nossas civilizações modernas, conceber cidades arejadas, sem carros e mais amigáveis? E se nós produzíssemos menos supérfluos e se vivêssemos mais simplesmente

e repartíssemos melhor o trabalho e as riquezas? Ah!, quando a inteligência do coração fala, a inteligência do poder do dinheiro fica indignada, inquieta! Imagine que de repente o povo dócil e maleável se põe a pensar e a exigir!...

No entanto, na Europa Pedro Tierra poderia ter publicado seus poemas e até distribuí-los (a suas próprias custas, bem entendido...) e ele não teria sido incomodado pelos serviços de segurança. Ele não teria sofrido, durante cinco anos, a tortura e as humilhações nas prisões militares. Teria sido simplesmente ignorado e sufocado pela vida social. É, em parte, por habitar este vazio que nos esforçamos, há muitos anos, para traduzir e publicar a poesia latino-americana na Europa.

Yvan Avena

A poesia de Pedro Tierra é ainda mais forte porque todos os suplícios que ele descreve em seus poemas ele os viveu em sua carne. Claro, eram os anos 70 no Brasil. Alguns anos antes, na Europa, europeus massacravam sistematicamente outros europeus, nos campos de concentração. Depois, isso nunca mais!... os europeus continuaram, como se nada houvesse acontecido, o massacre na África e na Ásia. Tudo isso tinha uma justificativa: combater o perigo comunista!... Agora é para combater o terrorismo!...e amanhã?...

Há mais de 50 anos que isso dura apesar de César Vallejo, apesar de Pablo Neruda, apesar de Ernesto Cardenal, apesar Aimé Césaire, apesar de Juan Gelman, apesar de Nicolas Guillén, apesar de Oto René Castillo, apesar de Roberto Sosa e apesar de Pedro Tierra. No entanto, a despeito de

tanto sofrimento, da tortura e da morte os poetas, os grandes poetas continuam a denunciar a inadmissível violência institucional. Os verdadeiros poetas continuam a acusar os horrores da guerra e a exploração desumana dos mais pobres.

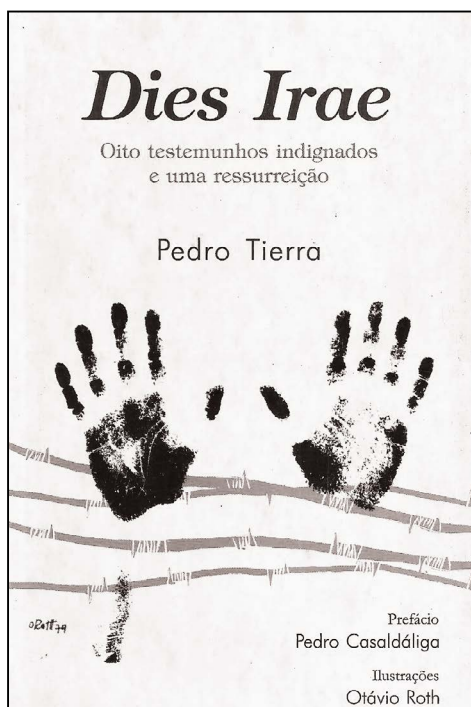
Os poetas continuam os últimos homens lúcidos porque eles nos ensinam, apesar das ameaças e dos perigos, que a sensibilidade é a principal qualidade humana. É ela que nos separa das bestas selvagens e não, como imaginam alguns, a tecnologia.

Pedro Tierra assumiu durante toda sua vida sua dupla missão: a de poeta e a de militante dos movimentos sociais. E ele continua, se bate, se entrega inteiramente à poesia e à militância. Assim sua poesia é inteiramente militante e eu suponho também que sua ação não perde jamais o sentido profundo da poesia.

A memória do anjo

Brasília, 1999

Dies Irae - Oito testemunhos indignados e uma ressurreição
Edição do autor



I. O ANJO DO TERROR

Havia uma guerra distante nas cidades.
Natividade se protegia longe dela.
Era Sertão sem eira nem beira,
determinado por uma invisível ordenação
de tempo e território.
Era Sertão, revel.

O estrangeiro era belo.
Irremediavelmente só.
E falava português com acento.
Emanava dele um brilho estranho,
separado da luz ordinária da tarde.
Uma cintilação que subjugava todos os olhares:
aqueles que foram condenados a amá-lo
sem esperança e aqueles, obscuros, de quem
falo sem clemência, que assombrados pelo
imperativo do destino assumiram a tarefa de
destruí-lo algumas horas depois.

Foi preso porque era estranho.
Porque não podia ser verdade:
era demasiado belo
para surgir naquele lugar abandonado do
mundo, às cinco horas da tarde.
Foi preso porque não fazia sentido.
(Quem conhecia os sentidos da ordem?)
Seria um anjo?
Mas quem poderia decifrar a presença de um
anjo pousado nas ruas de Natividade,
às cinco da tarde,
num dia de dezembro de 1971?

Era contra a ordem.
Era sinal: aquele dia,
já avançado tarde adentro,

não deveria ter amanhecido.
Era um escândalo na monotonia da tarde.

Provocava alvoroço. (No peito das mulheres
aquela solidão não se explica.)

Comovia as moças com seu abandono.
Libertava o riso entre os submissos.
(- Com essa cara... só pode ser duas coisas: ou é
comunista, ou é francês...
- Como pode alguém voar até aqui com pés
deste tamanho?
Parecem os pés de Antônio Precatão...)

Era um erro, o anjo.
Desencontrado.
Altivo.
Barba rala. Botas. Mochila.
E uma intolerável liberdade naqueles olhos de
varar
o coração das pessoas, desvendar
suas misérias, paixões, desenganos,
suas poucas gramas de coragem...

(- Mas pode ser apenas um jovem...
- Não é daqui. É chegante. Estranho a este
mundo.
- Um sonhador.
- É pura pólvora.
- Um estradeiro, caminhante.
A quem se deve a obrigação do abrigo.
- Traz na bagagem palavras de fogo.
- Mas ele ainda nem falou...
- Falará. E ai dos que se acercarem dele...)

Era um erro, o anjo.
Era insuportável.
A ordem foi impelida contra ele.
A severa ordem do medo.

Vestida pela voz de um soldado sertanejo e trêmulo.

Interpelado pela ordem,
entregou duas ou três cédulas de identidade,
talvez porque aos anjos não importasse
a utilização de qualquer uma delas...

II. O ENFORCADO

Foi preso ao fim da tarde.
É certo que havia sol no momento da captura.
As mulheres lhe ofereceram uma rede e cordas,
para que não dormisse sobre o ladrilho úmido,
naquele tempo de chuvas.
Aflitas,
foram também para se verem nos seus olhos.
Para recolher, quem sabe, um fragmento de luz,
de abandono e guardá-lo entre seus segredos.
Tiveram tempo de jogar queimada
em frente às janelas.
Para serem vistas e amadas pelo anjo,
que estava sereno e só.
Quadriculado pelas grades de madeira.
Por um momento pousou sobre elas
um olhar povoado de enigmas.

Depois, voltado para dentro,
mirava as cordas como se não soubesse
o que fazer com elas.
Como se nunca tivesse dormido numa rede.
Que vasilha acolherá a infância dos anjos...?

(... Entre estrelas e flores decepadas,
cobrei a luz que me alumia.
Entre relâmpagos, rebeliões
e a cabeça incandescente de Lúcifer,
voei horizontes de vertigem e delírios:
aquela cartografia anterior ao Dia da Criação.
Anterior à invenção do tempo e suas medidas.

O que busco neste lugar ermo,
senão a fratura por onde escapar
da eternidade que me persegue
e mergulhar na aventura do efêmero?

As cidades se levantaram.
Havia um vento
de rebeldia nos cabelos,
varrendo ruas e veias.

Era um tempo,
(se tempo algum
me é dado distinguir...)
de sentimentos gerais:
como pendão de cana,
que só faz sentido
quando em mar se junta
e venta e brilha plumas de aço
contra o corte verde do canavial.

Inumerável, a multidão
golpeava com canções
a pedra imóvel dos quartéis.

Os olhos da multidão,
tão agudos
quanto o brilho das baionetas.

O que fazer, senão
oferecer meu ombro ao ombro
que avança sobre a rua e sonha?

O que fazer, senão
oferecer minhas mãos para empunhar
o molotov e deter a cavalaria?

O que fazer, senão emprestar
minha garganta para a canção
ou o grito no centro da praça ?

O que fazer, senão
convocar o tumulto?

E se, por milagre, for possível

construir neste lugar
o confuso sonho de liberdade
e partilha que inunda os olhos
dessas crianças?

Que espécie de desesperada esperança
aquela que nutre a palavra
e o gesto desses anjos incendiários?
De que jazidas de esmeralda
líquida a extraem?

E quando a algum deles recorro
e indago,
o que recolho é que não importa
o porto,
mas a paixão de navegar...)

Afonso, o soldado, lhe deixara cigarros e fósforos
Contabilizou, cuidadoso, cada palito, cada
cigarro, como alguém que já cumprira pena
em algum lugar.

A cela: grande, sombria,
apesar das paredes brancas.
Chão de ladrilhos,
grades de madeira escura,
escurecidas por muitas medidas de tempo
e silêncio.
Voltadas para a rua.
A cidade inteira sabia que o anjo fora preso.
Sabia e vigiava.
Até as pedras.

Alta e sombria, a cela.
Cruzada de fora a fora por um travessão,
de aroeira, talvez.
Inatingível para a fuga ou para a morte.

Aqui, o rigoroso calendário da Terra

regirando seus azuis sobre os abismos
da sombra e das constelações, faz-se vago.
Dissolve aquela noite na memória dos que o
amaram e dos que buscam, determinados,
submergi-lo nos desvãos do esquecimento.
A memória sucumbe.
A palavra deriva, sem norte.
Passados tantos anos, a palavra naufraga.
É faca sem gume.
Derrotada pela ferrugem do olvido.
Há um vazio de tempo, contraditório.
Afonso e Pedrão, o delegado, afirmam que o
anjo anoiteceu e não amanheceu.

As moças – hoje senhoras golpeadas pela
misteriosa beleza do anjo –
recordam vagamente que ele atravessou
mais de uma noite
à espera da morte.

Não há notícias de interrogatórios.
De sevícias.
Não houve gritos nem testemunhas.
Foi impossível saber se os interrogadores,
se os agentes superiores da ordem o
encontraram vivo.
(O guarda deixara seu posto, por algum tempo,
para cumprir devoção de condolências na
sentinela do coronel,
morto ilustre...)

Amanheceu suspenso no ar por uma corda
atada ao pescoço.
Só um anjo, golpeado pela desgraça ou pela
melancolia eterna
seria capaz de voar silencioso
até ao travessão
e lançar-se
para a morte, sem deixar vestígio...

Assim suspenso parecia ainda mais alto.
O rosto escurecido pela morte
anunciando a aridez de desertos
incomunicáveis.

Alguém fez alusão a duas ou três palavras
inscritas com sangue na parede branca.
Ninguém, ao que se sabe, se aventurou
a revelar o que diziam

III. O ENTERRO

O coronel, idoso, morrera na madrugada.
Todos cumpriram o dever de reverenciá-lo.
Até o guarda, carcereiro do anjo,
foi cumprir a devoção para abreviar de algum
modo a solidão da vigília.
O corpo do coronel está exposto,
banhado com água de cheiro,
guarnecido com flores,
dentro de uma urna de madeira de lei,
chorado em silêncio, com compostura.
Aqui é Sertão. Assim se trata a dor.
Cercada.
Sem derramar da vasilha.

Quem haveria de cuidar do corpo do anjo?
Quem ousaria desafiar o terror?
Os imperativos do medo, da ordem?
Quem poderia transitar entre os espaços da
ordem vigiados por todos os olhares
e os obscuros reinos da paixão?
As mulheres que lhe ofereceram a rede para o
repouso e as cordas com que se lançou para a
morte, vieram banhá-lo, tocá-lo,
conhecer-lhe a nudez absoluta,
já fria e ainda mais bela,
como se aos anjos a morte poupasse a rigidez.
Descido da corda,
dobrado,
sobre o chão de ladrilhos.

Uma delas recolhe a cabeça ao colo.
Penteia com dedos de medo e ternura,
os cabelos do anjo.

Um peso, um calor, um aperto, uma agonia

ardendo contra os seios.
(Até que a morte a converta em cinzas...)

Outra, reclinada sobre o corpo, abre um a um
os botões da camisa.
Sob os dedos trêmulos, o algodão
que um dia foi branco,
vai revelando o peito magro, o abandono do
anjo, os pêlos ralos entre os mamilos,
a pele morena, curtida,
como convém aos anjos extraviados
sob o sol dos trópicos e dos cinco sentidos ...
parece adivinhar o toque
dos dedos se demorando entre os botões,
a pluma, os poros do torso,
o arrepio sugerindo débeis vestígios de vida...

A terceira, a febre nos olhos alumando
(a luz de Caravaggio...)
a sombra da cela,
as mãos buscando incertas,
aflitas,
pela cintura, os quadris, o ventre do anjo
protegido pelo brim das calças
decifrar uma verdade antiga:
(...Aos anjos lhes dera asas
para o vôo e a vertigem
mas lhes roubara eternamente o gozo,
o mel da paixão.
Aos humanos lhes negara asas
para o vôo
mas lhes acendera no sangue
a voragem incandescente do amor
e do delírio.
Nos olhos dela adivinho o ventre do anjo:
luminoso deserto...)

Está nu.
Pálido. Frágil.

Abandonado ao banho minucioso.
Os olhos cerrados não iluminam
o rosto arrocheado,
as marcas da corda no pescoço.
As axilas, os braços longos,
o ventre deserto e luminoso,
as coxas, os pés que palmilharam
outras eternidades exalam
ao toque dos panos úmidos
e das lágrimas
um impossível perfume
de estrelas maceradas.

Depois ,
vesti-lo como a um menino.
Com roupas lavadas,
humildes,
talvez menores que ele...

Elas cuidaram do corpo e, quem sabe,
dos abismos da alma do anjo.
Desafiaram a ordem, o medo,
encomendaram um caixão de madeira
ordinária coberto de pano roxo,
cercaram-no de flores,
(o cerrado é generoso em flores...)
Choraram por ele.
Se não elas, quem choraria sobre o corpo do anjo?
Choraram por ele
diante dos olhos assombrados da cidade.

Seguiu o mesmo cortejo do Coronel.
De outro modo, naquela cidade do medo não
haveria cortejo para o anjo.
Quem suspenderia a alça do caixão?
Só as moças e sua paixão sabem
que o corpo do anjo não pesa: leve corpo de
nuvem.

Foram sepultados no mesmo cemitério.
O Coronel no túmulo da família.
O anjo em cova rasa,
sob uma cruz de madeira tosca. Uma cruz de
vinhático,
sem lavrar, recorda o coveiro.
Ao anjo lhe deram o nome de João Silvino
Lopes, uma de suas identidades terrenas,
para que não sucumbisse aos vermes da terra
sem nome algum
e assim se registrasse no livro dos óbitos.

IV. O OLVIDO

Dois dias depois do enterro do anjo,
apresentou-se uma rachadura na rua principal.
O cascalho abriu-se.
Seixos arredondados rolaram pro centro da
terra, talvez buscando agasalho,
prevenindo-se contra possíveis tempestades. A
rachadura separou as casas,
dividiu as pessoas.
Apartou a lembrança, do esquecimento.

Na mão direita da rua as janelas, o rosto, os
olhos assombrados das casas
- e das pessoas ... -
foram adquirindo subitamente,
como se acometidos por moléstia contagiosa,
um tom devastado de cinzas.
Perderam toda a nitidez:
retrato antigo na parede,
descolorido pela voracidade da luz.

Ao amanhecer, os espelhos negavam o rosto,
o brilho dos olhos, a lembrança do dia de
ontem. Só lhes retribuía um inexplicável
sentimento de medo
- por que alimentar uma estirpe de medos
se eram cúmplices da ordem
no metódico exercício de esquecer?
- e um contorno difuso de culpas, como areais
varridos durante a noite.
Durante anos seguidos de noite... até dissipar-se.

Na mão esquerda da rua,
as mulheres que ampararam o corpo do anjo e
lhe deram sepultura,
cumpriam responder aos inquéritos da ordem.

De onde viera o anjo.
Os caminhos e descaminhos do anjo.
O destino que o anjo não cumprira.
Mergulharam nos rios do medo e da
lembrança.

Aqui o medo não é miragem. Retrato
desbotado na parede.
Deste lado da rua, o medo se mede em suor,
em mãos trêmulas
ouvidos desesperados diante do grito.
Em terror.

De todo modo, era inútil inquirir,
gritar, ameaçar com os horrores da tortura e do
"desaparecimento".
Nenhuma daquelas mulheres, mesmo
subjugada pelo medo saberia indicar os
caminhos
e o destino do anjo.
O anjo era sem explicação.

- Cuidamos do corpo por caridade.
Para que sobre este lugar não recaísse a
maldição de mortos sem sepultura.

O anjo não cabia na pauta dos inquéritos.
Exorbitava.
Pousava fora da compreensão da ordem.
O anjo feriu com sua espada de fogo o lado
esquerdo da rua.
Não fecundou ninguém.
- Atravessou nossas vidas por algumas horas.
Definitivo como uma bênção ou uma maldição.

Feriu o lado esquerdo da ordem.
A memória e seus labirintos.
O lado esquerdo do peito.
O coração de quantos naqueles dias se

encontravam desarmados,
capazes de amar o imprevisto e o
desconhecido.

Amar o obscuro.

O que não tinha nome,

o que só trazia um nome suposto.

As mulheres feridas pelo anjo e os oprimidos
de Natividade

- quem saberá por que razões... - guardaram
sua passagem como um cristal.

O vértice de luz com que a memória retalha
a ferrugem do tempo,
essa teimosa vontade de esquecer.

V. O LABIRINTO DE PEDRA-CANGA

Os labirintos se governam.
Recusam desenhos prévios.
Geram sua própria determinação.
Pedra sobre pedra se constróem
ou se desmancham movidos por mãos
humanas ou assombrações.

Sob o sol, varado pelas claridades e pelo fogo,
entre sempre pela esquerda
e percorra o labirinto de pedra-canga.
Nichos, recantos, imagens.

A pedra-mãe.
Festa de cores e máscaras.
Quem saberá que força move
as mãos negras de tia Romana,
descendentes de luas, de deuses Assírios,
de planetas clandestinos?
O labirinto não é apenas o espaço cingido
pelas pedras do sertão.
É construção de memória e esquecimento.
É outra medida de tempo, de algum modo,
intemporal...
Um tempo que não se conta, digital.
Irredutível à exatidão.
Sutil.
Desde a areia antiga das ampulhetas,
se evadindo no contorno infinito do vidro,
ninguém foi capaz de capturá-lo.
De discernir seus desvãos.

O esquecimento tem chaves.
A memória tem outras.
Terá algum signo este labirinto de pedra-canga?
Que desígnios revelará?
E se no silêncio destas pobres pedras,

(tão distantes do mármore...)
deste labirinto singelo e comovedor
estiverem inscritas as noites e os dias de
Natividade? Tudo o que ocorreu:
a memória e o olvido da cidade?
A coragem e o medo?
A coragem das mulheres que acolheram e
amaram o anjo
e a irremediável covardia dos funcionários
da vida, dos que não cumpriram além do
expediente
que a vida lhes destinou?
Dos que foram servis diante da ordem
e arrogantes com os que tomaram o partido do
anjo (os que empreenderam a louca aventura
de atravessar os abismos da rua principal,
a fratura entre olvido e memória?)

E se em cada um destes corredores de pedra-
canga eu estiver pisando as pequenas flores
e as grandes traições
dos que mataram o único anjo que algum dia,
entre todos os dias de sua eternidade,
se dispôs a pousar sobre Natividade?
E dos que buscaram, em vão,
encobrir sua morte?
Dos escravos do medo?
Dos filhos do silêncio?
Dos miseráveis
que se dedicaram a desbotar
a memória da passagem do anjo?

O fio de algodão fiado em fuso
e coxa reluzente de negra
só indica os passos que já cumpri.
De nada vale para avançar.
É apenas um laço tênue
entre a vontade de compreender,
de alcançar as chaves

ou beber a água do discernimento e o
improvável desejo de retornar.
E se avanço pelos corredores,
encontrarei a pedra que guarda
a noite da morte do anjo?
Terei nas mãos a chave para decifrá-la?

Ainda me restará alguma noção de justiça
depois do que vivi,
passados vinte anos?
Ou o que terei daqui por diante
serão apenas as premonições de Romana,
minuciosas, desenhadas sobre o papel
ou construídas em pedra-canga,
os passos que ainda não foram cumpridos,
as hecatombes, o juízo final,
a paz assegurada pela força inexplicável
que determina o contorno do labirinto
e o mover perpétuo de suas linhas, seus
corredores, seus lugares santos?

Percorro no labirinto o passado
de medos, misérias, loucuras de Natividade
ou já piso num tempo que se antecipa
diante dos meus olhos céticos,
gastos pelos holofotes das câmaras
que sepultaram durante anos
silêncio e gritos?

IV. O ENTERRO DO VAZIO

Faíscar nome de anjo é tarefa de delirantes.
Dez anos depois do silêncio.
Dez anos depois que os rios do medo
submergiram a memória,
munidos de um retrato do anjo,
visitamos os lábios devastados das mulheres.
E só os olhos ainda gritavam a presença do anjo.
Apenas a febre denunciava que aquele entre
duas mulheres, no retrato, era ele.
As palavras deixadas na parede
desapareceram. As cordas, a rede.
As horas com que se mediu sua passagem por
aqui se evadiram.
Mas é ele.
Como foi possível capturar sua beleza neste
retrato acidental, prosaico?

O cartório, cauteloso,
deu o primeiro sinal visível
da passagem do anjo: o óbito.
Passou por aqui um anjo vivo.
E foi assassinado porque não deu explicações.
Assassinado? Não. Um suicida.
(Abre-se, pela palavra, no labirinto, outro
corredor...)
Um suicida. Como devem ser todos os anjos
extraviados.
Alguém se atreve a explicar por que diabos um
anjo viria parar aqui?
Pousar sob o arco inútil da igreja dos escravos?
(Um arco interrompido em maio de 1888
porque os negros se julgaram libertos
e seus deuses libertados com eles.
Determinaram que não haveria mais igreja ali.
E o arco guarda uma igreja que não há...)

O cartório expediu a certidão de óbito
apresentando o anjo sob o nome de João Silvino
Lopes, uma de suas identidades terrenas.
Quantos nomes vestirá um anjo durante sua
eternidade?
O que fazer com este nome?
E ademais um nome suposto?

As teias do medo envolviam as pessoas no seu
casulo. Os rios do medo inundavam as pessoas
de silêncio ou de palavras mortas.
Só os olhos incandescentes das mulheres
ainda gritavam a passagem do anjo.

Durante vinte anos palmilhamos o labirinto.
Buscando os ossos.
Encontramos o Campo Santo.
A cruz de vinhático,
como quem encontra uma chave do labirinto.
A cruz de vinhático não era mais uma cruz.
Era uma haste apenas, sem lavrar.
Mas não havia ossos.
Por mais fundo que se revolvesse a terra.
A memória. Nossas paixões.
Os anjos não têm ossos.
São da matéria do vôo.
Embora, na morte, as mulheres tenham
apalpado a nua humanidade do anjo.
A morte lhe dera pele, músculos, abandono.
E aquela vaga noção do efêmero.

Voltamos de mãos vazias.
Vazio o coração.
Apenas o nome, entre os dedos.
Queimado com fogo no registro dos óbitos:
Rui Carlos Vieira Berbert.
O labirinto nunca se entrega por inteiro.
O que fazer agora com um anjo
de quem só nos resta o nome?

Os anjos não têm filhos.
Para não contrariar sua eternidade.
A quem entregar o anjo?
Meu coração acompanha o cortejo.
E tão longe de mim
milhares de sonhos arquivados se dissolvem.
Um fio de esperança que talvez,
passados vinte anos
- ainda habitasse o peito dos anciãos que
geraram o anjo - se parte.

Por isso é preciso flores.
Vamos sepultar o anjo mais uma vez.
Agora entre os seus.
Meu coração se curva e busca
a face do anjo no ataúde.
Mas só encontro flores.
A face do anjo não se oferece aos meus olhos.
Aos olhos do meu país.
Aqui o labirinto abre mais um corredor.
Interminável?
Assim se enterram os anjos.
Meu coração testemunha
o enterro do vazio.

VII. A PEDRA DA MEMÓRIA

O anjo terá sido homem?
Que homem terá sido esse anjo
a quem o sonho conferiu asas invisíveis aos
olhos da ordem?
Que homem terá sido esse anjo encarcerado,
capaz de iludir cadeias,
ainda que pela porta da morte,
derrotar o medo, inventar um gesto de
liberdade nas mãos aflitas da filhas do povo?

Como se apartasse das pedras
desses muros de pedra-canga
a voz de Romana, baixa, pausada,
me anuncia: eu soube, desde sempre,
desde outras idades, outras medidas de tempo,
que um dia você, peregrino, aportaria aqui.
Em busca dos ossos.

Estremeço. Vinte anos depois,
estarei diante da pedra que guarda
a noite da morte do anjo?
Ou a voz de Romana me ilude os ouvidos?
É apenas a brincadeira dos ventos nos
corredores do labirinto?

Inquiro as pedras do muro que me cerca.
O anjo terá sido homem?
O que dizia o sangue das palavras?
Apenas uma alusão imprecisa à Liberdade que
perseguia...
As mãos do olvido,
a areia invisível do tempo, lixaram a parede.

Acaso sangram os anjos?
Sangue recende à vida.

É da natureza dos rios, correnteza.
É contingência dos humanos e dos bichos,
estranho à condição dos anjos.

O que vi nos olhos daquela mulher
foi um ventre deserto e luminoso
ou a espiga dourada e terna,
misteriosa promessa de gozo?

Houve gritos? Gemidos? Terror?
O corpo dobrado como quem quisesse
desamparado,
menino,
regressar ao ventre da dor?
Era noite de cegos irremediáveis.
Era carvão.
Todas as velas migraram para a sentinela do
coronel.
As estrelas também.
Vultos. Cordas. Força. Ruídos surdos. Suor.
Ruflar de asas. Golpes. Sangue. Estalo.
Correr de corda no travessão.
Pêndulo.
Um corpo pendular suspenso na madrugada...

O labirinto nunca se entrega por inteiro
Recusa desvendar a matéria dos anjos.
Decifrar a dor dessa noite de algemas e facas e
golpes e vultos e o voo desse corpo
na ponta da corda...

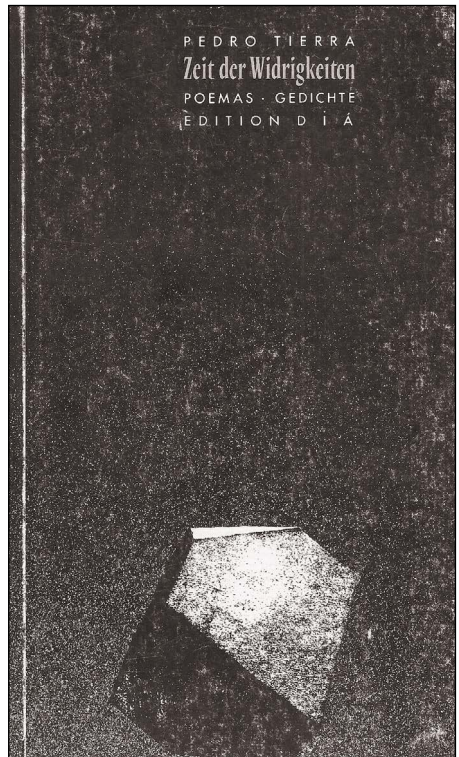
Tenho nas mãos a pedra da memória.
Imperfeita.
Aqui, diante da pedra, sou eu e sou o outro,
dilacerado pelos passos que cumpri.
Pela busca.
Pelas armadilhas deste labirinto
que não se esgota em mim
ou na geração de anjos incendiários.

O que faço com esta pedra
queimando minhas mãos?

Onde deposito esta pedra-chave
no mosaico do rosto
sem desenho prévio,
deste povo de areia e ventos?

Com que pedras, sonhos, vontades,
com que mãos vamos reinventar
a imperfeita verdade
de nossas vidas?
A pedra da memória sorri enigmas
como quem domina o labirinto da história
e me interroga...

Introdução à Edição Alemã de
Poemas do Povo da Noite,
Edition DIÁ, ST. Gallen/Berlin/
São Paulo, 1990.



O poeta Pedro Tierra

Os primeiros manuscritos de Pedro Tierra chegaram à Europa em meados da década de setenta; foram-me oferecidos por um homem que até então eu desconhecia, chamado José Ferreira. Tencionavam, com a publicação dos poemas, arranjar recursos para o movimento de oposição no Brasil, escreveu-me Ferreira de Paris; e que o autor estava preso há três anos por motivos políticos, fora tarefa extremamente difícil conseguir que os textos saíssem clandestinamente da prisão.

No dia a dia de um editor, segue-se, às vezes, uma pista sem saber ao certo porquê; outras pistas são abandonadas sem motivo aparente, e se perdem para sempre. Este impulso proveniente do Brasil teve um impacto muito grande, se rastro nunca se perdeu até aos dias de hoje.

O que me sensibilizou, neste caso, foi a ingenuidade do projeto: pretender angariar fundos na Alemanha com poemas do Brasil, fundos para a resistência política. Assim, marquei encontro com José Ferreira em Frankfurt.

Foi um encontro que jamais esquecerei. Para mim, esse homem ainda hoje é a expressão daquilo que o movimento operário da América Latina tem de melhor, a moral de uma resistência insubornável, uma postura interior que lhe

Hermann Schulz

Editor de **Peter Hammer**

Verlag, Wuppertal,
Alemanha.

dava forças para enfrentar as maiores privações no exílio o que lhe exigia como vim a saber mais tarde suportar mesmo o insuportável.

Durante o diálogo com José Ferreira nasceu a ideia de editar um outro livro, mais comercial, destinado unicamente à causa por ele defendida no Brasil; todos os honorários reverteriam em benefício da luta política. Foi possível convencer Conrad Contzen, fotógrafo e tipógrafo da Vestfália, a realizar comigo, na Editora PETER HAMMER, o projeto do livro “Um Novo Céu, Uma Nova Terra”.

Fizemos uma viagem ao Brasil como simples turistas; cruzamos o país em todas as direções, buscando histórias e colhendo experiências, sempre no encalço da esperança e da luta contra a ditadura. Centenas de portas se nos abriram e, pouco a pouco, fomos obtendo uma ideia da enorme teia de resistência e solidariedade que cobria a imensidão deste país, uma teia que englobava tanto grupos religiosos, sindicais e partidários como também movimentos populares, sedes de dioceses e paróquias até aos confins da Amazônia.

Inesperadamente foi-nos apresentado, numa tarde ensolarada, no jardim da casa do bispo Dom Tomás Balduino, o poeta Pedro Terra. Acabara de sair da prisão. No rosto delgado, extenuado recorde jaziam dois olhos ardentes, radiantes, de uma intensidade incrível. A tortura não conseguira dobrar este homem, sem que eu soubesse como, ele e também o bispo esta-

vam informados sobre os meus contatos com José Ferreira.

O livro “Um Novo Céu, Uma Nova Terra” saiu e foi vendido com uma tiragem de 35.000 exemplares; nele foram publicados pela primeira vez alguns textos de Pedro Tierra sob o seu verdadeiro nome Hamilton Pereira da Silva. O significado desses textos para centenas de milhares de brasileiros durante a ditadura militar brutal, é inestimável. Pedro Tierra assentou com suas palavras a pedra angular da visão de um futuro melhor, banuiu os pesadelos do presente e libertou o pensamento do inferno da desesperança. A repercussão dos seus escritos transcende amplamente a sua apreciação literária, fizeram e ainda fazem parte de uma espiritualidade invejável, na qual a linguagem, a poesia e a ação política têm como destinatário o ser humano e florescem “contra as formas de morte”. Para Pedro Tierra, o credo começa e acaba no homem que sofre e luta, e espera:

*A poesia não marca hora.
Hoje, como há muitos anos,
está nos jornais.*

Foi pisada, cuspada, torturada...

E mais adiante, no mesmo poema:

*Nenhuma investida dos cavaleiros da
morte será silenciada.
E se vier a tortura ou a morte,
a marcha para o sol reunirá*

*os pedaços dispersos do meu corpo...
E o canto do Povo sobre a cidade aberta
não me surpreenderá adormecido.*

Nós não dispomos em nossa literatura, diante das nossas ameaças, de nenhuma voz poética semelhante.

Será esta uma ênfase e uma moral para as quais nos falta coragem e que se apagaram com os poetas Schiller e Heine para todo o sempre? Ou não mais se encontrarão, em nossas latitudes, visões de uma vida futura diferente? Aqui, no nosso país, as investidas dos cavaleiros da morte porventura serão silenciadas? Alguém ainda estará à espera do canto do Povo sobre a cidade aberta?

Assim, quase todos os versos deste poeta são perguntas dirigidas a nós. O leitor sentirá, cada vez mais, que não se trata de um poeta longínquo: suas metáforas, visões e maldições, seus encantos e suas acusações são causa nossa, a da sobrevivência da humanidade uma.

É bom que seus poemas sejam publicados agora em língua alemã: textos repletos de um amor armado, que renegam definitivamente a morte.



“A palavra. Começemos por ela.”

Carlos Rodrigues Brandão

Pedro Casaldáliga • Babeuf • Alberto Szpunberg • “Vovô” • Alexandre Vanucchi Leme • Toledo • Luiz José da Cunha • Che • Carlos Marighella • Menino José Milton • Yuri Xavier Pereira • Jonas • “Bruno” • Antonio Carlos Nogueira • Fidel • Mário Alves • Padre João Bosco Penido Burnier • Victor Jara • Aurora Maria do Nascimento • Maria Nacionovic • Gastone Beltrão • Pavilhão Cinco • Ángel Otaegui • José Humberto Baena Alonso • José Luis Sanches Bravo • Juan Paredes Manot • Ramón Garcia Sanz • Wladmir Herzog • Maria Augusta Thomaz • Márcio Beck Machado • Antônio Benetazzo • Neruda • Tristão de Athayde • Cláudio Abramo • John Poisson • Hermann Schulz • Ettore Masina • Carlos Rodrigues Brandão • Athos Pereira • Yvan Avena

A atribulada biografia de um livro

Flamarion Maués³

Pedro Tierra escreveu *Poemas do Povo da Noite* na cadeia, ou melhor, nas cadeias pelas quais passou como preso político. Militante da Ação Libertadora Nacional (ALN) foi preso em 10 de junho de 1972, quando tinha 24 anos, em Anápolis, Goiás, cidade próxima a Brasília. Era acusado de subversão e de atentar contra a segurança nacional. Submetido a longos períodos de tortura – aos quais ele costuma se referir como “interrogatórios” –, permaneceu cerca de três meses incomunicável em quartéis do Exército, em Goiânia e em Brasília.

Foi transferido de Brasília para São Paulo, onde esteve detido de março a outubro de 1973 na Oban/DOI-CODI (Operação Bandeirante/ Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operação de Defesa Interna), na Rua Thomaz Carvalhal, esquina com Rua Tutóia, um dos mais tristemente famosos centros de tortura do regime militar. Foi, então, enviado ao Presídio do Hipódromo, depois à Casa de Detenção no Carandiru, à Penitenciária do Estado de São Paulo e ao Presídio do Barro Branco. Condenado inicialmente a 12 anos de reclusão – incluindo um ano de “medida de segurança detentiva” –, sua pena foi fixada, após recurso, em cinco anos. Ele somente foi solto em 10 de março de 1977, após cumpri-la integralmente (ARQUIVO DO DEOPS, 1977; SILVA, 2004).

De 2003 a 2007 Hamilton Pereira foi presidente da Fundação Perseu Abramo, instituição vinculada ao Partido dos Trabalhadores.

3. Doutorando em História Social e mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Foi coordenador editorial da Fundação Perseu Abramo de 1997 a 2008. Atua como historiador e editor de livros. Publicou artigos e pesquisas sobre editores e livros de oposição no Brasil, ditadura e oposição à ditadura no Brasil, história do livro no Brasil e em Portugal nos períodos de transição política (anos 1970-80).

Leitor e apreciador de literatura desde a adolescência em Porto Nacional (na época município de Goiás, hoje faz parte do estado do Tocantins), Pedro Tierra encontrou na poesia uma maneira de se manter vivo e lúcido na cadeia, uma forma de resistência e de possível comunicação com o mundo exterior.

Como registra Emiliano José, Pedro Tierra tinha:

a capacidade de viver poesia, de mergulhar na tragédia e nas dores humanas depois de experimentá-las na própria carne. Pedro Tierra até hoje se considera um sobrevivente, e o solo fundamental de sua sobrevivência foi a poesia – é até hoje. “Era, então, a maneira de poder me olhar no espelho sem enlouquecer.” Era como se ele dissesse, de si para si: a humanidade não pode ser isso que estou vendo aqui. Os versos construía outra humanidade, ou o faziam divisar outra face do humano, não a do terror. (JOSÉ, 2002, p. 159).

Seus poemas descrevem os duros momentos passados pelos presos políticos, as torturas, a morte de muitos deles e a luta pela vida dos que resistiram às sevícias. São poemas em que palavras como “sangue”, “morte”, “luta” e “companheiro” aparecem com frequência. São estes poemas reunidos no livro *Poemas do Povo da Noite*. A homenagem a companheiros mortos será uma das características do livro – dos 60 poemas do volume 17 são desse tipo. O “Poema – Prólogo” é uma boa síntese da obra de Pedro Tierra escrita na prisão:

Fui assassinado.
Morri cem vezes
e cem vezes renasci
sob os golpes do açoite.

Meus olhos em sangue testemunharam
a dança dos algozes
em torno do meu cadáver.

[...]
Fui poeta
do povo da noite
como um grito de metal fundido.

Fui poeta
como uma arma para sobreviver
e sobrevivi.

[...]
Porque sou o poeta
dos mortos assassinados,
dos eletrocutados, dos “suicidas”, dos
“enforcados” e “atropelados”, dos que
“tentaram fugir”,
dos enlouquecidos.

Sou o poeta dos torturados,
dos “desaparecidos”, dos atirados ao mar, sou
os olhos atentos sobre o crime.

[...]
meu ofício sobre a terra é ressuscitar os mortos
e apontar a cara dos assassinos. [...]
Venho falar
pela boca de meus mortos. Sou poeta-
testemunha, poeta da geração de sonho
e sangue
sobre as ruas de meu país.

No começo, era muito difícil para Pedro Tierra escrever na cadeia. Além de toda a violência da prisão – não só física, mas também psicológica –, não havia lápis nem papel. “No intervalo de um interrogatório, me deixaram sozinho na sala. Vi que havia um lápis numa mesa. Guardei-o comigo e o levei para a cela. Com ele escrevi meus primeiros poemas na prisão, em papel de maço de cigarros”, conta Pedro.

Começou então uma produção literária que se prolongou por todo o período em que Hamilton Pereira esteve preso, e que continua até hoje, quando Pedro Tierra permanece produzindo e publicando. Mas nos tempos de prisão não foi fácil fazer os primeiros poemas saírem da cadeia. Primeiro, Hamilton tentou remeter os poemas para seus familiares e amigos por meio de cartas, mas como estas eram submetidas a censura antes de serem enviadas, os poemas acabavam não chegando a seus destinatários. Bolou então um stratagem. Nas cartas, dizia que havia lido em alguns livros que existiam na prisão certos poemas de um autor chamado Pedro Tierra – provavelmente latino-americano – dos quais gostara muito, e os reproduzia nas cartas. Nascia assim o pseudônimo com que assinaria os poemas e o livro que primeiro os reuniria, publicados quando o autor ainda estava preso: *Poemas do Povo da Noite*.

Depois, foi necessário outro expediente para enviar os poemas para fora da prisão: escrevia-os em papel de maços de cigarros que eram colocados dentro de canetas, junto com a carga das mesmas.

O advogado Luiz Eduardo Greenhalgh visitava os presos políticos quase semanalmente. Numa das ocasiões, levou duas canetas Bic escrita fina. Estas canetas, que são vendidas até hoje, são amarelas por fora, não permitindo ver a carga em seu interior. Ele deixou uma das canetas comigo. Na semana seguinte, entreguei a ele a caneta que havia ficado comigo, e enrolados na carga estavam dois poemas meus escritos em papel de cigarro, com letra bem pequena. Ele me deixou a caneta que estava com ele, para na semana seguinte repetirmos a operação. Assim saíram muitos dos poemas que compõem o livro (SILVA, 2004).

Isso passou a ocorrer a partir do segundo semestre de 1974. Greenhalgh – na época advogado de vários presos políticos e atualmente deputado federal pelo PT de São Paulo – também recorda o caso:

Perguntei ao Hamilton se já havia feito alguma coisa com as poesias. Ele disse que não, pois não havia segurança para que elas saíssem da prisão. Então propus que ele fosse me dando os poemas aos poucos, eu os datilografaria e veríamos a possibilidade de montar um livro de poesias. E assim foi, com o recurso da troca de canetas durante minhas visitas aos presos (GREENHALGH, 2004).

Greenhalgh lembra que quando retirava das canetas os pedaços de papel nos quais estavam escritos os poemas, sua esposa passava-os com ferro de engomar para que ficassem planos, e depois datilografava as poesias.

A primeira edição

Considerando edição como o “conjunto de exemplares reproduzidos sob uma mesma composição” e “entendendo-se primeira edição como a primeira publicação autorizada pelo autor” (ARAUJO, 1995: 270-71), podemos dizer que a primeira edição dos poemas de Pedro Terra, ainda artesanal e não comercial, foi feita provavelmente em 1975 e organizada pelo advogado Greenhalgh, responsável, como vimos, pela saída do presídio da maior parte dos poemas que formariam o livro *Poemas do Povo da Noite*. Foi ele quem primeiro reuniu os poemas em uma pasta e apresentou-os a um grupo de pessoas que apoiava os presos políticos e seus familiares em São Paulo. Este grupo tinha também como objetivo apoiar politicamente a atuação de D. Pedro Casaldáliga na prelazia de São Félix do Araguaia.

Este grupo se reunia sob a proteção de Madre Cristina no Instituto Sedes Sapientae, na rua Caio Prado, em São Paulo (CRISTINA, 1997). Durante muito tempo foram reuniões clandestinas. Dali surgiu um dos núcleos que dariam origem ao movimento pela anistia.

“Falei para o grupo sobre as poesias, quando já tinha um certo número delas reunidas e datilografadas, e apresentei a ideia de que talvez pudessemos fazer um livro”, recorda Greenhalgh. Segundo ele, as ilustrações de Pepe, que saíram em todas as edições do livro, surgiram neste momento,

pois Pepe, um jovem artista espanhol que então viva no Brasil, era amigo de uma das pessoas do grupo, e por intermédio dessa pessoa tomou conhecimento dos poemas e fez as ilustrações. Foi Greenhalgh quem também pediu a D. Pedro Casaldáliga que fizesse o prefácio para o livro de Hamilton Pereira⁴.

“A primeira edição foi feita à mão, saiu assinada com o pseudônimo Pedro Tierra e com os desenhos do Pepe feitos em papel sulfite. Fizemos xerox desse livro para distribuir. Eu tenho o original em meus arquivos”, afirma Greenhalgh.

Esta edição teve circulação reduzida e semiclandestina, xerocada ou mimeografada e distribuída de mão em mão⁵. Não obtive informação de quantos exemplares podem ter sido feitos. O autor, ainda estava preso quando esta edição foi publicada.

Após esta primeira edição, entra em cena um personagem que terá grande importância para a difusão dos poemas de Pedro Tierra: o padre italiano Renzo Rossi.

De acordo com Greenhalgh, o padre Renzo, que atuava na Bahia e lá dava assistência pastoral a presos políticos, iniciou contato com os presos políticos de São Paulo, pois também queria ajudá-los. Passou então a visitar os presos políticos no Presídio do Barro Branco, entre os quais Pedro. “Quando o padre Renzo, uma pessoa de coração enorme, viu os poemas dele ficou muito impressionado e pediu para traduzi-los para o italiano”, diz Greenhalgh⁶.

4. Segundo Greenhalgh, ao entregar o prefácio Casaldáliga disse: “E o dia que esse rapaz sair da prisão quero fazer com ele o texto de uma missa latino-americana”. De fato, em 1979 ambos compuseram, ao lado de Martin Coplas, a Missa da terra sem males, publicada pela Editora Livramento em 1979.

5. Tive acesso, por meio de Pedro Tierra, a um desses exemplares mimeografados. No entanto, não era um dos exemplares da primeira edição de 1975, mas sim um exemplar reproduzido após 1977, uma vez que traz também poemas datados daquele ano, o que significa que o volume foi sendo periodicamente complementado com novos textos do autor.

6. E de fato Renzo acompanhou a edição italiana dos Poemas do Povo da Noite. Em 19 de junho de 1977 e em agosto do mesmo ano encontrou-se em São Paulo com Pedro Tierra, que saíra da prisão havia poucos meses, para combinar os últimos detalhes da edição de todas as suas poesias em italiano (JOSÉ, 2002: 212-33). Emiliano José ainda registra que, em 29 de janeiro de 1978, Renzo esteve em Goiânia para encontrar Hamilton, sua esposa Cristina e sua filha Ana Terra, ocasião em que “conversam sobre a edição italiana de seus poemas e também da provável edição no Brasil” (p. 268).

A primeira visita do padre Renzo em São Paulo foi a Paulo Vannchi, no Presídio do Barro Branco, no final de 1975 (JOSÉ, 2002, p. 143). Mas foi a partir de julho de 1976 que essa atividade se intensificou. No dia 17 daquele mês, Renzo inicia uma série de visitas aos presos do Barro Branco, que se desenvolverão e resultarão em profundo envolvimento do padre, em particular com alguns presos. Esta visita do dia 17 de julho de 1976 está descrita em detalhes no livro *As asas invisíveis do padre Renzo*, de Emiliano José. É nessa ocasião que ele conhece o poeta e seus poemas, e “fica emocionado ao ler os versos manuscritos de Pedro Tierra” (JOSÉ, 2002, p. 159).

Emiliano José diz que “Renzo se impressionara tanto com as poesias de Pedro Tierra [...] que passou a reproduzi-las em mimeógrafo, encadernar e distribuir Brasil afora” (JOSÉ, 2002, p. 159).

Ou seja, o padre Renzo parece ter começado a fazer por conta própria a reprodução e distribuição da edição já existente de *Poemas do Povo da Noite*, organizada por Greenhalgh, que antes era feita apenas pelo grupo de apoio aos presos políticos, dando ao volume um alcance maior no que diz respeito à circulação, inclusive levando-o para o exterior.

Não resta dúvida do papel de Renzo na divulgação dos poemas. Como lembra o poeta, “Ele era um entusiasta, distribuía meus poemas como quem distribuía panfletos”.

“Ele virou um semeador da poesia na Idade do Terror”, diz o poeta, ao relembrar a atitude de Renzo de entregar suas poesias a militantes, amigos, familiares. Pedro Tierra se tornou conhecido nos tempos das catacumbas e pelos métodos subterrâneos próprios desses períodos, e pelas mãos de um sacerdote. (JOSÉ, 2002, p. 149 e 159)

Esta primeira edição quase clandestina teve certa repercussão. O jornalista e escritor Fernando Moraes – aliás autor de outro livro de oposição clássico, *A Ilha: um repórter brasileiro no país de Fidel Castro*, de 1976 – sugeriu que o livro fosse inscrito no Prêmio Casa de las Américas, de Cuba, na

época importante fórum de divulgação da literatura política do continente latino-americano (SILVA, 2004). A ideia prosperou, e D. Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, fez o prefácio e a tradução do livro para o espanhol (na época, só podiam ser inscritos no Prêmio obras em espanhol). O livro recebeu em 1977 uma Menção Honrosa do Prêmio Casa de las Américas e obteve mais visibilidade e repercussão.

Na Europa, a partir da divulgação feita pelo padre Renzo e da premiação na Casa de las Américas, o jornalista, militante cristão e deputado italiano Ettore Masina incluiu vários poemas de Pedro Tierra na antologia *Le parole sepolte fioriranno: I canti della Resistenza brasiliana* (As palavras sepultadas florescerão: O canto da resistência brasileira), publicada em Roma por Edizioni Borla em maio de 1977. Esta edição fazia parte da coleção “Voci dell’esodo”, e teve prefácio do senador socialista italiano Lelio Basso⁷, um dos organizadores do Tribunal Internacional Bertrand Russell⁸. Ela trazia também textos de Thiago de Melo, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Casaldáliga, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Geraldo Vandré, entre outros – além de divulgar um emocionante poema de Janaína Telles, filha de presos políticos, escrito quando ela tinha 7 anos, em 1975⁹. Neste volume os poemas de Pedro Tierra foram publicados quase de modo anônimo, uma vez que o autor fora libertado havia pouquíssimo tempo e temia-se que tal publicação pudesse lhe trazer problemas. Seus poemas, publicados da página 36 a 64 do volume, formam o maior conjunto individual da obra, e somente são identificados – pelo pseudônimo – na introdução do livro, escrita por Masina. Nesta introdução, Masina dizia: “Estes

7. De acordo com o jornalista Elio Gaspari, o senador socialista italiano Lelio Basso também coordenava o Fronte Brasiliano D’Informazione, uma das várias organizações criadas no exterior por brasileiros exilados e estrangeiros solidários para denunciar as torturas e perseguições políticas no Brasil (GASPARI, 2002: 273).

8. O Tribunal Russell foi constituído em 1973 a partir de entrevistas com exilados brasileiros. Teve como objetivo, “em nome da consciência dos povos, examinar e julgar os crimes do fascismo da América Latina e dos seus sustentadores”. Ocorreram três sessões entre 1973 e 1976 – em Roma, por duas vezes, e em Bruxelas – que expuseram detalhadamente a terrível dimensão da repressão na América Latina (MASINA, 1977, p. 11).

9. Testemunho da brutalidade a que pode chegar a repressão política, o poema “Dói gostar dos outros”, de Janaína Telles, pode ser lido em JOSÉ, 2002, p. 179-80.

poemas, não os encontrei em livros ou jornais, mas como cartas, pedidos de SOS, [...] como documentação de delitos e de esperança”. E ressaltava: “Várias editoras brasileiras foram procuradas, mas nenhuma teve a coragem de publicar estes poemas” (MASINA, 1977, p.11 e 17).

A primeira edição em livro

O volume em espanhol premiado pela Casa de las Américas deu origem à primeira edição integral – e comercial – em livro de Poemas do Povo da Noite, que – retrato da época – não ocorreu no Brasil, mas sim na Espanha, pela editora Sígueme, de Salamanca, em 1978. Esta edição teve como “padrinho” D. Pedro Casaldáliga, que fez todos os contatos, além da já mencionada tradução, que permitiram a publicação da obra na Espanha – Casaldáliga é catalão, de Balsareny, região de Barcelona.

Poemas del Pueblo de la Noche já traz a ilustração de Manoel Cyrillo na capa e as de Pepe no miolo do livro, que farão parte também da edição brasileira, que somente surgirá em 1979, ano da Anistia.

Ainda em 1978, foi publicada na Alemanha a revista Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde: Von Zusammenleben der Menschen und von Ihren Hoffnugen (Um novo céu – Uma nova Terra) (editora Peter Hammer, Basel), organizada por Conrad Contzen e Hermann Schulz, que trazia alguns dos poemas de Pedro Tierra, além de textos de Josué de Castro, D. Hélder Câmara, Thiago de Mello, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto.

Os primeiros manuscritos de Pedro Tierra chegaram à Europa em meados da década de setenta; foram-me oferecidos por um homem que até então eu desconhecia, chamado José Ferreira. Tencionavam, com a publicação dos poemas, arranjar recursos para o movimento de oposição no Brasil, escreveu-me Ferreira de Paris; e que o autor estava preso há três anos por motivos políticos; fora tarefa extremamente difícil conseguir que os textos saíssem clandestinamente da prisão.

[...] Durante o diálogo com José Ferreira nasceu a ideia de editar um outro livro, mais comercial, destinado unicamente à causa por ele defendida no Brasil; todos os honorários reverteriam em benefício da luta política. (SCHULZ, 1990, p. 6)¹⁰

Esta publicação foi *Um novo céu – Uma nova Terra*, lançada em tiragem de 35 mil exemplares. Nesta revista, pela primeira vez que se revela que Pedro Tierra é o pseudônimo de Hamilton Pereira, bem como se publica uma foto sua, já em liberdade no Brasil (SCHULZ, 1990, p. 6).

Pedro considera que

na Alemanha, foi interessante porque esta edição despertou uma percepção especial, ou seja, como os fascismos se parecem. O livro despertou em muita gente o gesto de solidariedade com movimentos sociais brasileiros, os movimentos de trabalhadores rurais, indígenas etc. (SILVA, 2004)

Em 1981, o livro foi publicado integralmente na Itália (*Canti del Popolo della Notte*, tradução de David Turolfo, Bologna, Editrice Missionária Italiana).

A primeira edição em livro no Brasil

Somente em 1979, após esse percurso internacional, *Poemas do Povo da Noite* chegou ao Brasil, “graças à abnegação e ao heroísmo do Fábio [Ortiz Jr.]” (SILVA, 1999), dono da Editorial Livramento, de São Paulo, em tiragem de 3.980 exemplares (ORTIZ JR., 2004) e com as mesmas ilustrações da edição espanhola e da edição original organizada por Luiz Eduardo Greenhalgh.

A Editorial Livramento era uma pequena livraria e editora que funcionava na avenida Waldemar Ferreira, no bairro do Butantã, na entrada da

10. Na verdade, como vimos, os poemas já haviam chegado anteriormente à Itália e tinham sido editados naquele país em 1977.

Cidade Universitária, em São Paulo. Editou cerca de 25 títulos. Criada por seis estudantes da Universidade de São Paulo (USP)¹¹ em março de 1978, no embalo da retomada do movimento estudantil em 1977, essa editora lançou alguns importantes livros de oposição¹². Estes estudantes eram militantes ou simpatizantes de organizações políticas ou de tendências estudantis e viram na ideia da livraria e editora uma forma de dar continuidade a esta militância e de ter uma fonte de renda¹³.

O livro chegou às mãos de Fábio Ortiz Jr. por intermédio do advogado Luiz Eduardo Greenhalgh, na ocasião um membro ativo do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA).

Greenhalgh havia conhecido Fábio e a Editorial Livramento em virtude da publicação por esta editora do livro *Memórias do exílio*, vol. 1, organizado por Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos, feita em coedição com o CBA – edição esta, diga-se de passagem, realizada não sem problemas. A partir desse contato e do relacionamento que se estabeleceu entre ambos, Greenhalgh sugeriu a Fábio a edição no Brasil do livro de Pedro Tierra, tendo passado às suas mãos um exemplar da edição espanhola da obra.

Fábio leu os poemas e imediatamente resolveu editá-los, surgindo assim a edição brasileira de *Poemas do povo da noite* (ORTIZ JR., 2004).

Lançada em abril de 1979, ano em que a campanha pela anistia estava em seu auge – a Lei da Anistia foi aprovada em agosto de 1979 –, a obra teve forte repercussão entre os setores de esquerda do Brasil. Versos dos

11. Entre os quais Markus Sokol, Jorge Kaupatez, Sílvio Ernesto Bathusanski e José Bonifácio Amaral (ORTIZ JR., 2004).

12. Por exemplo, *Memórias do exílio – Brasil 1964/1977*. 1. De muitos caminhos, organizado por Pedro Celso Uchoa Cavalcanti e Jovelino Ramos (setembro de 1978); *Escritos de Carlos Marighella* (dezembro de 1979); e *História da UNE*, vol. 1: *Depoimentos de ex-dirigentes*, organizado por Nilton Santos (outubro de 1980).

13. Três meses depois da criação da livraria e editora, quatro dos seis fundadores deixaram a sociedade e um novo sócio, Fábio Ortiz Jr., entrou. Problemas internos e de gestão administrativa e financeira fizeram que ainda no decorrer de 1978 o novo sócio passasse a responder integralmente pela empresa, tornando-se o responsável pela gestão da livraria e da editora e pelos títulos publicados. A partir do começo de 1979, um sócio informal injetou algum capital na empresa e passou a trabalhar com Fábio Ortiz, dividindo as funções de administração e direção (este sócio prefere que seu nome não seja mencionado). Editora e livraria funcionaram de modo regular até 1981. (ORTIZ JR., 2004). Entrevista com o sócio informal, São Paulo (SP), em 17 de setembro de 2004.

poemas foram usados em camisetas, calendários e cartões postais produzidos em favor da anistia.

“Quando o livro saiu foi um sucesso. Anunciávamos o livro nas atividades do Comitê de Anistia, nas reuniões, e a repercussão era enorme. O livro passou a ser um material de aproximação das pessoas com o movimento pela anistia, com os presos políticos”, lembra Luiz Eduardo Greenhalgh (GREENHALGH, 2004).

É o próprio poeta que narra um caso singular acontecido naquele período, quando lançou o livro em algumas cidades em atos pela Anistia:

Chegamos a Salvador e fomos para a atividade, um recital marcado para a antiga Praça da Força. Talvez por estarmos pisando o chão dos Orixás, o que ocorreu naquele dia escapa inteiramente aos domínios surrados da razão [...] Nos concentramos em torno do monumento e deu-se início ao recital. Para minha surpresa um grupo de jovens atores havia feito uma seleção de poemas, para homenagear Pedro Tierra, poeta de origem latino-americana, morto sob tortura pelo regime militar... e lá se foram desafiando no tom dos discursos veementes da época os Poemas do Povo da Noite, aos quais tiveram acesso por uma edição mimeografada que corria de mão em mão entre eles. Senti-me morto e ressuscitado, comovido pela homenagem e temendo frustrar meus entusiasmados porta-vozes por estar prosaicamente vivo, entre eles... (SILVA, 1999)

O prefácio de Pedro Casaldáliga, que consta tanto das edições estrangeiras como da brasileira, é um importante registro do que representava a publicação do livro naquele momento no Brasil. Vale a longa citação:

Será que alguém já publicou nestes dez últimos anos de poesia e de noite, no Brasil, um livro de poemas mais verdadeiros, versos mais comprometidos com a vida, com a morte, com o Povo?

[...] O medo, a angústia, o sofrimento das distâncias ou das torturas falam, nestes versos, com a dramaticidade neuroló-

gica de “O Capuz”, para citar um exemplo.

[...] O poeta sabe, pela própria experiência esticada até o umbral da morte – nunca tão etimologicamente verdadeiro o umbral –, que “a criatura humana resiste”. Para ele – e tem o direito de afirmar o que suporta – “não importa se a colheita da luz tarda”. Ele crê que “a mão ferida semeia a surda semente da liberdade”. [...]

“Sobreviveremos”, grita. Com a experiência de um sobrevivente. [...] irmão-poeta, poeta-mártir, poeta-profeta. [...]

Um homem comprometido com o Povo até a tortura, até a morte sempre iminente, não podia cantar de outra maneira. Por isso são verdadeiros estes versos, e comprometidos, e comprometedores.

Este livro se lê e se passa como um telegrama de urgência, como um grito de guerra. Ou então se queima, covardemente, às escondidas. O fogo do suplício queimou muitas vezes a carne do seu cantor.

Ninguém pode ler estas páginas como quem desfolha mais um poema, habitualmente flor. Este não é um livro de flores habituais.

“Aqui um ato de amor é sempre um desafio”. Uma palavra de liberdade é sempre um desafio. Um gesto de comunhão é sempre um desafio. Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio... (CASALDÁLIGA, 1979)

O editor alemão de Pedro Terra, Hermann Schulz, também registrou sua opinião sobre o que representavam os versos de *Poemas do Povo da Noite*:

O significado desses textos para centenas de milhares de brasileiros durante os anos de luta contra uma ditadura militar brutal, é inestimável. Pedro Terra assentou com suas palavras a pedra angular da visão de um futuro melhor, banuiu os pesadelos do presente e libertou o pensamento do inferno da

desesperança e do desespero. A repercussão dos seus escritos transcende amplamente a sua apreciação literária; fizeram e ainda fazem parte de uma espiritualidade invejável, na qual a linguagem, a poesia e a ação política têm como destinatário o ser humano e florescem “contra todas as formas de morte”. (SCHULZ, 1990, p. 8)

Poeta da resistência

A obra de Pedro Terra teve certa repercussão no Brasil também na grande imprensa, com artigos que comentavam o livro, suas qualidades literárias e seu conteúdo político.

Tristão de Athayde, pensador cristão, resenhou o livro. Vale a pena reproduzir um longo trecho desse texto:

Assim como Garcia Lorca ficou gravado na história literária de Espanha como o poeta da resistência espanhola ao terrorismo franquista, esse jovem brasileiro de nome espanhol ficará provavelmente como a maior expressão poética da resistência ao terror ditatorial dos nossos últimos quinze anos. Guardadas as devidas proporções, será uma espécie de Castro Alves antirromântico. Sua poesia será castro-alvina pela sua inspiração social e revolucionária. Mas é radicalmente antirromântica pelo realismo patético de quem sofreu, na própria carne, tudo aquilo que canta nos seus versos, numa linguagem intencionalmente desprovida de toda loquacidade empolada ou de todo fácil sentimentalismo. Pode-se mesmo dizer que pertence à linhagem de um Murilo Mendes ou de um João Cabral de Melo Neto. [...] os poemas de Pedro Terra ficam voluntariamente segregados entre os muros da prisão e aqueles muros, ainda mais fechados, de uma filosofia da vida, exclusivamente dedicada à luta política partidária da mais radical revolução social. Essa visão político-partidária, entretanto, é do tipo profundamente humano e personalista. Seus poemas são fotografias patéticas

de companheiros e situações do sofrimento humano vivido e convivido no horror das células confinantes e das torturas sofridas e compartilhadas. Como Soljenitsin o faz das células do Gulag staliniano, pois o sofrimento humano está acima dos partidos e das ideologias. (ATHAYDE, 1979)

Continua Tristão de Athayde:

[São] poemas de carnes dilaceradas e sangue derramado por um ideal de amor e de liberdade, fraternalmente convivido e compartilhado. O sofrimento contínuo que emana de cada página desse canto do povo da morte torna sua leitura quase intolerável, pois a verdade é mais corrosiva do que todas as suas representações estéticas. E nessa poesia, despojada totalmente de retórica e de ornatos, é a verdade dos torturados, dos assassinados, dos dilacerados pelas separações compulsórias, que reponta desse “navio negreiro” em terra, de negros, mulatos e brancos, de uma juventude generosa que ofereceu e continua a oferecer seu conforto e sua vida por um ideal de holocausto por uma causa social, como os cristãos dos circos romanos e os missionários de todos os tempos, por uma causa sobrenatural. Penso que, em todo esse livro de poemas só há um canto de amor, aliás dilacerante, enquanto a ternura e a compaixão transbordam de cada poema, quase todos dedicados ao rebanho de anônimos que iam ficando para trás. [...] Esses cantos de fúria, protesto e ternura fazem desse pequeno livro uma flor de sangue que faltava à vala comum de tantos anônimos que ficaram à beira dos caminhos, enquanto perdurar, entre os homens, uma falsa filosofia do ódio e da vingança. (ATHAYDE, 1979)

Profundamente impressionado com a obra de Pedro Terra também ficou Cláudio Abramo, um dos principais nomes do jornalismo brasileiro. Isso está registrado em seu livro póstumo, organizado por Cláudio Weber Abramo, *A regra do jogo*:

[...] fui uma noite a uma livraria, em companhia de um casal amigo, e lá comprei um livro de um jovem, Pedro Tierra, um livro que me fez as lágrimas brotarem dos olhos, tal sua força. Ninguém fala desse jovem, em quem se reconhece desde logo o tom de um grande poeta da dor e do sofrimento, que grita contra a tortura que sofreu porque o Brasil me parece um país que cada vez mais dá as costas a si próprio. Gostaria de mostrar os versos de Pedro Tierra a Giuseppe Ungaretti, a T. S. Eliot, a Stephen Spender. (ABRAMO, 1997, p. 265)

Um livro de oposição

Vinte e cinco anos após a primeira edição brasileira de seu livro, o autor avalia que a obra “cumpru o papel da poesia militante, nos limites que isso possa significar, em um período em que saíamos de um Estado policial, opressivo, para uma etapa de renascimento dos movimentos sociais no país”.

Certamente por tudo isso, e por conhecer todo o percurso de *Poemas do Povo da Noite*, desde as celas das prisões até a edição brasileira, passando por suas edições no exterior, D. Pedro Casaldáliga escreveu em seu prefácio ao livro, como vimos: “Ter simplesmente este livro nas mãos é já um desafio [...]”. Um desafio à repressão, à tortura, à censura, ao medo, à violência política, à ditadura, enfim.

Dessa forma, se torna um livro de oposição. Os livros de oposição se caracterizavam por não ser meramente um produto editorial e comercial. Representavam uma manifestação política pública, que se dirigia aos formadores de opinião – ou ao menos tinham essa pretensão. É claro que tal projeto, que estava como que impresso em cada página desses livros, trazia em si as limitações inerentes ao veículo livro, limitações estas relacionadas ao público leitor, à distribuição e ao alcance efetivo dessas obras, a seu impacto real na conjuntura política do país etc.

É certo que aqui há um movimento de mão dupla, ou seja, ao mes-

mo tempo que os livros de oposição promovem e estimulam o debate de ideias, eles são também frutos de uma situação em que já se tornava possível, novamente, trazer a tona tais debates. São, portanto, frutos da abertura política e colaboraram para ampliá-la.

Além disso, os livros de oposição se relacionam com a configuração no Brasil, nos anos 1970, de um mercado de bens culturais. E, como ressalta Renato Ortiz,

existe uma diferença entre o desenvolvimento de um mercado de bens materiais e um mercado de bens culturais. O último envolve uma dimensão simbólica que aponta para problemas ideológicos, expressam uma aspiração, um elemento político embutido no próprio produto veiculado¹⁴.

Assim, por seu conteúdo, por sua história editorial e por seu papel político, o livro de Pedro Terra ganha significado especial e se apresenta como – e se torna de fato – um elemento de intervenção política, mais além da obra de arte, da intenção de seu autor e do produto editorial/comercial. Apropriado pela realidade e pelos sujeitos que a fazem, torna-se ator político.

Estas me parecem ser características que um livro deve ter para ser considerado um livro de oposição.

14. ORTIZ, op. cit., p. 114.

Bibliografia e fontes

- ABRAMO, Cláudio. A regra do jogo: O jornalismo e a ética do marceneiro. São Paulo, Companhia das Letras, 1997 (1ª edição 1988), p. 265.
- ARAUJO, Emanuel. A construção do livro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995.
- ARQUIVO DO DEOPS. Pasta Ordem Social 1499, Informação nº 181/77 de 9/3/1977. São Paulo, Arquivo do Estado de São Paulo, 9 de março de 1977.
- ATHAYDE, Tristão. “Mirantes e calabouços”. São Paulo, Folha de S. Paulo, 29 de novembro de 1979, p. 3.
- CASALDÁLIGA, Pedro. “Prefácio”. In: TIERRA, Pedro. Poemas do Povo da Noite. São Paulo, Livramento, 1979, p. 5-7.
- CONTZEN, Conrad e SCHULZ, Hermann (Orgs.). 1978. Ein Neuer Himmel Eine Neue Erde: Von Zusammenleben der Menschen und von Ihren Hoffnungen. Basel, Peter Hammer, 1978.
- CRISTINA, Madre. “Entrevista”. In: AZEVEDO, Ricardo e MAUÉS, Flamarion (Orgs.). Rememória: Entrevistas sobre o Brasil do século XX. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 153-171.
- ENTREVISTA com o sócio informal da Editorial Livramento realizada em São Paulo (SP), 17 de setembro de 2004, que solicitou anonimato.

- GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. São Paulo, Cia. das Letras, 2002.
- GREENHALGH, Luiz Eduardo. Entrevista sobre o livro *Poemas do Povo da Noite*, concedida ao autor em São Paulo (SP), em 5 de novembro de 2004.
- JOSÉ, Emiliano. Entrevista sobre o livro *Poemas do Povo da Noite*, concedida, por telefone, ao autor em 1º de março de 2005.
- JOSÉ, Emiliano. *As asas invisíveis do Padre Renzo*. São Paulo, Editora Casa Amarela, 2002.
- MASINA, Ettore (Org.). *Le parole sepolte fioriranno: I canti della Resistenza brasiliana*. Roma, Edizioni Borla, 1977.
- MAUÉS, Flamarion. "Editoras de oposição no Brasil no período de abertura política (1974-1985)". In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *América Latina: encruzilhadas da história contemporânea*. São Paulo, Xamã, 2003, p. 129-140.
- ORTIZ JR., Fábio. Entrevista sobre a *Editorial Livramento*, concedida ao autor em São Paulo (SP), em 10 de setembro de 2004.
- SCHULZ, Hermann. "O poeta Pedro Tierra". In: TIERRA, Pedro. *Zeit der Widrigkeiten: Poemas Gedichte*. St. Gallen/Berlin/São Paulo, Edition Dia, 1990, p. 6-10.
- SILVA, Hamilton Pereira. Depoimento de Hamilton Pereira (Pedro Tierra). São Paulo, agosto de 1999. Disponível em www.fpabramo.org.br (página especial sobre os 20 anos da Anistia no site da Fundação Perseu Abramo). Acessado em: 13 de março de 2004.

_____, Hamilton Pereira. Entrevista concedida pelo autor em São Paulo (SP), em 4 de fevereiro de 2004.

_____, Hamilton Pereira. Entrevista concedida pelo autor em São Paulo (SP), em 20 de dezembro de 2004.

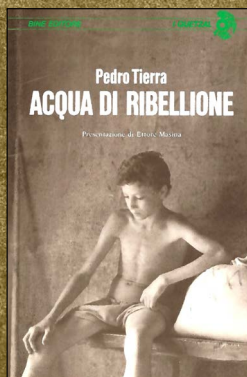
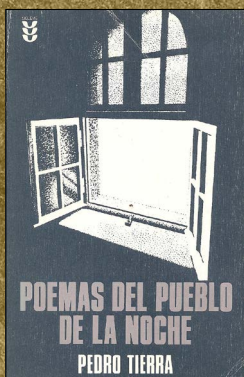
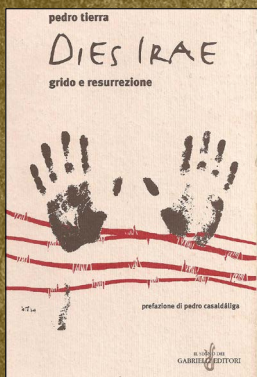
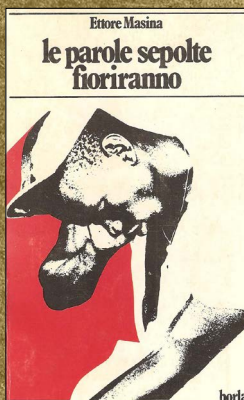
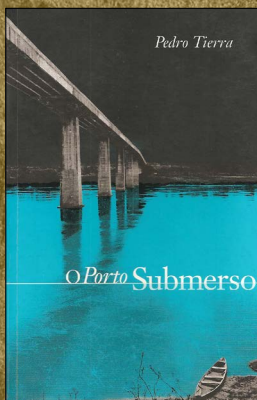
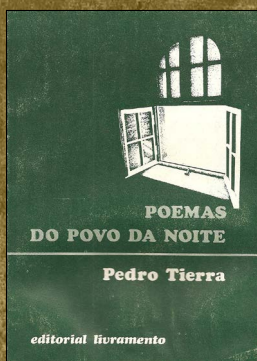
TIERRA, Pedro. *Poemas del Pueblo de la Noche*. Salamanca, Sígueme, 1978.

_____. *Canti del Popolo della Notte*. Tradução de David Turollo. Bologna, Editrice Missionária Italiana, 1981.

_____. *Poemas do Povo da Noite*. São Paulo, Livramento, 1979.

VANNUCHI, Paulo. 2005. Entrevista sobre o livro *Poemas do Povo da Noite*, concedida ao autor em São Paulo (SP), em 16 de fevereiro de 2005.

Reproduções das obras publicadas de Pedro Tierra



Editora Fundação Persau Abramo

ISBN 978-85-7643-069-8



Publisher Brasil Editora

ISBN 978-85-85938-58-1

